

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**

MARIANA TAVARES DE CAMPOS

**AUSÊNCIA PATERNA E SUAS REPERCUSSÕES SOBRE O  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

São Bernardo do Campo  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIANA TAVARES DE CAMPOS

**AUSÊNCIA PATERNA E SUAS REPERCUSSÕES SOBRE O  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós- Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Orientadora: Profa. Dra.Marília Martins Vizzotto.

São Bernardo do Campo  
2010

## FICHA CATALOGRÁFICA

C157a	Campos, Mariana Tavares de Ausência paterna e suas repercussões sobre o desenvolvimento infantil / Mariana Tavares de Campos. 2009. 121 f.  Dissertação (mestrado em Psicologia da Saúde) –Faculdade de Saúde da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009. Orientação de: Marília Martins Vizzotto.  1. Ausência paterna 2. Paternidade 3. Desenvolvimento infantil 4. Identidade sexual I. Título  157.9	CDD
-------	---	-----

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, agradeço especialmente a minha orientadora Profa. Dra. Marília Martins Vizzotto uma excelente professora, não só pelos ensinamentos profissionais e acadêmicos, mas por ser a pessoa que ela é, a qual passou a fazer parte da minha vida. Pelo seu carinho, apoio, dedicação e amizade. Muito obrigada.

À Profa. Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia excelente professora e que teve uma colaboração fundamental para a realização desse trabalho. Com quem pude estabelecer uma relação além da profissional desde a graduação e que teve grande influência na minha vida profissional, pessoal e que certamente continuará no meu coração. Por sua confiança, carinho, apoio, dedicação e amizade. Muito obrigada.

À Profa. Livre Docente Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo pelas valiosas sugestões e auxílio neste estudo.

A todos os professores do programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde pelos ensinamentos profissionais e pessoais.

Aos funcionários da Universidade Metodista de São Paulo, em especial a Andréia, Marisa e Elisângela pelo apoio que sempre me deram.

A todos os amigos da graduação e do mestrado com os quais compartilhei estes anos de formação. E a todos os amigos pessoais pelo carinho, apoio e com quem dividi momentos inesquecíveis ao longo desses anos.

Ao CAPES pelo apoio financeiro essencial para a realização desse trabalho.

Por fim agradeço a meu pai, minha mãe e irmãos pessoas fantásticas que me apoiaram desde o começo. Por tudo o que fizeram e fazem por mim, muito obrigada.

*“Naquela mesa ele sentava sempre e me dizia sempre, o que é viver melhor. Naquela mesa ele contava estórias que hoje na memória eu guardo e sei de cor. Naquela mesa ele juntava gente e contava contente o que fez de manhã. E nos seus olhos era tanto brilho que mais que seu filho eu fiquei seu fã. Eu não sabia que doía tanto uma mesa no canto, uma casa e um jardim. Se eu soubesse o quanto dói a vida essa dor tão doída não doía assim. Agora resta uma mesa na sala e hoje ninguém mais fala no seu bandolim. Naquela mesa tá faltando ele e a saudade dele tá doendo em mim.”*

Sérgio Bittencourt

## SUMÁRIO

	p.
<b>RESUMO</b> .....	08
<b>ABSTRACT</b> .....	09
<b>I. APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>II. ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A PATERNIDADE: FUNÇÃO E EXERCÍCIO</b> .....	14
II. 1. Édipo Rei.....	14
II. 2. A origem do Complexo de Édipo.....	16
II. 3. Sentimentos maternos e participação do pai na gravidez.....	22
II. 4. Repercussões da ausência paterna.....	27
<b>Objetivos</b> .....	35
<b>III. MÉTODO</b> .....	36
III. 2. Participantes.....	37
III. 3. Instrumentos.....	37
III. 4. Local/Ambiente.....	43
III. 5. Procedimento.....	46
III. 6. Aspectos Éticos/Riscos e Benefícios.....	47
<b>IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	48
IV. 1. Caso 1: Angélica.....	48
IV. 2. Caso 2: Natan.....	62
IV. 3. Caso 3: Bernardo.....	77
<b>V. CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA</b> .....	94
<b>VI. REFERÊNCIAS</b> .....	97
<b>VII. ANEXOS</b> .....	104
Anexo A – Roteiro de Entrevista com as mães.....	105
Anexo B – Quadros das Análises das unidades de produção gráfica dos casos.....	108

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	120
Anexo D – Autorização para pesquisa científica.....	122
Anexo E – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	123



## LISTA DE FIGURAS

Fig. 1. Primeira unidade de produção gráfica – Angélica.....	56
Fig. 2. Segunda unidade de produção gráfica – Angélica.....	57
Fig. 3. Primeira unidade de produção gráfica – Natan.....	72
Fig. 4. Segunda unidade de produção gráfica – Natan.....	73
Fig. 5. Primeira unidade de produção gráfica – Bernardo .....	87
Fig. 6. Segunda unidade de produção gráfica – Bernardo.....	89

## RESUMO

O presente estudo teve por objetivos a) investigar as repercussões da ausência paterna sobre o desenvolvimento da criança; b) descrever o conteúdo intrapsíquico de crianças com pais presentes e de crianças com pais ausentes no lar. Para tanto foram estudados três casos de crianças em idade escolar que freqüentavam uma instituição não governamental da cidade de Santos e utilizou-se dos instrumentos entrevista semi-estruturada com as mães e Procedimento de Desenho-Estória com Tema com as crianças. A aplicação foi feita nos seguintes termos, pediu-se ao participante que desenhasse uma criança e, em seguida que contasse uma estória sobre o desenho. Após, foi solicitado à criança que desenhasse o pai dessa criança e que contasse uma estória sobre esse mesmo desenho. Optamos também por aplicar o Teste das Matrizes Coloridas de Raven - Escala Especial com as crianças. Embora cada caso tivesse revelado suas peculiaridades, os resultados mostraram indicativos de distúrbios da identidade sexual, desamparo, insegurança, tendências depressivas, além de associação entre a ausência paterna, déficit cognitivo e/ou inibição intelectual. Foi também observado em um dos casos, dificuldades da mãe em permitir que o pai “paternasse”. Concluiu-se que a ausência paterna foi percebida pela criança não somente como a falta da pessoa do pai no lar, mas sim por sua omissão; somando-se ao fato de que a internalização da figura paterna não pareceu determinada pelo laço biológico, mas sim pela possibilidade de oferecimento à criança de identificação e afeto. Entendeu-se com esse estudo que o desenvolvimento psíquico saudável pode ser facilitado pela introjeção das boas figuras materno/paternas pela criança. Sendo assim, estudos dedicados ao tema da paternidade são tão importantes de serem explorados na atualidade quanto o foram aqueles destinados à maternidade ao longo da história da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise.

**Palavras-chave:** ausência paterna; paternidade; desenvolvimento infantil; identidade sexual.

## ABSTRACT

This study aimed at a) investigating the effects of father absence on child development, b) describing the intrapsychic content of children with present parents and children with absent fathers in their homes. Therefore, three cases of school-age children who attended a non-governmental organization in the city of Santos were studied and the tools of semi-structured interviews were utilized with the mothers and The Drawing-Story with Theme with the children. Application was made as follows the participant was asked to design a child and then tell a story about the drawing. Thereafter, the child was asked to draw the father of this child and tell a story about this same design. We decided also to apply the The Raven's Coloured Progressive Matrices with the children. Although each case had its peculiarities, the results showed indications of disturbances of sexual identity, helplessness, insecurity, depressive tendencies, and the association between father absence, cognitive deficit and / or intellectual inhibition. It was also observed in one case, the mother's difficulty in allowing the father to fulfill his role as "father". It was concluded that father absence was perceived by the child not only as the absence of the father in the home, but by its omission: adding to the fact that the internalization of the father figure did not seem determined by the biological connection, but by the possibility of offering the child identification and affection. It would appear from this study that healthy psychological development can be facilitated by the introjection of good mother / father figures for the child. Thus, studies devoted to the theme of fatherhood are as important to be explored today as the ones intended to motherhood through the history of developmental psychology and psychoanalysis.

**Keywords:** father absence; fatherhood; child development; sexual identity.

## **I. APRESENTAÇÃO:**

A complexidade da sociedade moderna, no que se refere às mudanças no âmbito do trabalho, dos transportes urbanos, da moradia e das relações sociais, dá indicativos de forte influência nas relações psicoafetivas e, portanto, na dinâmica das relações familiares na contemporaneidade. Não é de surpreender que vêm apresentando um crescimento as organizações familiares “alternativas”, conforme indicam os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009) entre os anos de 2004 a 2007. Uma das características mais comuns dessas organizações familiares é a ausência física do pai no lar.

No Brasil, as informações do IBGE apontam que no ano de 2005, o número de separações judiciais (100.448) concedidas foi 7,4% maior que em 2004, retomando uma trajetória de crescimento. Os divórcios concedidos também tiveram acréscimo, de 15,5%, em relação a 2004, passando de 130.527 para 150.714. Na região Norte, o crescimento foi de 17,8% e na Sudeste, de 21,8%. Observa-se, entretanto, que abaixo da média nacional estiveram as regiões Nordeste (15%), Sul (5,8%) e Centro-Oeste (2,9%). Quanto à natureza, 76,9% das separações judiciais concedidas em 2005 foram consensuais, 22,9% se caracterizaram como não-consensuais e 0,02% não tiveram natureza declarada. A região Nordeste foi a que teve o maior percentual de separações judiciais não-consensuais (35,1%), enquanto que no Sudeste a maior proporção foi de separações consensuais (79%).

Em 2006, esse mesmo instituto apontou que o número de separações judiciais concedidas foi de 1,4% maior que em 2005, somando um total de 101.820. De 1996 a 2006, os dados mostraram que a separação judicial manteve o patamar mais freqüente e o divórcio atingiu a maior taxa dos últimos dez anos. Com a ausência do pai e também a inserção da mulher do mercado de trabalho, um outro dado que continua a crescer é o de famílias chefiadas por mulheres. É possível encontrar mães solteiras, mães separadas com filhos já criados ou até mesmo viúvas, cujos filhos permanecem em casa por opção ou necessidade. De 1995 a 2005, a percentagem de famílias chefiadas por mulheres com filhos e sem cônjuge passou de 17,4% para 20,1% no Nordeste e, no Sudeste, de 15,9% para 18,3%.

No ano seguinte, 30 anos depois de instituído, o divórcio atingiu sua maior taxa na série mantida pelo IBGE desde 1984. Nesse período a taxa de divórcios teve crescimento superior a 200%, passando de 0,46%, em 1984, para 1,49%, em 2007. Em números absolutos os divórcios concedidos passaram de 30.847, em 1984, para 179.342 em 2007. Em relação à natureza das separações realizadas no Brasil, em 2007, a maior parte delas foi consensual (75,9%). As separações não-consensuais representaram 24,1% do total.

Os dados acima indicam certa mudança na estrutura das famílias e, por conseqüência, um maior índice de ausência da pessoa do pai no convívio com a família.

Esses indicativos de mudanças familiares e a própria ausência do pai do convívio familiar têm preocupado estudiosos, clínicos e a sociedade em geral, no que tange as suas conseqüências sobre os membros da família e sobre o desenvolvimento da criança. A psicologia tem se voltado para estudos sobre o desenvolvimento infantil desde seus primórdios como ciência independente e, ao incorporar a psicanálise como uma de suas abordagens na compreensão do fenômeno comportamental, debruçou-se profundamente sobre a observação e descrição das relações mãe-criança e a importância materna no desenvolvimento humano.

O pai tem sido menos estudado. Talvez essa escassez possa revelar uma influência da sociedade ocidental de cultura patriarcal sobre a ciência, uma vez que coube ao homem um lugar de provedor na família, deixando-lhe distante do espaço familiar e dos cuidados com os filhos. O papel de pai, talvez pela maior inserção da mulher no mercado de trabalho, foi também transformado pela mesma na sociedade atual. Desse modo, esse pai passa a ocupar um lugar não só de provedor financeiro, mas também com uma participação mais efetiva no cotidiano da família e no trato com os filhos, fundamental no desenvolvimento da criança desde o momento de sua concepção.

No campo psicanalítico, não há dúvidas de que Arminda Aberastury (ABERASTURY, 1978) foi uma das pioneiras, ao extrair da obra de Melanie Klein as contribuições sobre a importância paterna no desenvolvimento e instalação do Édipo precoce e ampliou seus conceitos e concepções.

Assim, ainda que timidamente, a partir dessas inovações, alguns trabalhos de cunho científico foram sendo realizados. Mesmo que numa proporção menor em relação aos estudos dedicados à importância da mãe no desenvolvimento da criança, alguns autores se inclinaram para um estudo mais pormenorizado da função e exercício paterno nessas últimas décadas, sob diferentes recortes (MANHÃES, 1981; PARSEVAL, 1986; VIZZOTTO, 1994; SCHNEIDER, TRINDADE, MELLO, BARRETO, 1997; AMATO, GILBRETH, 1999; NOTO, 2001; ÂNGULO, 2002; PICCININI, SILVA, GONÇALVES, LOPES, TUDGE 2004; GOMES, RESENDE 2004; BUSTAMANTE, 2005; BORNOLDT, WAGNER, STAUDT, 2007; BORNOLDT, WAGNER, STAUDT 2007 ; FREITAS, COELHO, SILVA 2007, FREITAS, SILVA, COELHO, GUEDES, LUCENA,COSTA 2009; GOETZ, VIEIRA, 2009).

Nos anos oitenta e noventa, os estudiosos, como Parseval (1986), Vizzotto, (1994) e Schneider *et. al.* (1997), já procuram estudar não as crianças, mas os próprios homens em seu exercício paterno e descreveram emoções e reações desses em face à paternidade, destacando uma expressão mais clara de comportamentos e sentimentos do homem pós-moderno face à vinda de um filho ou sobre o acompanhamento de sua educação e crescimento. Schneider *et. al.* (1997) identificou que a paternidade tem sido percebida pelos pais com preocupações tanto ao relacionamento pai-filho, quanto à educação dos filhos, além da busca constante de maior proximidade dos filhos e da esposa. Aponta para o fato de que a paternidade vem sofrendo alterações em seu modo de ser experienciada e evidenciou que, tanto no envolvimento afetivo como na divisão de tarefas entre pai e mãe, ambos podem compartilhar do cuidado com os filhos.

Estudos mais recentes que buscaram demonstrar mudanças de comportamento e de papel social na relação pais-filhos e maridos-esposas devem ser ressaltados. Um estudo que demonstra essa mudança no papel paterno é o de Silva e Piccinini (2007) que buscou compreender, por meio de uma abordagem qualitativa, os sentimentos relacionados à paternidade e o envolvimento paterno de pais casados que tinham filhos únicos. Os resultados destacaram satisfação com a paternidade. Eles afirmaram que estavam felizes no desempenho desse papel, consideram-se bons pais, presentes e próximos de seus filhos; referiram-se a um relacionamento alegre e prazeroso, bem como satisfeitos ao dividirem com suas esposas as responsabilidades pelas crianças. Os achados do estudo revelaram que os pais podem ter uma ampla participação na vida dos seus filhos, não restringindo seu envolvimento apenas ao sustento financeiro.

Outro aspecto que parece também sofrer modificações é em relação ao papel da mulher. Perucchi e Beirão (2007) investigaram as concepções que mulheres chefes de família têm sobre a paternidade. Os resultados apontam que as concepções dessas mulheres a respeito da paternidade remetem à valorização de uma perspectiva do pai participativo e presente, não apenas como provedor, mas, fundamentalmente, como educador. Concepções construídas a partir de um fazer cotidiano reconhecido por elas como próprios de pais e de mães são funções que elas afirmam desempenhar concomitantemente.

Dessa maneira, observamos que homens e mulheres compartilham de uma mesma concepção a respeito da paternidade e que existe concordância entre as respostas de pais e mães no que se refere à divisão de tarefas na criação dos filhos, como foi verificado por Wagner, Predebon, Mosmann, Verza (2005). Além da divisão de tarefas, atualmente é constatada ainda uma emergência dos chamados casais de dupla carreira, que, segundo

Monteiro (2001), nenhum dos esposos está disposto a subordinar as expectativas do trabalho às expectativas familiares. Para o autor, ambos estão comprometidos tanto no investimento pessoal na carreira quanto na vida familiar. Essa dedicação de ambos os cônjuges à família e à profissão sinalizam uma mudança fundamental desse tipo de casal em comparação ao relacionamento conjugal tradicional.

A partir dessas considerações, podemos compreender o que classicamente Aberastury (1978) havia afirmado sobre a higiene mental de um transtorno infantil. Segundo a autora, essa consideração deve começar pelo cuidado e pela orientação aos pais desde o momento da concepção para depois seguir com uma preparação que os torne capacitados para receber o filho e criar-lhes as condições necessárias para um bom desenvolvimento. Ao estudar os temas expostos anteriormente, podemos observar como afirma a mesma autora, a importância que teve, nas últimas décadas, a função do pai na saúde mental da criança, bem como nos seus aspectos preventivos e terapêuticos. Esse interesse obriga, indubitavelmente, ao estudo da função do pai da mesma maneira que nos anteriores os especialistas se dedicaram à compreensão da função materna.

Sendo assim, com a mudança de concepção da paternidade e com o número crescente de crianças se desenvolvendo sem a presença de seu pai, perguntam-se: A ausência da figura paterna traz danos ao desenvolvimento infantil?

Por essa contextualização entendemos que o presente estudo se faz pertinente, pois compreender o que essa ausência paterna representa na vida de uma criança é de real importância sob o ponto de vista psicológico. Assim sendo, torna-se importante para a compreensão desse fenômeno, tecer algumas considerações teóricas acerca do desenvolvimento humano e da função da figura paterna nesse desenvolvimento. De modo que a função e o exercício paternos e sua importância no desenvolvimento da criança são explorados nos capítulos seguintes e nessas contribuições teóricas de base psicanalítica se assentará o presente estudo.

## **II. ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A PATERNIDADE: FUNÇÃO E EXERCÍCIO.**

Neste estudo, partimos do pressuposto teórico, numa visão psicanalítica, do que significa para a criança a função do pai sobre seu desenvolvimento e como se dá esse exercício paterno. As referências ao tema da paternidade encontram-se, basicamente nas teorizações sobre o Complexo de Édipo, concebido por Sigmund Freud, como um fenômeno universal. Dessa forma, torna-se interessante tecermos algumas considerações sobre a tragédia.

### **II. 1. Édipo rei**

A psicanálise encontrou nos mitos e nas lendas a exemplificação das neuroses que afligem a humanidade. De acordo com Aberastury (1978), Freud enfatizou que o complexo de Édipo é a chave das neuroses infantis e adultas. A denominação de complexo de Édipo foi tomada de uma obra de Sófocles, na qual Édipo, o herói da tragédia, mata o pai e casa-se com a mãe. Mas, para a autora, Freud, nesta formulação, altera (de forma inconsciente) o texto do dramaturgo grego, pois evitou ou reprimiu o que os pais sentem e atuam em relação a seus filhos, considerando somente a situação da criança frente a seus pais.

A autora exemplifica essa questão afirmando que, o pai de Édipo, chamado Laio, é fundamental e decisivo para compreender o destino de seu filho e não aparece no comentário de Freud. Todos conhecem a lenda grega do Rei Édipo que, tendo sido condenado pelo destino a matar seu pai e desposar sua mãe, faz todo possível para escapar à predição do oráculo, mas não consegue e se castiga arrancando-se os olhos quando descobre que, sem saber, cometera os dois crimes que lhe haviam sido preditos. A autora afirma que ao fazer uma leitura da tragédia em questão, observou-se que a mesma surge não como resultado do incesto e do parricídio, mas da vida de Laio e da maldição que lhe rogara o pai de Crisipo.

Laio foi exilado de Tebas por sua vida desregrada, no dizer de alguns críticos, no qual não se descartava o homossexualismo. Refugiou-se em Pélope, cujo rei lhe brindou com sua amizade e confiou-lhe a educação de seu filho Crisipo. Laio educou Crisipo, mas também perverteu-o, iniciando-o no homossexualismo. Um dia Laio levou Crisipo para passear e não voltou mais. O pai de Crisipo amaldiçoou-o pelo rapto de seu filho. Pediu que Laio nunca tivesse um filho ou, se o tivesse, que a morte o atingisse através dele. Tempos depois Laio casou com Jocasta e voltou a Tebas. Preocupado com a maldição, decidiu consultar o oráculo



de Apolo, o qual lhe disse que seu filho lhe daria a morte e se casaria com sua mãe. Para escapar ao oráculo quis matar seu filho. Fez com que o pendurassem pelos pés e deixassem-no com cicatrizes nos tornozelos. Édipo foi encontrado por um pastor que o entregou a Políbio e Mérope, reis de Corinto, cujo matrimônio havia sido estéril. É assim que Édipo foi educado em casa real. Mas Édipo pressentia que aqueles não eram seus pais. Interrogou Políbio e Mérope os quais diluíram suas idéias, mas ainda em dúvida, consultou o oráculo de Delfos, que só lhe respondeu que ele daria a morte a seu pai e casaria com sua mãe. Temeroso da predição do oráculo, pois sentia grande carinho por Políbio e Mérope, fugiu para Tebas. Em uma encruzilhada, teve um encontro com Laio e por causa de uma discussão matou-o ignorando sua identidade. Creon, irmão de Jocasta e regente de Tebas, havia oferecido o reino através da mão de sua irmã, a quem liberasse Tebas da peste que a assolava. Édipo resolve o enigma da Esfinge e fica convertido em rei de Tebas e cônjuge de sua própria mãe, com quem concebeu dois filhos: Polinice e Edíocle e duas filhas: Ismene e Antígona. Um acúmulo de evidências faz com que Édipo descubra seus crimes. Horrorizado ante os fatos, Édipo arranca os próprios olhos. Jocasta se enforca. Édipo se retira de Tebas guiado por sua filha Antígona (ABERASTURY, 1978).

Chama atenção para Aberastury (1978) que Freud só extraiu da obra sofocliana a relação incestuosa mãe-filho, omitindo a homossexualidade e o parricídio. De acordo com a autora, Freud estava fixado à sua mãe, por isso negava a existência de agressão do varão à mãe. Por isso desconhece na obra de Sófocles a agressão primária de Jocasta contra Édipo, a quem quis destruir, e logo a de Édipo contra Jocasta. Na organização social grega, o filho varão era de importância fundamental já que era ele quem herdava a religião familiar. Roubar o filho era violar a tradição relativa ao culto dos mortos. Freud não o ignorava e por isso seu silêncio a respeito é significativo. Na tragédia, não se coloca em dúvida a responsabilidade de Laio, como também, ninguém culpa Édipo. Tanto os personagens como o coro têm simpatia pelo casal Jocasta- Édipo. Os atenienses nunca teriam julgado e condenado Édipo. Freud eliminou isso, pois ali estava o núcleo de sua própria neurose. Na tragédia, Jocasta se mata e Édipo arranca os próprios olhos. Freud chama isso de desdobramento de castração. Essa cegueira é uma tentativa de negar-se de ver. Esta é a negação psíquica do sofrimento interno, mecanismo de negação estendido para negar os acontecimentos e sentimentos que os haviam conduzido a isso.

Sendo assim, Aberastury (1978) afirma que os termos centrais esquecidos por Freud são a importância de Laio no destino de Édipo, cuja homossexualidade e maldição que pesa sobre ele e seus descendentes por haver raptado a Crisipo, rapto de um filho que na Grécia,

dessa época, cobrava maior transcendência porque a casa real de Crisipo ficava sem descendência e não se podia manter a religião familiar. Dessa maneira, a autora ainda assegura que, por mais que Freud tenha se apoiado no Édipo de Sófocles para descrever o complexo de Édipo, ele deformou grande parte do conteúdo da tragédia, eliminando situações e invertendo o conteúdo de outras. Na tragédia de Sófocles, a culpa que paga Édipo é a de seu pai, enquanto as maldições foram contra Laio e os descendentes de Laio, razão pela qual devemos remontar às origens do próprio Laio. Quando Freud faz referência a esta tragédia insiste em que Édipo se cega por haver cometido o parricídio e incesto. Na obra de Sófocles se destaca permanentemente que Édipo mata em defesa própria e que o incesto não era penalizado pelos gregos (ABERASTURY, 1978).

Assim, evidencia-se que na obra de Freud, a partir de sua interpretação da tragédia “Édipo Rei”, a mãe é concebida como figura central para o desenvolvimento psíquico do sujeito, tendo uma importância singular como o primeiro objeto sexual, modelo de todas as relações amorosas posteriores, tanto para o homem quanto para a mulher. O pai só seria importante para a criança em um momento futuro, visto como apenas uma figura de autoridade e de apoio para a mãe. No entanto, a grande contribuição de Aberastury, ao realizar uma releitura da tragédia, é a história do pai de Édipo (Laio), que é fundamental para que se possa compreender o destino do filho. A partir disso pode-se considerar que o pai tem uma importância no desenvolvimento da criança desde sua concepção, o que antes foi negligenciado.

## **II. 2. A origem do Complexo de Édipo**

Como descrito anteriormente, o denominado Complexo de Édipo foi apresentado por Freud como a chave das neuroses infantis e adultas, situando a problemática sobre o triângulo mãe-pai-filho no final da primeira infância, entre os três e cinco anos de idade. Durante a fase do complexo de Édipo normal, segundo Freud (1931), encontramos a criança ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento com o genitor do seu próprio sexo é predominantemente hostil. No caso do menino, seu primeiro objeto amoroso é a mãe e, com a intensificação de seus desejos eróticos e compreensão interna mais profunda das relações entre o pai e a mãe, o primeiro está fadado a se tornar seu rival.

Com relação à menina, igualmente seu primeiro objeto de amor é a mãe, uma vez que, as condições primárias para uma escolha de objeto são, naturalmente, as mesmas para todas as

crianças. No entanto, ao final do desenvolvimento dela o pai (um homem) torna-se seu objeto amoroso (FREUD, 1931).

Todavia, para Melanie Klein a origem do complexo de Édipo não se dá apenas no final da primeira infância, e sim, quando a criança ainda é bebê. De acordo com Heimann (1952) o progresso nas funções do ego, que resulta na capacidade de reconhecer pessoas individuais, amplia decisivamente o mundo infantil. Quando a criança passa a integrar as múltiplas impressões (anteriormente isoladas e dissociadas), no conceito de uma pessoa, ela se encontra, de fato, com duas pessoas - mãe e pai- e essa nova situação abrange as suas interrelações. Sendo assim, suas experiências emocionais não apenas aumentam em quantidade, mas também em qualidade, pois entra na relação objetal do tipo triangular com uma significação especial. Esse primeiro conjunto triangular representa a origem do complexo do Édipo, que é diferente do denominado clássico complexo de Édipo descrito por Freud.

Para Heimann (1952), o começo do complexo de Édipo é um estágio primitivo, caracterizado pelos impulsos instintivos da criança apresentados como “polimorficamente perversos”. O novo e importantíssimo fator, que representa um problema de primeira grandeza para a criança, reside nas interrelações parentais. Esse fator é novo, segundo a mesma autora, pois em seus primeiros trabalhos, Freud estava quase exclusivamente interessado no aspecto libidinal das experiências infantis e descrevia as suas observações em termos dos movimentos da libido, em vez de preocupar-se com os sentimentos e fantasias da criança. Enfatizou o grande significado das experiências libidinais infantis por meio do contato da criança com o seio materno, seu primeiro objeto, contudo, argumenta autora, não aprofundou a análise de seu conteúdo, as emoções e fantasias envolvidas nessas primeiras experiências. Com efeito, a maior parte dos escritos de Freud, dá a entender que não pensava que a criança formasse relações objetais em seus primeiros anos de vida.

Por outro lado, a obra de Melanie Klein, ocupou-se extensamente das primitivas relações objetais; suas pesquisas, assim como as de seus colaboradores revelaram o autoerotismo sob uma visão diferente.

Nessa perspectiva, desde bebê, a criança, percebe que existem intimidades físicas entre os pais e, até esse ponto, está reconhecendo uma realidade, mas essas intimidades são determinadas pela projeção, ou seja, uma distorção da realidade. Os pais fazem um ao outro o que a criança gostaria de fazer. A agitação oral, uretral, anal e genital coexistem, formando um padrão caótico, justaposto e entrecruzado, um estado de reivindicações rivais, inerentemente frustrantes e frustradas pelo mundo exterior. Os anseios libidinais misturam-se com os destrutivos e as tendências hostis são ainda mais estimuladas em virtude da frustração

e do ciúme. Impotência e onipotência coexistem e há predomínio da fantasia sobre a realidade, bem como a confusão entre impulsos e objetos. O que é desejado ou temido é tratado como um acontecimento real e a ansiedade e frustração são sentidas como perseguição pelos objetos (HEIMANN, 1952).

No pensamento/sentimento infantil, ainda de acordo com Heimann (1952), as excitações instintivas significam muitas atividades específicas. Assim, os impulsos orais conjugam-se com fantasias de chupar, espremer, morder, dilacerar, cortar, esvaziar e exaurir, engolir, devorar e incorporar o objeto. Já os anseios uretral-anais dizem respeito a queimar, inundar, afogar, expelir ou explodir, sentar-se sobre e dominar o objeto. O impulso para envenenar e macular o objeto ocupa como que uma posição intermediária entre os impulsos orais, uretral-anais; cada órgão pode ser sentido como um meio de aquisição do objeto desejado e de atacá-lo com ódio. Essa condição dos impulsos instintivos e fantasias da própria criança representam o material, os recursos dos quais ela se vale quando ocupada com as relações entre os pais. O resultado, neste caso, leva a criança a formar noções de algo extraordinariamente perigoso e aterrador, tendo a cena primordial suas raízes nas fantasias infantis que atuam no início do complexo de Édipo.

Outro aspecto da situação do complexo de Édipo, no início da infância, refere-se às fantasias de incorporação, ou seja, embora os impulsos instintivos de todas as fontes corporais operem de modo concorrente, os mecanismos orais predominam, numa constelação *primus inter pares* (primazia oral). Isso quer dizer que as fantasias de incorporação prevalecem na relação da criança com os pais. Estes pais são internalizados não só como indivíduos, mas também enquanto casal, uma vez que a “figura parental combinada”, cujas perigosas atividades têm lugar dentro do eu e do corpo da criança. Todas as ansiedades sobre perseguição interna, que na fase anterior se relacionavam com os objetos parciais, são agora suscitadas e intensificadas em relação aos pais combinados. Tal incorporação também participa das fantasias sobre a intimidade parental pelo que a criança acredita que eles se incorporam mutuamente.

A criança acredita que seus pais se incorporem mutuamente e tal incorporação traduz parte de suas fantasias sobre a intimidade parental. Estas fantasias explicam a intolerância da criança sobre a união parental, na medida em que a interpretação canibalesca da cena primordial conduz ao medo pela morte dos pais, o que significaria a sua própria morte. A partir desse medo surgem muitas outras fantasias libidinais e assustadoras (HEIMANN, 1952).

A criança imagina que, atribuindo seus próprios impulsos aos pais (projeção) em sua união sexual, a mãe incorpora o pênis do pai e o trata oculto no corpo e o pai, por sua vez, faz o mesmo com o seio materno. Essa mãe com um pênis interno desempenha um papel formidável nas fantasias da criança, pois parece possuir tudo o que a criança deseja, dá-lhe pouco e é a rival diante do pai. O ressentimento é intensificado se estiver realmente em curso o desmame, gerando frustração, inveja e raiva que darão origem a impulsos violentos como o de penetrar à força no corpo da mãe e roubar-lhe o que ela detém. Nessa mãe com o pênis interno e escondido, reconhecemos uma precursora da “mulher fálica”, ou seja, uma figura feminina com órgãos genitais masculinos. Os trabalhos de Melanie Klein atribuíram a origem da mulher fálica à mãe, no início do complexo de Édipo, quando, em concordância com a primazia dos impulsos instintivos orais, as fantasias de incorporação predominam e conduzem à noção de um pênis interno que a mãe conserva dentro de seu próprio corpo (HEIMANN, 1952).

Conquanto o menino, em suas sensações genitais, experimente impulsos penetrativos masculinos em relação à mãe (complexo de Édipo), ele também a sente como rival no tocante aos seus anseios receptivos femininos, dirigidos tanto para o pai como para a mãe com o pênis do pai.

Assim, a sua “posição feminina”, derivada dos impulsos incorporativos orais, conflita com o desenvolvimento da sua masculinidade; o complexo de Édipo invertido é uma parcela importante do caótico estado polimórfico no início do conflito nuclear. A identificação com o primeiro objeto de amor, a mãe, resultante da introjeção intensifica os componentes heterossexuais da menina e os homossexuais do menino na bissexualidade inata (HEIMANN, 1952).

Gradualmente, a criança desenvolve a capacidade para as percepções realistas e, concomitantemente, ela progride no sentido do estabelecimento de uma zona genital. Esse processo implica a superação dos propósitos e anseios pré-genitais, um esclarecimento de muitos conceitos, por exemplo, o reconhecimento das diferenças entre as várias partes e funções do corpo e o domínio sobre os impulsos destrutivos. Do padrão caótico dos anseios instintivos do primitivo complexo infantil de Édipo resulta a cristalização da escolha heterossexual de objeto por parte da criança e o desejo de dar ou receber um filho (HEIMANN, 1952).

Nesse processo de crescimento, unificação e esclarecimento que se estende pelos primeiros anos da infância, a introjeção e a projeção fazem importantes contribuições no sentido de se modificarem os mundos interior e exterior e de se atenuarem a perseguição e sua

contraparte, a idealização. A criança perde cada vez mais sua impotência e onipotência, da mesma forma que e os pais perdem as características de deuses e monstros. Isso ocorre simultaneamente com uma transformação das fantasias infantis sobre os pais internos. A criança acaba sentindo-os cada vez menos como objetos físicos dentro de seu próprio corpo e cada vez mais como idéias e princípios para a orientarem e advertirem em seus tratos com o mundo. Assim, das noções primitivas sobre partes e pessoas incorporadas, nasce, gradualmente, o sistema do superego (HEIMANN, 1952).

A partir dessas considerações, a aceitação do complexo de Édipo precoce impôs a necessidade de reavaliar a importância da figura do pai neste período, como afirmou Aberastury (1978). A respeito dessa função Manhães (1981), Parseval (1986), Vizzotto (1994) e Noto (2001) consideram como função paterna não apenas o fato do pai compor a dupla mãe-filho, como sustentação ou mesmo como interditor, mas como uma presença real e afetiva que tenha a maturidade de assistir ao momento simbiótico imprescindível (incluindo aqui a gravidez) como um momento em que junto com a mãe, estão recebendo e alicerçando um novo ser. Sendo assim, essa função paterna refere-se à possibilidade do pai ocupar de fato seu lugar na estruturação psíquica do filho, uma presença com referencial único, diferente e complementar ao materno.

No entanto, uma questão relevante colocada por Noto (2001) é a de saber se é possível ao pai entrar na relação quando a mãe não permite. A autora exemplifica situações em que a mulher-mãe funciona como a abelha rainha, que uma vez fecundada mata o zangão que a fecundou. Nascimento e Monteiro (2007) também afirmam que nessas situações a mãe mantém o filho como objeto único de seu desejo. Para os autores, quando a mãe que se coloca nesta posição não permite que a figura paterna realize a interdição, portanto a criança fica aprisionada a uma relação simbiótica. Nestas situações, nas quais o filho está aprisionado aos desejos da mãe, não é possível a ele desejar, isso faz com que perpetue sua infantilização.

No entanto, vale ressaltar que não podemos atribuir uma dinâmica tão perversa a somente um dos elementos do casal e supõe que esse pai escolheu essa mulher-abelha-rainha para ser sua parceira na concepção de um filho por razões mais profundas. Noto (2001) levanta a hipótese de que a escolha feita por esse pai imaginário seria a de que ele, submetido à sua própria mãe, sente que não têm direitos a ser pai e que seu filho deva ser entregue à mãe como restituição de algo que, fantasiosamente, roubou dela na infância.

Sobre essa sensação de não se sentir com direito à própria paternidade, constitui-se em uma dinâmica frequentemente encontrada em homens com dificuldades em assumir a função paterna. Noto (2001) discorre sobre essas dinâmicas afirmando que, às vezes, o desejo de

cuidar de seu bebê remete o pai a situações primitivas de sua própria vida, nas quais, num primeiro momento de identificação com sua própria mãe, desejou poder ter um filho com o pai. A vivência do desejo de cuidar do bebê, culturalmente considerado feminino, pode instigar no pai o medo de reviver essas fantasias homossexuais, o que pode atrapalhar a relação com sua própria paternidade.

Um outro fator que pode dificultar o exercício da função paterna está relacionado com a condição psíquica da relação que o homem tem com seu próprio pai enquanto objeto interno. Se o olhar desse pai interno é vivido como um olhar persecutório, que está sempre fiscalizando se o filho cumpre ou não o pacto de submissão eterna como sinal de aliança, essa relação passa a ser extremamente ameaçadora para o filho tornar-se pai e estabelecer a aliança, agora com seu próprio filho. Isso pode dar lugar ou a um terror muito grande ou a uma culpa imensa, mas ambos os sentimentos que paralisam a possibilidade criativa. Contudo, se, por outro lado, o pai pode sentir-se autorizado por seus objetos internos a exercer e valorizar a própria paternidade poderá então se identificar com essa função a ser um pai entusiasmado que percebe o quanto seu filho lhe é importante.

Ao falarmos do pai, estamos abordando a relação dinâmica triangular e, sendo assim, não podemos deixar de falar da mãe que pode por meio de sua história pessoal intervir, facilitar, dificultar ou até mesmo impedir o exercício da função paterna. Para Noto (2001), a mãe que tem o pai como algo bom dentro de si (e isso pressupõe boas relações com seus próprios objetos internos) pode viver seu parceiro como um outro que a complementa e que é complementado por ela, possibilitando, deste modo, uma presença clara e forte do pai na relação com o filho desde os primórdios da gestação.

Esse casal parental que consegue funcionar como dupla complementar, que tem uma existência real, não necessariamente concreta, mas como realidade psíquica para ambos, parece ser a fonte primordial da saúde. Assim, estar presente como pai, envolve múltiplos sentidos, tanto concretos quanto psíquicos, como afirma Bustamente (2005). Os pais dos dias de hoje têm, segundo Bornboldt, Wagner e Staudt (2007), a possibilidade de refletir a paternidade podendo questionar antigos valores e definições de modo a permitirem que surjam novas concepções e uma nova forma de vivenciar este papel.

### **II. 3. Sentimentos maternos e participação do pai na gravidez**

A gravidez é um período marcado por transformações na vida da mulher bem como de seus familiares. É uma fase em que emergem dúvidas, preocupações, inseguranças diante de novas responsabilidades. Dessa maneira, a gravidez é um período carregado de ansiedade que foi sistematizado por Soifer (1977) da seguinte maneira: início da gestação, formação da placenta (2º e 3º mês); percepção dos movimentos fetais (3 meses e meio); pela instalação franca dos movimentos (5 meses); versão interna ( de 6 meses e meio em diante); no início do 9º mês; nos últimos dias antes do parto. Em cada uma dessas etapas há acessos de ansiedade que podem durar dias ou semanas e chegar a produzir sintomatologia física própria ou, até mesmo, provocar aborto ou parto prematuro. Caracteriza-se ainda por fantasias bem determinadas e específicas. O conhecimento desses aspectos, continua a autora, possibilita ao profissional realizar higiene mental, a fim de prevenir um agravamento posterior.

Há de se considerar, segundo Soifer (1977), que a gravidez é uma situação que envolve não apenas a mulher, mas também seu companheiro e o meio social imediato que, inevitavelmente, a acompanham em seu processo psicológico de regressão. Para essa autora, o período de gravidez produz uma situação de conflito entre uma tendência maternal e outra de rejeição (desejo e contradesejo). Essa balança do querer e do não querer, da aceitação e da não aceitação, foi denominada de ambivalência por Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979). A situação de ter um filho, argumentam as autoras, é algo profundo demais para suscitar apenas um tipo de sentimento; ao contrário, faz surgir toda uma gama de sensações das mais variadas em diferentes intensidades. Mesmo quando a vinda de um filho é desejada, há sempre uma parcela de dúvida. Sobre essa rejeição, Soifer (1977) assegura que é baseada em evidências persecutórias que se devem à elaboração do conflito edipiano e que o mecanismo mais útil para resolver o conflito é a negação, considerado, portanto, normal na gravidez.

Para muitas pessoas, é difícil dar-se conta desses sentimentos variados em relação ao filho porque vivenciam o lado de não querer como algo errado e inaceitável e tentam, portanto, abafar e negar até mesmo para si próprias a existência desses sentimentos ou, então, passam a enxergá-los no parceiro. Muitas vezes, a mulher queixa-se de que o homem mostra-se indiferente e desinteressado pelo bebê que está sendo gerado, como se precisasse enxergar nele os sentimentos “maus”, para que, desse modo, ela possa ficar somente com os sentimentos “bons”. No entanto, tomar consciência da existência da ambivalência é fundamental, pois ela vai manifestar-se de inúmeras formas no decorrer da gestação e após o nascimento do bebê (MALDONADO; NAHOUM; DICKSTEIN, 1979).



É comum também, a partir do segundo mês, aparecer náuseas e vômitos, que, segundo Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979) em parte, devem-se as enormes mudanças hormonais e metabólicas que se processam no corpo da mulher e, quando muito intensos, podem significar uma expressão ambivalência, a manifestação da parte que não quer o filho. Outro aspecto relevante relacionado com a psicopatologia das náuseas e vômitos, para Soifer (1977) é o temor da incapacidade de dar à luz e nutrir uma criança. Segundo a autora, esse temor pode estar enraizado em um componente geral da personalidade e ainda derivado da situação econômica, quando esta é realmente precária ou quando aparece como fantasia, por deslocamento das ansiedades inconscientes.

Como já foi dito anteriormente, a gravidez é um fenômeno complexo que não envolve apenas a mulher como também seu companheiro e o meio social. De modo que, a gravidez tem repercussões muito importantes no pai, a ponto de Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979) utilizarem o termo “casal grávido”. Dessa maneira, a comunicação dos movimentos por parte da esposa e a evidência do estado de gravidez criam também no homem um clima de ansiedade, de acordo com Soifer (1977). Para a autora, essa ansiedade pode assumir diversas expressões conscientes: a sensação de fealdade da esposa e a conseqüente rejeição, um sentimento exagerado de necessidade de proteção com fantasias intensas de temor ao dano que a mulher possa sofrer; a tendência a submeter-se a ela, apaziguá-la, satisfazê-la em tudo ou conviver com seu despotismo e tirania. As fantasias inconscientes que correspondem a essas sensações estão relacionadas com o conflito edipiano, particularmente com o ressentimento com relação à gravidez, real ou fantasiada da própria mãe com as sensações de exclusão e, basicamente, com a inveja daquilo que a mulher tem e ele não. Essa exclusão gera no homem, segundo Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979), sentimentos semelhantes às sensações da mulher: náuseas ou aumento de apetite e de sono; tenta sentir o filho colocando a mão no ventre na mulher para captar-lhe os movimentos, procura todas as informações disponíveis a respeito da gravidez, parto e cuidados com o bebê. Vizzotto (1994) investigou aspectos da psicodinâmica da paternidade em homens cujas esposas encontram-se grávidas do primeiro filho e verificou o surgimento nesses pais dessas reações sintomáticas variadas, alterações do sono, do estado de ânimo, alterações alimentares e das atividades sexuais.

Sobre essa base vai-se instalando e formando o amor paternal, que não é inato e sim adquirido, primeiro por identificação com o próprio pai e depois na relação conjugal, como afirma Soifer (1977). Todavia, para Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979), há o homem que evita envolver-se com a gravidez da mulher e, em diferentes graus de intensidade, coloca-se à margem de todo o processo, participando pouco, inclusive depois que o bebê nasce; é como se

a gravidez, o parto e os cuidados com o bebê fossem coisas exclusivamente femininas às quais ele não pode ou não deve ter acesso.

Fica evidente que a gravidez da companheira reativa no homem a problemática inconsciente relacionada com a figura feminina e, nos casos em que o conflito não foi adequadamente resolvido, pode reatualizar velhas situações infantis e da adolescência, como assegura Soifer (1977).

Dessa maneira, cabe lembrar Klein (1967) ao explicar sobre a gratificação que é obtida quando o homem dá um bebê à mulher, pois isso significa compensar os seus desejos sádicos para com a mãe e promove a reparação para com ela. Isso aumenta a satisfação real de gerar um bebê e realizar os desejos da esposa. Fonte adicional de prazer é representada pela gratificação de seus desejos femininos ao compartilhar o prazer maternal da esposa. Em criança, ele experimentou desejos intensos de gerar filhos da mesma forma como sua mãe o fazia e esses desejos fortaleceram suas tendências de roubar-lhe os filhos. Como homem, é capaz de dar filhos à esposa, pode vê-la feliz em companhia deles, e assim, sem sentimento de culpa, identificar-se com ela no ato de gerar e de amamentar os filhos e também no relacionamento com os filhos mais velhos. Muitas são as satisfações que ele obtém, de qualquer modo, do fato de se sentir capaz de ser um pai bom. Todos os seus sentimentos protetores que haviam sido estimulados por sentimentos de culpa, relacionados com a primitiva vida de família enquanto criança, encontram plena expressão. Mais uma vez, verifica-se a identificação com o pai bom seja o seu pai verdadeiro ou o seu ideal de pai. Outro elemento desse relacionamento com os filhos é a sua forte identificação com os mesmos, já que em sua mente compartilha de suas diversões, e, acima de tudo, ao ajudá-los em suas dificuldades e promovendo o seu desenvolvimento está reeditando a própria infância de maneira mais satisfatória.

Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979), ainda afirmam que existe alegria ou alívio no homem, de se ver capaz de fecundar a mulher. Especialmente em nossa cultura, a fertilidade masculina emocionalmente representa virilidade e potência, por essa razão, é comum que os homens estéreis sintam-se pouco viris ou, quando é o caso de não haver desejo de ter mais filhos, encontra-se uma enorme resistência por parte do homem em submeter-se a esterilização pela vasectomia, embora na realidade dos fatos fertilidade e virilidade sejam coisas diferentes.

A partir dessas considerações, fica claro que a gravidez é um período que desperta e mobiliza no homem questões importantes e não apenas na mulher. De acordo com Amato e Gilbreth (1999), o envolvimento paterno vem aumentando gradualmente nas últimas décadas,

em parte devido à maior aceitação popular de sua importância para o desenvolvimento infantil. A gestação e o nascimento constituem, segundo Freitas, Coelho e Silva (2007), para o casal fases de mudanças, com transformações e incertezas que acompanham a aquisição de novos papéis e responsabilidades antes inexistentes. O homem também sofre o impacto da mudança de papéis. O medo e a responsabilidade sobre o bebê que está no ventre da companheira, as alterações no comportamento dela, muitas vezes sem uma causa aparente, também o levam a viver uma fase conflituosa.

A inclusão do pai tem sido cada vez mais reconhecida como fundamental para auxiliar no desenvolvimento saudável da criança desde a sua concepção. Podemos verificar essa afirmação em estudos que investigaram a vivência do homem na gravidez do seu primeiro filho. Os resultados indicaram que suas experiências variaram desde a percepção da gravidez como um período de transição ao exercício da paternidade ao sentimento de inclusão e participação na gestação (VIZZOTTO, 1994; BORNOLDT, WAGNER, STAUDT, 2007). Ainda sobre essa temática Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004) pesquisaram como se dá o envolvimento paterno durante o 3º trimestre de gestação. Os resultados indicaram que muitos pais estiveram envolvidos de diversas maneiras durante a gestação de suas companheiras, mostrando-se afetivamente mais próximos da gestante e do bebê. Estes dados apontam para indícios de uma modificação quanto à paternidade já no período da gestação, a qual se encontra cada vez menos restrita ao universo feminino.

Sendo assim, o “novo pai” visita o pai tradicional, mas afasta-se dele dotando a paternidade de sentido mais amplo, percebendo-a desde a gravidez, iniciando ainda nessa fase a construção de vínculos afetivos que se firmarão com o nascimento, como foi verificado por Freitas, Coelho e Silva (2007). Os autores ainda afirmam que quando a participação do homem é efetiva na gravidez e após o parto, criam-se situações do bem-estar para todos os envolvidos no processo, de modo a se estabelecerem relações mais igualitárias.

Dessa maneira, o pai não pode ser visto mais como quem cria uma criança de uma maneira secundária, sendo o ponto central a mãe, como acontece no ocidente em relação à crença da paternidade, segundo Parseval (1986). Apesar de estar ocorrendo uma mudança nessa crença, existem muitos homens que ainda compartilham dessa opinião, como foi verificado no estudo de Freitas, Silva, Coelho, Guedes, Lucena e Costa (2009) que analisaram os significados atribuídos à paternidade por homens que são pais. Os resultados indicaram que os participantes concebem a paternidade como um novo encargo social, vinculando-a mais à provisão material da família do que ao espaço de envolvimento afetivo com o(a) filho(a).

Todavia, Parseval (1986) já havia afirmado que essas imagens são simplistas e que muitas vezes apresentam uma diferença relevante em relação à realidade, como se tratasse de um tabu. Notamos como foi descrito uma grande mudança em relação à crença da função paterna, do ponto de vista dos pais e das mães. É interessante acrescentar também a percepção atual de que as crianças têm em relação ao comportamento paterno de cuidado e as diferenças em relação ao materno, como já verificado por Goetz e Vieira (2009). Os resultados indicaram que, quando se faz comparação em termos ideais, as crianças atribuem semelhanças nesses aspectos de cuidado e interação parentais, com expectativas altas em relação a ambos indicando que na expectativa ideal dos filhos, ambos os pais deveriam compartilhar as tarefas parentais, estando, pois, mais presentes no cuidado e na interação.

Portanto, a dupla parental, pai e mãe, tem uma importância similar desde o nascimento da criança, como já afirmou anteriormente Aberastury (1978). Apesar de a importância ser similar, a parte desempenhada pelo pai é distinta da mãe, no entanto, essas atitudes complementam-se mutuamente tal como já afirmou Klein (1967). A esse respeito, Manhães (1981) afirma que a relação Mãe-Filho-Pai é sempre uma relação triangular, a princípio a mãe é um pilar de máxima importância, todavia espera-se o pai, além de amor e carinho, amparo e proteção ativa sendo assim ele passa a ser endeusado, de acordo com a autora. Para ambos, (menino e menina) é importante que o pai seja visto, apesar da fantasia, que com o crescimento tende a ser corrigida como um ser forte, maduro, capaz de suportar e resolver as dificuldades com vigor, alegria, jovialidade e ousadia.

O papel do pai varia, segundo Aberastury (1978), nas diferentes idades do filho e, muitas vezes, a falta de adequação a novas necessidades faz com que o bom pai de um menino de dois anos se transforme logo em um incompreensivo ou ausente para o filho adolescente. No entanto, de acordo com a autora, há dois momentos em que adquire um destaque crucial, em que sua atuação real é decisiva para que a criança possa resolver seus conflitos. Um momento, que já foi descrito entre os seis e os doze meses de vida, com a iniciação do triângulo edípico. O outro é da entrada na adolescência, quando a maturação genital obriga a criança a definir seu papel na procriação, nas meninas com a aparição da menarca e nos meninos na semenarca.

Sendo assim, o papel e a função paterna são tão importantes quanto o materno para a criança e traz tantas mudanças para o homem, que na literatura especializada existe um conjunto de comportamentos prescritos (obrigações e proibições) do pai, associados ao nascimento de uma criança, denominado resguardo, de acordo com Parseval (1986). Segundo a autora o resguardo faz parte da maioria dos rituais de nascimento das populações do mundo

e que o conjunto das primeiras interpretações gira, em suma, em torno de dois pólos: o resguardo mobiliza atitudes e sentimentos do pai em relação à sua esposa (a mãe de seus filhos) e o resguardo é inseparável das crenças religiosas das sociedades onde é encontrado assim como da estrutura econômica e sociológica dessas sociedades. Sendo assim, o resguardo, de todas as suas formas, apresenta uma comprovadora demonstração de que uma criança é feita a dois.

Para Parseval (1986), existe uma similaridade do processo psíquico da parentalidade no homem e na mulher e ainda afirma não existir nenhuma desigualdade entre homens e mulheres na procriação sendo essas construídas em decorrência de fatores ideológicos e culturais. Dessa maneira, o pai contemporâneo não se identifica com o homem que era definido como mero reprodutor, como afirma Gomes e Resende (2004). Para os autores, ele se faz presente em contexto familiar estável sob o ponto de vista da estrutura e da dinâmica do grupo familiar. Trata-se de um pai mais presente e identificado com as exigências contemporâneas da família que expõe sua face afetiva e próxima da intimidade cotidiana de um modo oposto à concepção tradicional que exigia distanciamento físico e afetivo e não restringe seu envolvimento ao sustento financeiro (SILVA; PICCININI, 2007).

#### **II. 4. Repercussões da ausência paterna.**

Em um período recente da história, para Gomes e Resende (2004), o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Foi sempre apoiado pela cultura que, sendo patriarcal, reservou-lhe lugar acima da trama doméstica constituída, sobretudo pela mulher e pela criança entendendo seu papel de pai predominantemente como provedor material, de modo que a compreensão mais profunda sobre as relações pais-filhos e os caminhos da paternidade não eram empreendidos. No entanto, segundo Tarnowski, Próspero e Elsen (2005), com a mudança de concepção da função e do papel de pai e com a rápida ascensão do número de separações/divórcios, bem como o afastamento do pai no contexto familiar, introduziu-se uma vertente de pesquisas que passou a investigar as repercussões da ausência paterna.

Ao longo do curso de suas vidas, as crianças estão propícias a enfrentar uma ampla variedade de experiências adversas. De um ponto de vista social, Edwards e Dare (1997) afirmam que existem três áreas de desvantagem social que podem colocar as crianças e os jovens em risco maior: a desvantagem social aguda, a doença mental e a separação familiar. Interessa-nos em particular a separação familiar, mas especificamente as consequências da

ausência paterna. Essa privação do pai pode ser decorrente de estruturas de mães sozinhas e de família ampliada. As famílias por recasamento podem ser formadas de muitas maneiras e, segundo Edwards e Dare (1997), essas diferentes maneiras têm sequelas e consequências diferentes, as famílias de mães solteiras sozinhas consistem, em dois grupos maiores: a mãe que nunca se casou e a família de mãe sozinha que já morou com alguém e se divorciou. Mães que nunca se casaram constituem uma pequena porcentagem das famílias, a maioria das quais é de curta duração. Os fatores-chave que afetam todas as mães sozinhas são para Edwards e Dare (1997) a falta de segurança financeira, a dificuldade de ganhar um salário adequado e de educar os filhos e as maneiras pelas quais são mantidas as definições do relacionamento entre os homens que constituem uma parte temporária ou semipermanente da família e as crianças que dependem de um relacionamento estável permanente com a mãe.

Estudos clássicos da Psicologia e Psicanálise dedicaram-se a investigar os aspectos da privação da figura materna, pois a relação mãe-bebê era considerada como fundamental para o desenvolvimento da criança, colocando a figura paterna em segundo plano, como um apoio econômico e emocional da mãe. Como grande colaborador tem-se Bowlby (1976) que denominou “privação da mãe” a situação na qual uma criança não encontra este tipo de relação. É uma expressão ampla, que abrange um grande número de situações diferentes. Assim, uma criança sofre privação quando, vivendo em sua casa a mãe (ou mãe substitua permanente) é incapaz de proporcionar-lhe os cuidados amorosos de que as crianças pequenas precisam. Para o autor, os prejuízos dessa privação variam de acordo com o grau da mesma e podem ter efeitos de alcance ainda maior sobre o desenvolvimento da personalidade e pode mutilar totalmente a capacidade de estabelecer relações com outras pessoas. Além da privação, existem muitas outras formas, decorrentes da separação ou de uma rejeição total, pelas quais as relações pais-filho podem tornar-se pouco saudáveis; as mais comuns são uma atitude inconscientemente rejeitadora, subjacente a uma atitude amorosa, uma necessidade excessiva por parte da mãe de manifestação e confirmação de amor e um prazer inconsciente da mãe com um comportamento da criança, ao mesmo tempo, que julga condená-lo.

Todas essas afirmações estão relacionadas aos efeitos da privação da mãe, no entanto, como já foi exposto a função paterna é tão importante quanto à materna para a saúde mental da criança. Sendo assim, a privação paterna parece ser, segundo esses autores, tão danosa ao desenvolvimento quanto à ausência ou privação materna (ABERASTURY, 1978).

De acordo com Hetherington (1979), conviver com apenas um dos pais, pode ser considerada uma situação de risco e a maioria das crianças passa como uma transição difícil

pela experiência do divórcio de seus pais. Evidenciou-se que a separação conjugal pode ser prejudicial para o desenvolvimento dos filhos, no estudo de Zill, Morrison e Coiro (1993), que investigaram possíveis efeitos evidentes do divórcio em 1.147 jovens adultos durante 11 anos (1976 a 1987) e em três etapas: na primeira, os participantes tinham entre 7 a 11 anos, na segunda entre 12 a 16 anos e finalmente na terceira de 18 a 22 anos. Os resultados indicaram que 65% desses jovens tinham uma pobre relação com seu pai, 30% com sua mãe; acrescenta-se ainda que 25% desses sujeitos não concluíram o ensino médio e 40 % tinha recebido auxílio psicológico. Revela que o divórcio pode ainda ter um efeito negativo significativo nas vidas dessas crianças e que esses efeitos podem ser mais prejudiciais se a separação ocorrer antes dos 6 anos da criança. Hetherington, Bridges e Insabella (1998) ainda afirmam que relações familiares disfuncionais como conflito, negatividade, falta de suporte e permissividade dos pais, acentuam os efeitos do divórcio ou do recasamento na adaptação das crianças. E também crianças e adultos de famílias com um dos pais ausentes devido à morte ou divórcio apresentam maiores problemas de adaptação do que àquelas que pertencem a famílias com os pais presentes. Em relação à ausência decorrente da morte, Tomas (1956) já havia afirmado que a morte do pai provoca na criança conflitos intensos, entre os quais aparecem sentimentos de culpa, temor, dor e saudade. O equilíbrio mental prévio às circunstâncias da morte, a atitude dos familiares com relação ao fato e à forma como é comunicado são fatores que entorpecerão ou facilitarão a elaboração do luto, processo por si só difícil e doloroso de realizar.

Em relação à ausência devido à separação, outro estudo relativo a essa temática foi o de Souza (2000) que compreendeu como os filhos vivenciam a separação dos pais. Os resultados indicaram que a consciência da ausência paterna materializou a separação sendo apontada por todos como o momento onde preponderam os “piores sentimentos”. Os sentimentos descritos foram de tristeza, medo, medo do que iria acontecer, angústia, fechamento e raiva, assinalando a condição de desamparo das crianças.

Dessa maneira, uma criança sem pai, ou mesmo tendo um pai psicologicamente ausente ou muito fraco, pode apresentar transtornos psíquicos ou orgânicos, como afirmou Aberastury (1978). Os transtornos orgânicos podem ser verificados no estudo de Guidubaldi e Cleminshaw (1985) que comparou a saúde física de famílias com pais divorciados com a de famílias com pais casados. Essa investigação indicou que o estado civil tem relação com o estado de saúde de todos os membros da família, incluindo os pais e crianças. Em relação a perturbações psíquicas, o estudo de Hetherington (1966) indicou que meninos filhos de pai ausente mostraram-se mais dependentes de seus pais do que àqueles com o pai presente.

Miller (1984) revelou que a ausência paterna é significativamente relacionada com o autoconceito de adolescentes do sexo masculino (os resultados indicaram em que situações em que o pai não é presente, o nível de autoestima tende a ser afetado). E ainda, Volpe e Alvim (1986) afirmaram que o pai fraco, gera na criança sentimentos de insegurança e ansiedade. Assim, as consequências da ausência paterna na estrutura familiar e no psiquismo de cada um de seus elementos são, segundo Gomes (2001), as mais diversas vão desde sintomas mais leves até consequências dramáticas como depressão materna, psicose infantil, depressão infantil, *actings* como tendências suicidas e homicidas nos adolescentes e, posteriormente, nos adultos que viveram tais situações, pois não puderam evoluir na sua capacidade de simbolização.

Como o pai tem importância como fonte de identificação em um momento inicial do desenvolvimento do indivíduo, é possível compreender que um pai ausente e psicologicamente fraco ou incapaz de assumir a paternidade provoque no menino um sério déficit em sua identidade genital (ABERASTURY, 1978). A esse respeito, Volpe e Alvim (1986) afirmam que o pai que exerce o seu papel transmitindo afeto e segurança conduz o filho não só a valorizá-lo desse desempenho, mas a internalizá-lo enquanto homem. Sendo assim, para os autores, a figura internalizada de homem para a criança será recoberta de valências positivas, provedora nas necessidades, firme nas decisões e norteadora no caminho. Disso decorre uma identificação sexual levando o menino a perceber-se do sexo masculino com possibilidades de completar uma mulher no sentido biopsicossocial, de ter prazeres e eventualmente filhos, tomando como modelo o pai. O pai, para o menino, permite-lhe uma evolução para o “desejo de fecundar”, permitindo ao filho diferenciar seu sexo e renunciar ao outro, como já havia dito Freud, Aberastury e mais recentemente Gomes (2001).

Porém, para Volpe e Alvim (1986), um pai distante, fraco ou de qualquer forma ausente no desempenho do papel, deixará vazios profundos na relação com o filho e este buscará preencher esses vazios buscando nas relações com outros homens a força e a segurança que lhe faltou do pai.

Apesar de serem realizados em abordagens teóricas de diferentes estudos, observam a afirmação proposta pelos autores. Santrock (1970) constatou que meninos com o pai ausente eram significativamente mais femininos do que os com o pai presente. O mesmo estudo ainda verificou que jovens do sexo masculino com pai ausente eram menos agressivos e mais dependentes comparados a meninos com o pai presente. Bahm e Biller (1971) também verificaram essa informação em seu estudo e apresentaram que comparando com os meninos com o pai presente, os meninos que perderam o pai antes dos 5 anos, apresentaram menor



autoconceito masculino. Beaty (1995) ainda investigou os efeitos da ausência paterna em adolescentes do sexo masculino. Os resultados indicaram que os rapazes com o pai ausente possuem um pobre senso de masculinidade assim como relações interpessoais carentes, comparados a jovens com o pai presente.

No entanto, de acordo com Gomes (2001), a função paterna é fonte identificadora tanto para as meninas como para os meninos, em razão da condição bissexual do ser humano, tal como já tinha apontado Sigmund Freud. Sendo assim, meninas que não tiveram esse pai próximo podem apresentar distúrbios na identidade sexual, como foi examinado no estudo de Hetherington (1972). Os resultados dessa pesquisa apontam que, em meninas com o pai ausente, também existe um comprometimento nas interações com pessoas do sexo masculino. Nas filhas com pais divorciados isso tomou a forma de procurar uma aproximação e atenção dos homens, um comportamento heterossexual precoce e várias formas de comportamentos não-verbais associados com abertura e capacidade de respostas enquanto, nas jovens com o pai falecido, foram manifestadas timidez, rigidez, evasão e retenção em relação aos homens. Ainda nesse estudo foi verificado que separações precoce dos pais têm efeitos mais severos na criança do que separações tardias. O pai seria como um vetor que lança o filho à procura do mundo externo, na aventura rumo ao desconhecido e na penetração do conhecimento. Dessa maneira, não é apenas em crianças do sexo masculino que a ausência do pai pode trazer problemas na identidade sexual, isso ocorre em meninas também, como afirmou Aberastury (1978).

De acordo com Volpe e Alvim (1986), o bom desempenho do papel de pai influirá na visão de homem da menina, possibilitando ou não, como complementar a busca adequada de um homem na sua vida futura. Assim, a menina que pôde fruir na sua infância de uma relação sadia existente entre os pais na qual foi possível visualizar o homem capacitado para completar a mulher e assumindo os filhos que na relação vieram, terá provavelmente possibilidade de apresentar o desejo de ter um homem como companheiro no futuro. Se o homem que tem hoje, como pai, lhe é tão próximo, seguro e tranquilo, a segurança, a satisfação e a sanidade, que isso lhe proporciona, será o terreno fértil para o surgimento e desenvolvimento do seu Eu sexual feminino, cuja completude se dará no encontro com o homem.

Fica evidente a importância do pai no desenvolvimento sexual do filho. A impossibilidade de uma relação confiante com o pai pode levar o menino a permanecer preso no vínculo com a mãe, permanecendo com características de uma ligação infantil às vezes simbólica, fixadas em fases iniciais do desenvolvimento. Nesse caso, tanto a relação com o

pai quanto com a mãe são marcadas por sentimentos ambivalentes: assim, por um lado aparece o desejo de ter o pai e poder amá-lo; por outro, a raiva e as frustrações do não acesso ao mesmo. Por vezes, o menino é apelidado pelo desejo de ajudar o pai tornando-se ele próprio pai do pai. Com referência à mãe, os meninos também passam a experimentar sentimentos ambivalentes: de um lado se fixam nelas de uma forma dependente confundindo isso com amor; de outro, revelam sentimentos de ódio pela mesma; isso porque frequentemente percebem-nas fazendo parte de um jogo onde a fragilidade do pai é oportuna para o aparecimento da sua “força”. E para a menina em relação com o pai frágil redundam em geral na internalização de uma figura frágil e incapaz, levando-a a acreditar mais na força da mulher, a quem poderá buscar como companheira sexual. Poderá também levá-la até uma relação heterossexual, mas ela própria não terá crescido no seu papel sexual de mulher e buscará no parceiro o pai que não teve na infância e não no companheiro. Por não ver na relação dos pais troca homem-mulher também não pode identificar em si própria a mulher sexuada capaz de buscar e realizar com um homem uma relação de amor e de encontro verdadeiro (VOLPE; ALVIM, 1986).

Com relação à privação paterna, problemas podem estar relacionados aos atos infratores da lei por jovens que sofrem dessa ausência. Isso porque de acordo com Aberastury (1978), ao descobrir o complexo de Édipo, Sigmund Freud, também postulou que os ensinamentos dos pais funcionam no indivíduo como uma “consciência moral” e denominou-a Superego. O Superego aparece muito precocemente como herdeiro da figura dos pais. Em seus primeiros trabalhos, Freud também sustentou que esse Superego, ou instância moral, repetia a severidade do pai. Em estudos posteriores, pôde-se comprovar que a falta de normas, a fraqueza do pai, a sua ausência real ou psicológica traziam como resultado uma severidade doentia do Superego. Segundo Aberastury (1978), a falta de limites, característica da conduta do pai “laissez-faire”, não forma uma imagem boa do pai, logo surge uma idéia de abandono e solidão que traz como consequência uma experiência interna paralisante e atormentadora. A esse respeito, Volpe e Alvim (1986) afirmam que se deve compreender a função do pai como elemento de organização, ordenação e colocação de limites. Sendo assim, as crianças, com uma figura paterna ausente ou fraca, podem apresentar maiores índices de exposição a comportamento de risco (CABRERA; TAMIS-LEMONDA; BRADLEY; HOFFERTH; LAMB, 2000) comportamentos antissociais (PFIFFNER; MCBURNEETT; RATHOUZ, 2001) e atos infratores da lei (FEIJÓ; ASSIS, 2004; FREITAS, 2006).

Outra consequência da ausência paterna é a dificuldade de aprendizagem apresentadas por crianças crescidas em um ambiente com uma “figura” paterna ausente ou fraca. Pode-se

relacionar esse comportamento com a ausência paterna, pois de acordo com Aberastury (1978) a aprendizagem escolar implica para a criança, dois tipos de problemas: uns que surgem da aprendizagem em si e outros da necessidade de desprender-se do lar para adaptar-se a uma instituição. A atividade que o menino pequeno desenvolve com os brinquedos, desloca-se até a atividade escolar. A entrada no colégio modifica profundamente o mundo dos brinquedos. Os números e as letras transformam-se em brinquedos. A curiosidade pelo conhecimento é a continuação da curiosidade que as crianças sentiram pelo mundo circundante até os cinco ou seis anos. Nesse período, o papel do pai se torna importante e diferenciado do da mãe, mas o interesse que ambos manifestam pela aprendizagem é vivido pela criança como uma licença. Compartilhar a aventura do descobrimento que é brincar e adquirir conhecimento, une definitivamente o pai com o filho. Assim, sentimentos de proximidade e autoridade dos pais são associados positivamente com o sucesso acadêmico das crianças, como foi verificado por Amato e Gilbreth (1999).

Todavia, segundo Aberastury (1978), se não sucede assim, surge um sentimento de desamparo, de inferioridade e de abandono, o que pode prejudicar o desempenho escolar da criança. Também a aprendizagem ou, dizendo de outra forma, o desejo de saber, para a psicanálise, está de acordo com Nascimento e Monteiro (2007) diretamente ligado à falta e, esta, ao desejo. Nos casos em que a mãe estabelece um vínculo simbiótico com a criança, não há uma interdição para a mesma, portanto, não há falta. Portanto, não há como advir o desejo. A posição que a mãe ocupa para o filho é primordial para que ocorra o que Freud denominou castração. Por sua vez, a castração é necessária e indispensável para que disso advenha a falta e o desejo: desejo de saber, de conhecer, de aprender. Para que ocorra a castração e a criança adentre ao simbólico, é necessária a interdição que se dá pela função paterna. Nos casos que existem possibilidades para aprendizagem, perdeu-se, porém, o desejo de aprender é característico da chamada inibição intelectual, como afirma Fernández (1990). Klein (1931) já havia afirmando ainda que o mecanismo de inibição intelectual deriva do temor inconsciente de que suas curiosidades e indagações possam encontrar coisas proibidas e pecaminosas. Dessa maneira, para o estudo da problemática envolvida no não aprender, é necessário, como recomenda Souza (1995), analisar o desenvolvimento infantil desde o nascimento até o presente momento que a criança se encontra.

Se o desejo de conhecer e aprender estão ligados à falta e esta se dá através da interdição paterna, compreende-se que crianças que possuem o pai ausente ou psicologicamente fraco apresentem dificuldade de aprendizagem. Stewart, McCartney, Vandell, Owen, Booth (2000) investigaram os efeitos da separação e do divórcio em crianças

pequenas. Crianças com os dois pais presentes tiveram melhor desempenho que em crianças com apenas a mãe, em relação a habilidades cognitivas e sociais, problemas de comportamento. Sendo assim, pesquisas observaram que o envolvimento do pai afeta a dedicação dos seus filhos aos estudos, com impactos no seu desenvolvimento acadêmico, como verificou Cia, D' Affonseca, Barham (2004). A associação entre cuidados oferecidos pelo pai e o aproveitamento acadêmico da criança revelam, de acordo com Vizzotto (1988) que aquelas que contam com o acompanhamento do seu pai em relação ao seu desempenho acadêmico (pai com interesse nos estudos do filho, ajuda-o nas tarefas de casa e o apóia quando apresenta baixo desempenho acadêmico) têm mais motivação para ir à escola, estudam com maior frequência e mostram melhor aproveitamento acadêmico Coley (1998) ainda verificou que crianças que possuem um pai presente em relação às atividades acadêmicas apresentam menos problemas de comportamento em sala de aula. Além da questão do desempenho em si, Eagle e Breux (1998) afirmaram que o envolvimento do pai contribui para melhor desenvolvimento intelectual do filho e, por consequência, para melhor adaptação e desempenho deste na escola.

Se a indisponibilidade ou ausência paterna é um fator crítico no divórcio, a guarda ou contato com o pai que não reside com a criança, padrasto, ou substituto devem aumentar a adaptação da criança, segundo Hetherington, Bridges e Insabella (1998). Os autores ainda afirmam que a presença de um substituto pode compensar a perda de um pai ausente no lar, restaurando o arranjo familiar. Bustamante (2005) afirma também que sentir-se pai não está determinado pelo laço biológico com a criança, e sim, fortemente influenciado pela qualidade da relação com a parceira e a própria experiência como filho.

Estudos também sugerem que alguns pais, mesmo não vivendo no mesmo lar dos seus filhos, são capazes de manter uma relação próxima com estes, exercendo razoavelmente bem suas funções enquanto pai (MACCOBY; BUCHANAN; MNOOKIN; DORNBUSCH, 1993; AMATO; GILBRETH, 1999). Percebemos um consenso entre autores de que a ausência é aquela sentida pela criança e não necessariamente a presença da pessoa do pai propriamente dita.

Todavia, no geral, de acordo com Hetherington e Stanley-Hagan (1999) crianças de famílias divorciadas em comparação com de famílias nucleares, têm maior risco de desenvolver problemas de comportamento sociais, emocionais e acadêmicos. Sendo assim, estudos têm sugerido que a dissolução do casamento tem potencial para gerar perturbações consideráveis na vida das pessoas (AMATO, 2000). Com base nessas afirmações, entendemos tal como Eizirik e Bergmann (2004) quando afirmaram que as modificações na estrutura da

família contemporânea, os efeitos negativos da ausência do pai e as repercussões decorrentes dessa deficiência tanto nos aspectos comportamentais quanto emocionais relacionadas com o complexo de Édipo, produzem variadas expressões de conflitos, defesas e sentimentos de culpa nos filhos sem pai.

Percebemos com a literatura, que a ausência paterna pode trazer danos ao desenvolvimento psicológico da criança, solicitando assim que o tema seja bem mais estudado, fato que justifica o presente estudo.

Diante do exposto, o presente estudo tem como **objetivos:**

- Investigar as repercussões da ausência paterna sobre o desenvolvimento da criança;
- Descrever o conteúdo intrapsíquico de crianças com pais presentes e de crianças com pais ausentes no lar;

### III. MÉTODO

O presente estudo trata-se de uma investigação clínica de três casos de crianças que tem como pauta a importância da “figura paterna” em seu desenvolvimento. A descrição desse estudo é uma forma de investigação clínica, formada por uma associação de processos expressivos, motores temáticos, fundamentada na teoria e na prática da psicanálise, nas técnicas projetivas e na entrevista clínica.

Julgamos, então, que, em um primeiro momento, é necessário esclarecer a escolha metodológica clínica que fundamenta este trabalho. Cabe salientar que na opção pelo método clínico, de início já recorremos a Bleger (1984) quando explica que tal método trata-se de um estudo delimitado e profundo, baseado na observação direta e na anamnese, com um enfoque global e único. Esse método tem sua raiz, segundo Triviños (1987) na área médica e está ligado ao nome de Jean Piaget e seus notáveis estudos sobre a inteligência da criança.

Em função da complexidade do método, são exigidos do pesquisador dois aspectos fundamentais: o domínio amplo e aprofundado de uma teoria que sirva de apoio à sua investigação e o conhecimento detalhado do contexto no qual se desenvolve sua pesquisa. Essas exigências prévias não são fáceis de serem atingidas, no entanto, são indispensáveis para que a característica essencial do método, ou melhor, sua flexibilidade, não seja omitida. Assim, se não existe esse preparo do pesquisador, o trabalho se torna uma tarefa sem sentido, com resultados pobres, o que seria contrário ao princípio básico que caracteriza toda a pesquisa qualitativa, com desenvolvimentos isolados dos conceitos (TRIVIÑOS, 1987).

Além desses dois aspectos mencionados, esse método possui objetivos práticos e se caracteriza, segundo Bleger (1984), por um contato direto e pessoal do investigador com a pessoa estudada. Sendo assim, o profissional da saúde deve estar preparado para entrar em contato direto com o submundo da doença e dos conflitos e, para isso, é necessário recorrer aos aspectos que esse autor coloca em um trabalho anterior (BLEGER, 1980) como o preparo para a compreensão da dissociação instrumental. Essa dissociação é uma forma de manejo técnico utilizada pelo profissional ao se identificar com o fenômeno estudado e, ao mesmo tempo, permanecer fora desta identificação, só observando e controlando o que o ocorre, de maneira a graduar o impacto emocional e a desorganização ansiosa. Para o autor, essa dissociação com que o psicólogo trabalha é funcional e dinâmica; o profissional pode oscilar facilmente entre a ansiedade e o bloqueio desde que possa resolver ambos na medida em que surjam.

É importante esclarecer, porém, que temos conhecimento do fato do qual esse método é alvo de críticas quanto à falta de objetividade; ainda assim, é um método amplamente aceito pela comunidade científica que considera a própria subjetividade nele implícita como um valioso instrumental do pesquisador. É nessa linha de raciocínio que se encontra Bleger (1980, 1984) ao explicar e defender a idéia de que a complexidade do método exige preparo do pesquisador clínico, porém é só por essa mesma via complexa que é possível observar e intervir na conduta dos seres humanos, isto é, em sua personalidade. Acrescenta ainda o autor que não se pode chegar a uma ciência do homem sem o próprio homem.

Assim sendo, para o estudo em questão, julgamos que a escolha metodológica tornou-se fundamental, já que tratamos de estudar casos isolados e, portanto únicos, acrescentando-se ao fato de que não temos nenhuma pretensão de generalização dos achados desse estudo.

### **III. 1. Participantes:**

Participaram deste estudo três crianças, com idades entre sete e dez anos, dos sexos feminino e masculino, sem queixas manifestas de patologias específicas. Ao considerarmos que esses participantes foram escolhidos em função de atenderem aos critérios de entrada e de fácil acesso ao investigador, entendemos que essas crianças foram escolhidas por critério de conveniência, conforme definiram Hulley, Newman e Cummings (2003). Esse tipo de seleção de casos tem, para os autores, vantagens óbvias em termos de custo e logística e é uma boa escolha para muitas questões de pesquisa. Sendo assim, apresentam-se aqui uma criança que reside com o pai, ou seja, tem o pai presente no lar, bem como duas crianças que não residem com o pai ou substituto, em decorrência de separação, divórcio, ou morte.

### **III. 2. Instrumentos:**

Considerando-se os objetivos do presente estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos:

#### **(a) Roteiro de entrevista com as mães (Anexo A):**

O roteiro de entrevista que norteou a entrevistadora foi elaborado com base em um outro instrumento utilizado por Vizzotto (1988). Este roteiro compreendeu nove categorias nas quais se procurou compreender:

*Dados de Identificação:* inclui dados pessoais do sujeito e de seus pais, tais como nome, idade, escolaridade. Situação parental real, profissão dos pais, horário de trabalho, renda familiar, data de casamento e separação.

*Atitudes em Relação à Gravidez e Parto:* esta categoria compreendeu basicamente os sentimentos e comportamentos da mãe com relação à gravidez – aceitação/rejeição, medos, percepção e reação.

*Relacionamento do Casal (Vida sexual e afetiva):* mudanças e estabilidade neste relacionamento, reação e sentimentos do pai pela gravidez e parto. Doenças ou ocorrências especiais. Fatos e sentimentos que puderam influir na vida intrauterina, bem como na ocasião do parto.

*Atitudes em Relação à situação Pós-Nascimento:* incluem dados referentes às atitudes dos pais em relação à criança, como e quanto os acontecimentos nesse período puderam influir no desenvolvimento da criança. Os transtornos puerperais da mãe, receptividade do pai para com a criança, o relacionamento do casal, quando e o porquê da separação, reação da criança, transtornos emocionais dela em seus primeiros anos.

*Atitudes e Expectativas da Mãe para a Criança:* nesta categoria, os dados foram levantados a fim de verificar como a criança está para a mãe, ou seja, como se encontra esta relação afetiva. Foram incluídos dados a respeito de como a mãe vê o filho frente ao mundo, suas atividades sociais e cuidados pessoais e como a mãe vê filho num futuro.

*Atitudes Pai/Criança:* incluíram dados a respeito da relação pai/filho. Se o pai tem uma função como facilitador de dirigir a criança para o mundo externo. Se sua presença real é também uma presença psicológica. Se ele representa a figura do modelo masculino para a criança.

*Atitudes de Outros Membros da Família/Criança:* incluíram dados referentes à possibilidade de outros membros da família exercem influência sobre a criança. Que papéis ocupam os outros membros da família.

*Estado atual da criança:* incluíram dados a respeito de como a criança sente e reage frente à situação parental. Como isso reflete em seu estado. Onde dorme e como é seu sono, seus medos e terrores. Como a criança está frente ao mundo externo (escola, grupo de amigos).

*Transtornos orgânicos:* compreenderam dados a respeito de possíveis transtornos orgânicos que a criança apresenta ou apresentou como e quando e, como isso pode estar associado à situação e vivências emocionais.



*Ambiente familiar:* nesta categoria foram inclusos os dados relacionados ao próprio ambiente físico-organização, higiene. Também investigamos alguns dados sobre condições socioeconômicas.

Entendemos esse roteiro como norteador dos temas que foram abordados, adverte-se, porém, que não se trata de um questionário de perguntas e respostas, mas de um roteiro que se conduz pela entrevista clínica. Compreendemos que a entrevista em harmonia com nossa opção metodológica, segundo Bleger (1980), é um instrumento fundamental do método clínico e, portanto, uma técnica de investigação científica em Psicologia. A entrevista pode ter em seus múltiplos usos uma grande variedade de objetivos, mas o que interessa aqui é a entrevista psicológica que busca objetivos psicológicos como investigação e diagnóstico. Cabe, então, lembrar Tavares (2000) que considera a entrevista clínica como um conjunto de técnicas de investigação de tempo limitado, dirigido por um entrevistador treinado que utiliza conhecimentos psicológicos em uma relação profissional com o objetivo de descrever e avaliar aspectos pessoais, relacionais ou sistêmicos em um processo que aponte recomendações, encaminhamentos ou propor algum tipo de intervenção em benefício dos entrevistados.

Quanto ao aspecto formal, Tavares (2000) indica que as entrevistas podem ser divididas em estruturadas, semiestruturadas e de livre estruturação. Neste estudo, assenta-se na entrevista semiestruturada, pois afirma Triviños (1987) que para alguns tipos de pesquisa qualitativa, a entrevista semiestruturada é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados. A entrevista semiestruturada, segundo esse mesmo autor, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Essas perguntas, de acordo com o mesmo autor, são resultados da teoria que alimenta a ação do pesquisador e de toda informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa.

Todos esses aspectos estão inseridos no que foi denominado por Bleger (1980) como enquadramento. Dentro deste, incluem-se não apenas a atitude técnica e o papel do entrevistador tal como foi assinalado, como também os objetivos, o lugar e o tempo da entrevista. O enquadramento funciona como uma espécie de padronização da situação estímulo que oferecemos ao entrevistador, porém, não pretendemos com isso que esta situação deixe de atuar como estímulo para ele, mas que deixe de oscilar como variável para o entrevistador.

Deve ficar claro que apesar da entrevista ser um importante instrumento para o método clínico, todo ser humano, como afirma Bleger (1980), tem sua personalidade sistematizada em uma série de pautas, assim a entrevista funciona como uma situação em que se observa parte da vida do paciente. Dessa maneira, a entrevista não pode substituir e nem excluir outros procedimentos de investigação da personalidade, como também estes últimos não podem prescindir da entrevista.

#### **(b) Procedimento de Desenho-Estória com Tema:**

Optamos por utilizar, além da entrevista, o “Procedimento de Desenho-estória com tema” proposto originalmente por Aiello-Vaisberg (1997) por ser um procedimento acessível e de fácil manuseio, favorecendo a coleta de dados de forma mais rápida e não provocando cassaco no sujeito. Trata-se de uma técnica, ou procedimento, oriunda da proposta de Desenhos com Estórias desenvolvida por Walter Trinca (TRINCA,1987,1997). A proposta anterior de Walter Trinca utiliza-se de desenhos livres e de contar estórias sobre eles, de maneira que, a partir da produção gráfica e do conteúdo das estórias contadas, explora-se livre e dinamicamente aspectos da personalidade. Trinca (1987) afirma que essa técnica não pode ser considerada um teste psicológico, e sim, um instrumento auxiliar na captação de emoções e conflitos básicos do paciente. Todavia, esse instrumental possibilita o estudo de características formais e estruturais da personalidade, já que facilita a expressão de aspectos inconscientes relacionados a pontos de angústias presentes, focos conflituosos e perturbações emergentes. A partir desse procedimento, Aiello-Vaisberg (1997) propõe uma outra maneira de investigação. A autora pede um desenho específico (de acordo com a situação que queira investigar) seguindo-se com o pedido de que o examinando conte estória.

Cabe destacar ainda, que, segundo Aiello-Vaisberg (1997) a técnica pode ser aplicada em sujeitos de qualquer faixa etária, em diferentes condições psicopatológicas, inclusive quadros graves, com variados graus de instrução formal e com variados níveis intelectuais, o que lhe confere grande versatilidade. Justifica a autora que cada pesquisador pode e deve criar meios que lhe facilitem cultivar essa leitura transferencial a partir da adoção da atenção equiflutuante. Em termos gerais, tendo-se em mente o objetivo de apreensão dos determinantes lógicoemocionais das representações, pode-se afirmar que, na medida em que o trabalho psicológico é essencialmente intersubjetivo, incide sobre o campo comunicacional todo e qualquer procedimento, podendo ser utilizado e proposto na medida em que possa facilitar a captação da dimensão inconsciente.

A proposta de Aiello-Vaisberg (*op.cit*) buscou, em sua originalidade, trabalhar com “representações sociais” dos examinados. Porém, no presente estudo, utilizamos a técnica proposta por essa autora, mas buscamos subsídios na análise e interpretação dos dados nas contribuições de Tardivo (1997). Assim, o instrumento fora utilizado como forma de investigação clínica baseada na teoria e prática da psicanálise, nas técnicas projetivas. Esse procedimento de análise tem sido já realizado por outros pesquisadores e tem se mostrado eficiente, como Freitas (2006), Parente, Leôncio e Tardivo (2008).

Também foi acrescida a análise dos aspectos gerais, de conteúdo e formais, segundo Van Kolch (1984), conforme observado no quadro (Anexo B). No presente estudo, a aplicação foi feita nos seguintes termos: 1) pediu-se ao sujeito (criança) que desenhasse uma criança e, em seguida que contasse uma estória sobre o desenho. Após, foi solicitado à criança que desenhasse o pai dessa criança e que contasse uma estória sobre esse mesmo desenho.

A análise do conteúdo seguiu as categorias de análise das características psicodinâmicas, propostas por Tardivo (1997) como se mostram a seguir:

**Grupo I - atitudes básicas:** inclui tanto as atitudes básicas em relação a si próprio como em relação ao mundo, sendo agrupadas nos traços 1 a 5:

1. *Aceitação:* são incluídas nesse traço as necessidades e preocupações com aceitação, êxito, crescimento, atitudes de segurança, domínio, autonomia, auto-suficiência e liberdade;

2. *Oposição:* atitudes de oposição, desprezo, hostilidade, competição, negativismo, não-colaboração, desconsideração e rejeição aos outros;

3. *Insegurança:* necessidade de proteção, abrigo e ajuda, atitudes de submissão, inibição, isolamento, bloqueio, percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter impulsos, dificuldades em relação ao crescimento;

4. *Identificação positiva:* sentimento de valorização, autoimagem e auto conceito reais e positivos, busca da identidade e identificação do próprio sexo;

5. *Identificação negativa:* opondo-se ao traço 4, referem-se a sentimentos de menos valia, incapacidade, desimportância, identificação com o outro sexo, autoimagem idealizada ou negativa e problemas ligados a imagem corporal.

**Grupo II - Figuras Significativas:** foram reunidos aspectos referentes às relações com as figuras significativas. Para isso, os autores demonstram conceitos da teoria psicanalítica, especialmente Melanie Klein, a respeito das relações de objeto. Aqui são incluídos os traços 6 a 11:

6. *Figura materna positiva:* mãe sentida como presente, gratificante boa, afetiva, protetora, facilitadora: objeto bom e sentimentos positivos em relação à mãe;

7. *Figura materna negativa*: mãe vivida como ausente, omissa, rejeitadora, ameaçadora, controladora, exploradora: objeto mau, atitudes e sentimentos negativos em relação à mãe;

8. *Figura paterna positiva*: pai sentido como próximo, presente, gratificante, afetivo, protetor, além de outros sentimentos amorosos e atitudes favoráveis em relação ao pai;

9. *Figura paterna negativa*: à semelhança do traço 7, pai ausente, omissa, ameaçador, autoritário, além de outros sentimentos negativos em relação ao pai;

10. *Figura Fraternal (ou outras) positiva*: aspectos relacionamento com os irmãos e com outros iguais (companheiros, amigos, etc.), ou seja, cooperação, colaboração, igualdade etc.;

11. *Figura Fraternal (ou outras) negativa*: da mesma forma que o traço 10, aqui se refere aos aspectos negativos nas relações, isto é, competição, rivalidade, conflito, inveja, falsidade, etc.

**Grupo III - Sentimentos expressos**: partindo da descrição de Trinca (1987, p.58), a autora procura agrupar os itens em três traços. Para isso, parte da teoria Kleiniana, que configura a existência dos instintos de vida e de morte, os quais são constitucionais, como são, também, os conflitos daí decorrentes. Assim, agrupa os sentimentos expressos de acordo com os critérios, nos itens 12 a 14(p.119):

12. *Sentimentos derivados do instinto de vida*: são os mais construtivos, como alegria, amor, energia, instinto sexual, conquista, sentimento de mudança construtiva etc;

13. *Sentimentos derivados do instinto de morte*: são os mais destrutivos, como ódio, inveja, ciúme persecutório, voracidade, desprezo etc;

14. *Sentimentos derivados do conflito*: incluem-se os sentimentos ambivalentes, que surgem da luta entre os instintos de vida e de morte, ou seja, são próprios da fase da elaboração da posição esquizoparanóide e da vivência da posição depressiva. Aparecem, nesses momentos, sentimentos de culpa, medos de perda e abandono, solidão, tristeza, desproteção, ciúme depressivo e outros.

**Grupo IV - Tendências e desejos**: Tardivo tomou por base a definição dada por Trinca (1987, p.59), agrupou as principais tendências e desejos que julgou ser aproximadamente semelhantes, nos itens 15 a 17 (p.120):

15. *Necessidades de suprir faltas básicas*: incluímos as mais regredidas, como desejo de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente, de afeição primitiva, necessidades orais etc;

16. *Tendências destrutivas*: inserem-se aqui as mais hostis, como desejos de vingança, de atacar, de destruir, de separar os pais, de ocupar (destruindo) o lugar do pai ou da mãe, necessidades de poder, de hostilizar etc;

17. *Tendências construtivas*: são aquelas mais evoluídas, como necessidades de cura, de aquisição, de realização e autonomia, mas também de liberdade, de crescimento, de construtividade; desejos de canalizar energia sexual e agressiva, de recuperar partes sadias, de desligar-se de coisas infantis, de evitar danos físicos e/ou psicológicos.

**Grupo V - Impulsos**: divide os impulsos em amorosos (decorrentes do instinto de vida) e destrutivos (decorrentes do instinto de morte), a autora manteve aqui os mesmos itens de Trinca (1987), incluindo os traços 18 e 19: Amorosos; Destrutivos.

**Grupo VI - Ansiedades**: a ansiedade encarada como ameaça, é um perigo que pode ser sentida quando dirigida para o ego (ansiedade paranóide) ou para objeto (ansiedade depressiva). Assim os traços 20 e 21 são:

20. *Ansiedades paranóides*;

21. *Ansiedades depressivas*;

**Grupo VII - Mecanismos de defesa**: traços 22 a 33:

22. *Cisão*;

23. *Projeção*;

24. *Repressão*;

25. *Negação/Anulação*;

26. *Regressão a estágios primitivos*;

27. *Racionalização*;

28. *Isolamento*;

29. *Deslocamento*;

30. *Idealização*;

31. *Sublimação*

32. *Formação reativa*;

33. *Negação maníaca ou onipotente*.

### **(c) Teste das Matrizes Coloridas de Raven - Escala Especial:**

Optamos pela aplicação das Matrizes Progressivas de Raven nas crianças participantes do estudo porque, diante dos dados das entrevistas realizadas com as mães, foram relatadas dificuldades de aprendizagem e pelas produções gráficas obtidas através do Procedimento de

Desenho-Estória com tema, identificamos aspectos como ausência de detalhes, pobreza gráfica e diferentes limitações. Desse modo, optamos por investigar o nível intelectual das crianças para verificar se, de fato, não existia um déficit cognitivo. E assim entendemos que o Raven cumpriria essa tarefa, além do fato de que essa é uma prova de inteligência aprovada pelo Conselho de Psicologia e a qual temos bastante familiaridade.

Importante destacar que de acordo com Angelini, Alves, Custódio, Duarte e Duarte (1999) as Matrizes Progressivas de Raven foram desenvolvidas na Escócia, por John Carlyle Raven. Trata-se de um teste de inteligência não - verbal que avalia o fator “g” de inteligência proposto por Charles Spearman. Os autores ainda afirmam que esse fator “g”, abrange toda a gama do desenvolvimento intelectual, e Spearman identificou dois componentes de “g”, por ele denominados de capacidade edutiva e capacidade reprodutiva. A atividade mental edutiva é a capacidade de extrair um significado de uma situação confusa, desenvolver novas compreensões, ir além do que é dado, além do óbvio; é, portanto o estabelecimento de constructos (em grande parte não verbais) que facilitam lidar com problemas complexos. A atividade mental reprodutiva inclui o domínio, a lembrança e a reprodução de materiais (em grande parte verbais) que constituem uma base cultural de conhecimentos explícitos. Quanto às atividades mentais edutiva e reprodutiva, é viável salientar que uma não é a forma cristalizada da outra, mas ambas se interagem no sentido de que a percepção e o pensamento são de um modo geral, dependentes de constructos adquiridos e da capacidade de extrair significados. Sendo assim, esse teste foi desenvolvido para avaliar de maneira simples, rápida e não ambígua quanto possível, os dois componentes de g (edução e reprodução), visando ao estudo das origens genética e ambiental dessas duas capacidades e suas consequências pessoais e sociais (ANGELINI *et. al.* 1999).

O teste das Matrizes Progressivas de Raven apresenta segundo Angelini *et al.* (1999) três escalas: Matrizes Progressivas Standard, Matrizes Progressivas Coloridas e Matrizes Progressivas Avançadas. A primeira, conhecida no Brasil como Escala Geral, destina-se principalmente a sujeitos de 12 a 65 anos. A segunda, mais conhecida no Brasil como Escala Especial, destina-se a sujeitos de 5 a 11 anos, deficientes mentais e pessoas idosas, contendo 36 itens coloridos. A última foi criada a fim de testar pessoas com capacidade intelectual superior à média, sendo mais utilizada para pessoas com nível superior. O teste, fundamentalmente, trata-se da apresentação de uma matriz de figuras geométricas de um padrão lógico, porém, com uma das lacunas deixada em branco para que o avaliado possa escolher uma entre as alternativas propostas e preenchê-la de acordo com seu raciocínio.

Em função da idade dos participantes do presente estudo (7 a 10 anos), foi utilizado o Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, que, de acordo com Angelini *et al.* (1999) é um teste muito utilizado no Brasil, sendo conhecido pela denominação usada na edição argentina como Escala Especial. Esta escala é dividida em três séries: A, Ab e B, cada uma com 12 problemas. As séries A e B são as mesmas da Escala Standard e Ab é uma série intermediária entre essas duas.

A aplicação do teste pode ser coletiva ou individual. Neste estudo, optamos por realizar a aplicação individual em que o aplicador faz o registro das respostas. Vale ressaltar que o tempo de aplicação é indeterminado e que, como material, são utilizados o manual e o caderno de aplicação, a folha de resposta e o crivo de correção.

Para a análise dos resultados, é utilizado o crivo de correção no qual o Escore total é igual ao número de acertos. Espera-se um determinado número de acertos em cada série, de acordo com a idade da criança, que são consultados nas tabelas do manual. É importante enfatizar que o presente estudo utilizou o Manual Brasileiro (Manual Matrizes Progressivas Coloridas de Raven), publicado pelo Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia (CETEPP), no ano de 1999. Essa nova versão do manual Brasileiro, revisto e ampliado, resulta da tradução e adaptação de duas das sete Seções do Manual inglês completo das Matrizes Progressivas (ANGELINI *et al.* 1999). Destaca-se, ainda, que essas tabelas serviram como um guia e que os resultados obtidos não foram considerados isoladamente.

### **III. 3. Local/ Ambiente:**

Este estudo foi realizado numa instituição não governamental, denominada ARS (Ação de Recuperação Social) situada na periferia da cidade de Santos (SP), no bairro Chico de Paula. O objetivo da instituição é promover melhor qualidade de vida para os membros da comunidade, oferecendo oportunidade para que eles aprendam um ofício e não dependam das doações do local. Firmando esse objetivo, a instituição oferece cursos de dança de rua, reforço escolar, alfabetização de adultos, informática, pintura em tecido, manicure, entre outros. Esses cursos são abertos a todas as pessoas da comunidade que estejam interessadas, estendendo também para as famílias que são cadastradas na instituição. Este estudo escolheu essa instituição por já possuir um contato da pesquisadora com o ambiente, funcionários e dirigentes e por ser localizado numa comunidade de fácil acesso e de contatos interpessoais bastante positivos.

As entrevistas com as mães, os procedimentos de desenho-estória com temas, bem como o Teste das Matrizes Coloridas de Raven - Escala Especial foram realizados em local apropriado dentro da própria instituição e em sala reservada, a fim de propiciar um ambiente neutro e livre de estimulações que poderiam servir de intervenientes durante as entrevistas, a tarefa projetiva e o teste psicométrico.

### **III. 4. Procedimento:**

Após a escolha dos casos, já explicado anteriormente, e selecionados conforme conveniência, demos prosseguimento às entrevistas com as mães, seguindo a explicação do presente estudo e o consentimento livre esclarecido (Anexo C). Após as entrevistas, foram feitas as sessões de coleta de dados com as crianças que seguiram de um rapport e da aplicação dos desenhos-estórias com temas. Entende-se que, aqui, o rapport é uma técnica auxiliar que antecede a técnica projetiva a fim de facilitar uma melhor interação e um vínculo com a criança. Ocampo e Arzeno (1990) entendem que o rapport é necessário, pois diminui a ansiedade tanto do entrevistador quanto a do entrevistado na situação diagnóstica. A sessão de entrevista clínica com a mãe, bem como as sessões com a criança, tiveram duração de aproximadamente de 1 h30m e ocorreram em um único encontro.

Após a coleta dos dados, a análise do material clínico foi feita por categorias ou temas de análise a priori e a posteriori. Isso porque foram utilizadas categorias extraídas do próprio roteiro de entrevista com as mães (priori) e também, após os dados colhidos, o conteúdo trazido tanto nas entrevistas com as mães quanto nas provas projetivas com as crianças, foram extraídas categorias e analisados os seus conteúdos (posteriori). Destacando-se que todo esse material clínico foi analisado à luz da teoria psicanalítica, isto é, da teoria das relações objetais.

É importante salientar que o prosseguimento contou ainda com a necessidade de investigar o nível intelectual das crianças participantes do estudo, uma vez que diante dados da entrevista realizadas com as mães e das produções gráficas obtidas através do Procedimento de Desenho-Estória com tema, foi possível identificar aspectos como ausência de detalhes, pobreza gráfica e as limitações no que se refere a ocupação do papel, entre outros. Desse modo, optou-se pela aplicação individual do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven-Escala Especial, considerando-se que esse instrumento cumpre tal objetivo e é indicado, principalmente, na avaliação de crianças de 5 a 11 anos.



Vale ressaltar que os casos estudados ainda receberam, após análise, uma devolutiva de nossa parte, entendendo esse procedimento como ético no campo da psicologia.

### **III. 5. Aspectos Éticos/ Riscos e Benefícios:**

Por se tratar de uma investigação que tem como público alvo crianças pertencentes a uma população considerada vulnerável, a presente procurou atender aos requisitos descritos na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, bem como à resolução do Conselho Federal de Psicologia – CFP 16/2000 (CRP, 2008). Em linhas gerais, a resolução CNS 196/96 diz respeito às diretrizes e às normas que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos. Esta Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, quatro referenciais básicas da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado. Já a resolução CFP 16/2000 dispõe sobre a realização de pesquisas em Psicologia com seres humanos, buscando orientar e complementar o entendimento do psicólogo pesquisador sobre a resolução CNS 196/96 e aplicação da mesma na área de conhecimento da Psicologia.

Além disso, o projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo, cuja cópia da resolução deste Comitê, com a aprovação da presente pesquisa, encontram-se no Anexo E.

Como pesquisadores do campo da saúde e da saúde mental em particular, entendemos as investigações nessa área como sigilosas (aquelas que respeitam e preservam a identidade do participante) e com neutralidade (no sentido de não manipular ou interferir na conduta, nas crenças e dos indivíduos ou grupos), embora o nosso próprio contato com o sujeito investigado seja considerado uma forma de “não neutralidade”. Assim, tratando-se de investigação psicológica de natureza clínica, mas que não tem o intento de manusear ou interferir sobre o sujeito, entendemos que investigar as repercussões da ausência paterna sobre o desenvolvimento da criança não trará nenhum tipo de dano ou risco aos sujeitos. Entretanto, cabe lembrar que, se forem detectados problemas de natureza psicológica nesses sujeitos, caberá a nós, pesquisadores, encaminharmos e tomarmos as providências necessárias para que esse sujeito receba cuidados.

## **IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O presente item refere-se à apresentação de três casos. O material a seguir refere-se à análise das entrevistas com as mães, procedimentos de desenhos-estórias com tema e avaliação do nível intelectual a partir do Teste das Matrizes Coloridas de Raven-Escala Especial realizados com as crianças.

Passamos aos resultados e discussão de cada caso em particular após procuramos elaborar uma síntese geral desses achados.

### **VI. 1.CASO 1: ANGÉLICA\***

Idade: 7 anos

Filha de Sra. R. e Sr. C. – pais separados.

#### **Dados gerais:**

Angélica é uma criança franzina, tímida, introvertida. Sofreu com a separação do pai quando tinha apenas quatro meses de idade. É a terceira filha do casal do total de quatro, todos são filhos do mesmo pai biológico. Vale ressaltar que a Sra. R. engravidou do filho mais novo depois da separação do marido. Angélica apresentou enurese noturna até um período recente. Quanto ao nosso contato, expressou medo, dificuldade de expressão verbal e de trato social, pois foi necessária a colaboração da professora da criança para que ela se sentisse mais confortável em conversar conosco num primeiro momento.

#### **DADOS DA ENTREVISTA COM A MÃE:**

A seguir são apresentados os dados de uma única entrevista com a mãe por um período aproximado de 2 horas. No início a Sra. R. pareceu um pouco desconfiada com um discurso preparado, no entanto, no final, facilitou o contato com a pesquisadora, demonstrando-se bastante solícita fornecendo informações importantes a respeito do desenvolvimento da criança, bem como sua relação com os familiares.

- **Atitudes em relação à gravidez e parto:**

Esta categoria compreendeu basicamente os sentimentos e comportamentos da mãe em relação à gravidez – aceitação/rejeição, medos, percepção e reação.

---

\* Importante ressaltar que os nomes dos participantes foram modificados a fim de preservar suas identidades.

Pudemos perceber que a mãe, ao descobrir que estava grávida, vivenciou um conflito entre uma tendência maternal e uma outra de rejeição, uma vez que a gravidez não havia sido planejada, como pode ser verificado em seu discurso:

*“Ah foi tudo bem quando eu soube que estava grávida de Angélica. Não teve problema, eu não esperava porque eu tava tomando remédio” (sic).*

No entanto essa rejeição é baseada em evidências persecutórias que se devem à elaboração do conflito edipiano, considerado, normal na gravidez, segundo Soifer (1977). Essa oscilação entre o querer e não querer o filho foi denominada ambivalência por Maldonado Nahoum e Dickstein (1979). Percebemos que a mãe vivenciou esse conflito, pois, apesar de a gravidez não ter sido planejada, a Sra R. expressa também o desejo de ter a filha como observamos na fala:

*“Mas quando eu soube, não pensei em tirar nem nada disso” (sic).*

A gravidez é um fenômeno complexo caracterizando-se por fantasias bem determinadas e específicas, como afirma Soifer (1977). Ter um filho é algo profundo demais para suscitar apenas um tipo de sentimento, de modo que a partir da literatura especializada podemos dizer que a Sr.R. vivenciou esse período de uma maneira saudável, pois apresentou sentimentos considerados característicos dessa fase( SOIFER, 1977; MALDONADO *et.al.* 1979)

- **Relacionamento do Casal (Vida sexual e afetiva):**

Esta categoria corresponde tanto às mudanças quanto à estabilidade no relacionamento conjugal, bem como reações e sentimentos do pai ante a gravidez e parto.

Verificamos que a Sra.R. desde o início de seu casamento tinha um marido que não a amparava, como percebemos em sua entrevista, no trecho a seguir:

*“Fiquei quatro anos casada sem ter filhos, casei com 21 anos e morava em uma pousada em Itanhaém porque meu marido era caseiro de lá, só que depois os donos da pousada venderam e aí os novos donos não queriam mais ninguém lá, aí nós tivemos que nos mudar. Eu não queria voltar pra casa da minha mãe, com duas filhas e marido, então nós fomos morar com a mãe dele”(sic).*

Notamos também esse distanciamento do marido ao saber a notícia da gravidez. A mãe não traz muitas informações a respeito da relação do marido com esse período, o que indica que não houve um envolvimento afetivo do mesmo. De acordo com Maldonado *et.al* (1979), existem homens que colocam-se excluídos do processo, participando pouco, como se a gravidez fosse um período unicamente feminino. Parece que foi o caso do Sr. C, pois o único dado que a mãe trouxe sobre a reação do pai sobre a gravidez foi o seguinte:

*“Meu marido também aceitou numa boa” (sic).*

Sobre essa participação e reconhecimento do pai, entendemos que, atualmente, a inclusão do pai é cada vez mais reconhecida como fundamental para auxiliar no desenvolvimento saudável da criança desde a sua concepção. Estudos indicam que suas experiências variam desde a percepção da gravidez como um período de transição ao exercício da paternidade ao sentimento de inclusão e participação na gestação, envolvendo-se de diversas maneiras durante essa fase de suas companheiras, mostrando-se afetivamente mais próximos da gestante e do bebê, apontando uma modificação quanto à paternidade já no período da gestação, a qual se encontra cada vez menos restrita ao universo feminino (VIZZOTTO, 1994; PICCININI, SILVA, GONÇALVES, LOPES, TUDGE, 2004; BORNOLDT, WAGNER, STAUDT, 2007).

- **Atitudes em relação ao período pós-nascimento:**

São incluídos nessa categoria dados referentes às atitudes dos pais em relação à criança, como e quanto os acontecimentos neste período puderam influir no desenvolvimento da criança.

Observamos que a mãe expressa uma contradição nesse período, pois afirma que o marido estava sempre ao lado como se a acolhesse, no entanto notamos indicativos de um pai fraco/ausente como se fosse um “fantasma”. Verificamos essa informação quando a mãe afirma que ele não auxiliava nos cuidados do bebê e não demonstrava afeto como pode ser verificado a seguir:

*“Ah ele tava sempre do lado, mas não colocava a mão nunca, pra dar banho essas coisas. Nem a minha sogra, eu não tive ajuda de ninguém cuidava das meninas sozinhas” (sic).*

Essa falta de envolvimento paterno pode estar relacionada segundo Noto (2001) com dois aspectos. O primeiro é que o desejo de cuidar de seu bebê remete o pai a situações primitivas de sua própria vida, nas quais, num primeiro momento de identificação com sua própria mãe, desejou poder ter um filho com o pai. A vivência do desejo de cuidar do bebê, culturalmente considerado feminino, pode instigar no pai o medo de reviver essas fantasias homossexuais, o que pode atrapalhar a relação com sua própria paternidade. O segundo fator que pode dificultar o exercício da função paterna está relacionado com a condição psíquica da relação que o homem tem com seu próprio pai enquanto objeto interno, ou seja, se possui um pai bom ou mal. Sendo assim, talvez o Sr.C tenha o seu pai interno, como um objeto mal, o que dificulta a relação com sua paternidade, mantendo-se afastado afetivamente da sua mulher

e da criança entendendo seu pai predominantemente como provedor material, segundo Gomes e Resende (2004)

Vale ressaltar que esse período de pós-nascimento é fundamental para compreender aspectos da vida da criança, na medida em que foi nessa fase, mais precisamente quatro meses após o nascimento de Angélica, que seus pais se separaram. Sobre essa situação durante a entrevista a mãe expressou:

*“Ah... o relacionamento já tava ruim né. (pausa) (começa a chorar). Desculpa é que a gente vai lembrando das coisas. (fica chorando e em silêncio por volta de uns 2 minutos). Eu sempre falava pra ele que ia sair de casa se continuasse daquele jeito, mas ele não acreditava, aí quando a Angélica tinha 4 meses eu peguei e sai”(sic).*

Esse é um fato importante, pois, segundo Aberastury (1978), entre os seis e os doze meses de vida, com a iniciação do triângulo edípico, o pai adquire um destaque crucial, em que sua atuação real é decisiva para que a criança possa resolver seus conflitos. Sobre essa questão, estudos como o de Manhães (1981), mostram que a relação Mãe-Filho-Pai é sempre uma relação triangular e, no princípio, a mãe é um pilar de máxima importância, no entanto, espera-se do pai, além de amor e carinho, amparo e proteção ativa e claro que ele passa a ser endeusado. Portanto, a dupla parental, pai e mãe, têm uma importância similar desde o nascimento da criança, como já afirmou Aberastury (1978). Pode-se ainda pensar classicamente com as contribuições de Klein (1967) que, apesar da semelhança a parte desempenhada pelo pai é distinta da mãe, no entanto, essas atitudes complementam-se mutuamente. Ficou claro que Angélica não teve essa participação do pai nesse momento tão importante da sua formação psíquica, o que pode ser danoso para a criança na medida em que, quando a participação do homem é efetiva na gravidez e após o parto, criam-se situações do bem-estar para todos os envolvidos no processo, de modo a se estabelecerem relações mais igualitárias, com afirmam Freitas, Coelho e Silva (2007).

- **Atitudes e expectativas da mãe para a criança:**

Nesta categoria, os dados foram levantados a fim de verificar como a criança está para a mãe, ou seja, como se encontra esta relação afetiva.

Observamos que a Sra. R. é uma mãe complacente e isso pode ser visto no seguinte discurso:

*“Ah”... Espero não só pra Angélica, mas pra todos os meus filhos (chora). Que eles tenham uma profissão... E que não passem pelo o que estou passando... É muito difícil sabe, ficar recebendo críticas o tempo todo”(sic).*

E, atribuindo tarefas para os filhos, acredita que terão um futuro melhor:

*“Ah, eu não deixo de cabeça vazia não. Além deles virem aqui na instituição as outras filhas fazem canto. Acho muito importante pra elas, mas elas escolhem o que querem fazer, eu não obrigo a nada, elas que escolheram fazer o canto” (sic).*

- **Atitudes Pai/Criança:**

Esta categoria incluiu dados a respeito da relação pai/filho.

Através do discurso, verificamos que o pai não mantém qualquer tipo de contato com a filha, desde a separação e, como foi discutido anteriormente, até em um período anterior a esse. A Sra.R. confirmou esses dados:

*“Com a Angélica ele não fala nunca” (sic).*

Essa ausência física bem como afetiva do pai pode ter sido prejudicial para o desenvolvimento da criança e gerado sofrimento. Pode-se dizer que Angélica vive uma considerada situação de risco, pois, de acordo com Hetherington (1979), conviver com apenas um dos pais propicia essa posição e a consciência da ausência paterna torna real a separação, desencadeando, nas crianças, tristeza, medo, medo do que iria acontecer, angústia, fechamento e raiva, assinalando a condição de desamparo das crianças, como foi verificado por Souza (2000). Sendo assim a separação conjugal pode, segundo Zill Morrison e Coiro (1993), ter um efeito negativo significativo nas vidas dessas crianças e que esses efeitos podem ser mais prejudiciais se a separação ocorrer antes dos seis anos da criança, como foi o caso de Angélica.

Um fato interessante é que mãe parece compartilhar da mesma crença do Sr. C. em relação à paternidade, considerando-o apenas como provedor, o que pode contribuir para manter esse afastamento do pai com a filha. Essa crença é comum no ocidente, segundo Parseval (1986), porém, existem muitos homens que ainda dividem essa opinião, como foi verificado por Freitas *et al* (2009). Sendo assim, como para a Sr.R., ele, no seu entendimento, cumpre a função material, logo o pai está participando da vida da filha, como foi observado:

*“Mas ele sempre cumpre com a obrigação dele, isso eu não posso reclamar, toda vez que eu ligo pra ele pra pedir alguma coisa ele sempre dá um jeito de trazer, eu acho importante ter esse contato” (sic).*

No entanto, essas imagens são simplistas, o pai contemporâneo se faz presente em contexto familiar estável sob o ponto de vista da estrutura e da dinâmica do grupo familiar e não restringe seu envolvimento ao sustento financeiro. Trata-se de um pai que expõe sua face afetiva e próxima da intimidade cotidiana, de modo contrário à visão tradicional que estabelecia um distanciamento físico e afetivo (GOMES; RESENDE, 2004; SILVA;

PICCININI, 2007). A partir dessas considerações, podemos dizer que o Sr.C. não se identifica com um pai da atualidade, pois não mantém qualquer tipo de contato com Angélica, apesar de a Sra.R. afirmar que considera importante o contato com a filha, notamos que o pai estabelece contato amoroso e afetivo apenas com a mãe, como ficou evidente no seguinte fragmento do discurso:

*“Eu não quero que meus filhos fiquem sem o pai, acho importante ter essa figura paterna presente, impõe respeito, sabe? É o que eu sempre digo existe ex-marido, mas não existe ex-filho. A gente conversa muito eu e ele. Ele só não visita com frequência porque ele não se dá com a minha mãe” (sic).*

Dessa maneira, o relacionamento existente é do o Sr. C. com a Sra. R., como foi afirmado pela mesma:

*“Sim. A gente sai junto até hoje, conversa e tal. E assim eu acho que deu mais certo do que como era antes” (sic).*

Sendo assim, apesar de estarem separados há sete anos, os pais de Angélica ainda mantêm um relacionamento amoroso, no entanto o Sr. C. não a deixa segura o suficiente para voltar a morar com ele, verificamos a seguir:

*“Eu não entendi porque ele saiu... ele falava que estava cheio de mandar nele e tal, esse é o problema dele, ele não gosta de ter patrão sabe? Quer ser dono dele mesmo. Só que isso não dá certo, porque ele sonha muito e sonhar não enche barriga de ninguém. E criança não espera, não espera nada, o aluguel chega no final do mês e aí? Como que faz? Eu não vou trocar o certo pelo duvidoso” (sic).*

A partir desses dados podemos dizer que o Sr. C. não cumpre com a sua função de pai, pois se mantém afastado de um envolvimento mais próximo afetivo com a filha, sendo apenas provedor material. Essa questão parece, então, referir-se muito mais à subjetividade que sustenta a presença do pai no lar do que a ausência física dele, pois estudos apontam que mesmo não vivendo no mesmo lar dos seus filhos, alguns pais são capazes de manter uma relação próxima com os mesmos e exercer bem suas funções enquanto pai (MACCOBY; BUCHANAN; MNOOKIN; DORNBUSCH, 1993; AMATO; GILBRETH, 1999).

- **Atitudes de outros membros da família/criança:**

Esta categoria refere-se à possibilidade de que outros membros da família exercem influência sobre a criança.

A avó materna de Angélica parece ser muito crítica com a Sra.R., fazendo com que a mãe não se sinta amparada e reconhecida, como verificamos através do discurso a seguir:

*“Quem me critica muito é a minha mãe e minha irmã. Minha mãe acha que eu não devia ter saído da casa da minha sogra, a minha história é parecida com a dela, porque ela diz que não gostava também da sogra dela, mas que ela não saiu de casa por causa disso, porque ela também morou com a minha vó sempre. A casa que ela mora hoje é ainda no quintal que era a casa da minha vó. A única diferença entre eu e ela é que meu pai tinha problema com bebida, era alcoólatra, e o meu marido não tem vício nenhum. Então ela acha que eu não devia ter deixado ele, que eu tinha que ter agüentado, só que eu não acho isso. Eu não sou obrigada a ficar em uma situação que eu não quero, eu tenho que pensar nos meus filhos, e ela não entende isso”(sic).*

Além de essa relação gerar conflitos na Sra.R., ressaltamos que, desde a separação, a criança e a mãe moram com a avó, sendo esta muito crítica, o que indica viver em conflito com a Sra R. Assim, a menina, além de não ter nenhum contato paterno, pode não se sentir amparada pela avó. Dessa maneira Angélica pode ter se desenvolvido em um ambiente inconstante, o que pode ter sido prejudicial, pois, segundo Aberastury (1978), a estabilidade é o clima necessário para que um ser humano se desenvolva normalmente.

- **Estado atual da criança:**

Incluem dados a respeito de como a criança sente e reage frente à situação parental e como está frente ao mundo externo.

Atualmente Angélica não apresenta queixa escolar nem de comportamento, no entanto é uma criança franzina, tímida, introvertida. Em relação ao contato com a pesquisadora expressou medo, dificuldade de expressão verbal e no trato social. Essas características da criança podem estar relacionadas com a ausência paterna, pois de acordo com Volpe e Alvim (1986), um pai fraco gera na criança sentimentos de insegurança e ansiedade.

- **Transtornos orgânicos:**

Compreendem dados a respeito de possíveis transtornos orgânicos que a criança apresenta ou apresentou como e quando.

Uma criança sem pai ou mesmo tendo um pai psicologicamente ausente ou muito fraco, pode apresentar transtornos psíquicos ou orgânicos, como já havia afirmado Aberastury (1978). Os transtornos orgânicos foram verificados por Guidubaldi e Cleminshaw (1985) e indicam que o estado civil tem relação com o estado de saúde de todos os membros da família, incluindo os pais e as crianças.

A mãe relatou que teve muita dificuldade para tirar a fralda de Angélica, sendo que a menina apresentou enurese noturna até um período recente como foi constatado:



*“Ah... isso sim. Ela deixou de fazer xixi na cama faz uns 4 meses. Foi muito difícil tirar a fralda dela, o irmão de 4 anos não faz mais e ela ainda fazia. Ah... era todo o dia, nós dormimos na mesma cama, então eu acordava molhada tinha até que forrar a cama, aí eu falava pra ela: Poxa Angélica de novo? Ela falava: “Desculpa mãe, eu não segurei...” (sic).*

Para Klein (1932), a enurese é tanto um ato de presentear quanto sádico de atacar. Em seu aspecto positivo, a urina representa o leite da mãe porque a criança equipara, inconscientemente, todas as substâncias corporais. Mas o corpo e produtos da mãe passam a ser odiados porque a frustram. A criança privada do leite materno reage com fantasias de ataque ao seio em que inunda, submerge, encharca, queima e envenena por meio da urina. O seio, que era o alvo de seu prazer, passa a ser um objeto de desprazer e de ataque e, por vingança ou fantasia, produz uma grande quantidade de leite que deseja do mesmo modo que a fantasia envenena com a urina o seio e o leite que lhe parecem maus. A urina é fantasiada como um líquido solvente e corrosivo na menina, o sentimento de onipotência dos esfíncteres é mais insidioso e durável para o desenvolvimento da vida sexual e da formação do ego do que no menino. Nela, os ataques sádicos fantasiados contra a mãe são mais mágicos, vigorosos, duradouros e secretos. Em sua fase sádica, acredita profundamente no poder mágico de sua urina, o que a leva a identificar-se, em menor intensidade do que o menino, com o pai sádico. O fato de o pai possuir um pênis, que é concebido como um instrumento de crueldade faz com que a menina o veja como possuidor de poderes uretrais especiais. A enurese que, primariamente, expressava uma posição feminina, passa a representar uma posição masculina (uma observação que vale tanto quanto para o menino), uma vez que por meio dela busca destruir a mãe e introjetar o pênis do pai. Essa posse imaginária do pênis do pai reforça sua crença no poder mágico e destrutivo e de seus excrementos e pensamentos.

- **Ambiente familiar:**

Esta categoria incluiu dados sobre o próprio ambiente físico-organização: higiene.

Como citamos, moram na mesma casa, a Sra R. com seus quatro filhos, um sobrinho e a avó de Angélica. A Sra. R. explica a seguir como são divididos os quartos:

*“E meus filhos dormimos todos no mesmo quarto. Tem uma cama de casal que dorme eu, a Angélica. e o J. Aí tem a cama de solteiro que dorme a R. e B. uma virada pra cada lado. E no outro quarto da casa dorme a minha mãe e meu sobrinho” (sic).*

Notamos que não existe privacidade em relação à mãe e aos filhos, no entanto não podemos esquecer que a situação econômica da família é precária, sendo que a mãe não tem condições financeiras para morar sozinha com seus filhos.

## **ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHO-ESTÓRIAS COM TEMA:**

A seguir são apresentados os dados de um único encontro com a criança que teve uma duração aproximada de 30 minutos. Visando facilitar a compreensão do leitor é apresentada uma síntese da análise das produções gráficas e estória propostas por Trinca (1997) e Tardivo (1997).

### **Dados do Rapport:**

Angélica falou que tem sete anos e que tem mais 3 irmãos: 2 meninas e 1 menino. Mães e filhos habitam na mesma casa, porém o pai é ausente. Falou que gosta de brincar e de desenhar. Durante esse procedimento, Angélica demonstrou-se bastante tímida, ansiosa e com dificuldade de expressão verbal.

### **Primeira Unidade de Produção (Criança com 7 anos)**

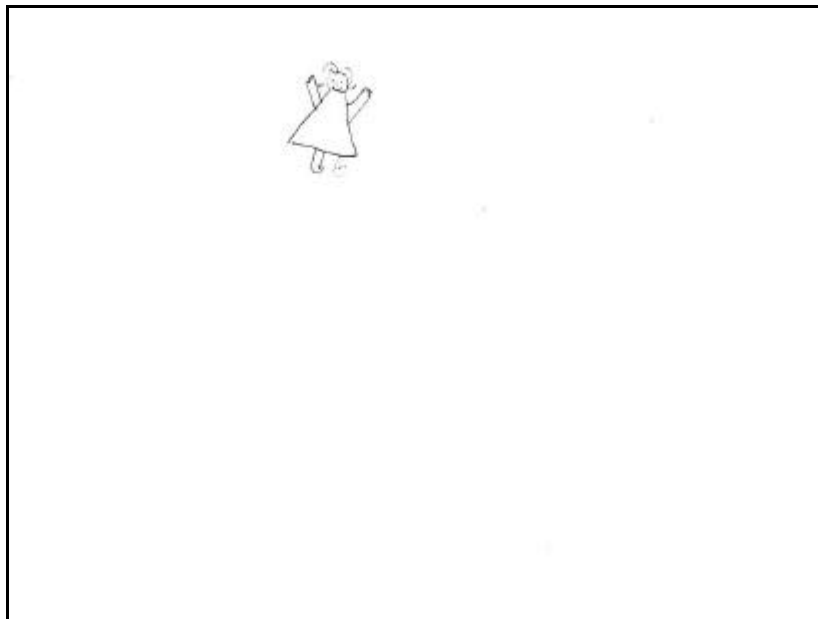


Fig. 1- Primeira unidade de produção gráfica - Angélica.

Estória da primeira unidade de produção gráfica:

A criança fica em silêncio e não consegue contar a história. A psicóloga começa a fazer perguntas.

O que a menina está fazendo?

R: Dançando.

Onde ela está dançando?

R: Na casa dela.

Ela está sozinha?

R: Tá.

O que ela gosta de fazer?

R: De pular corda.

E o que mais?

R: De jogar bola.

Com quem ela mora?

R: Só com a mãe.

Título: Marcela

### **Segunda Unidade de Produção (Pai da criança com 7 anos)**

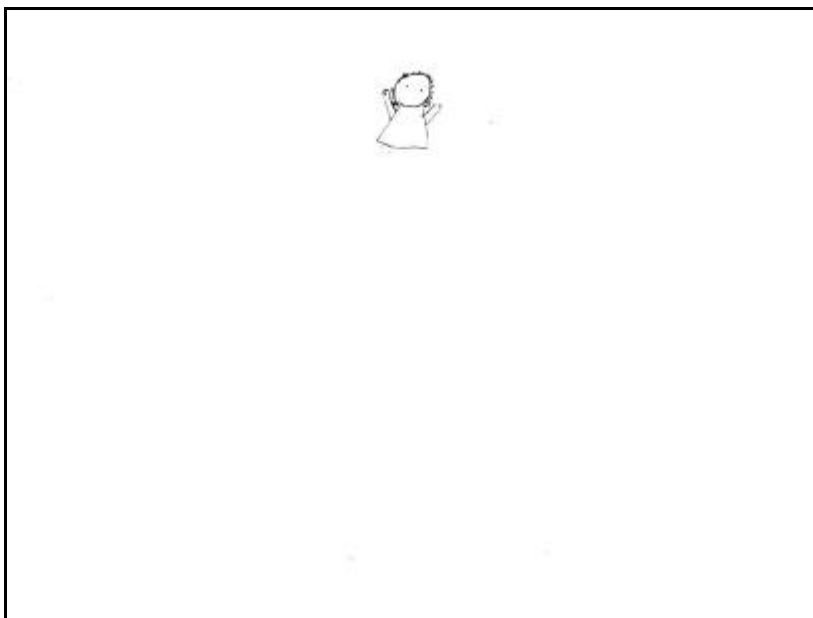


Fig. 2- Segunda unidade de produção gráfica - Angélica.

Estória da segunda unidade de produção gráfica:

A criança novamente fica em silêncio e não consegue contar a história. A psicóloga procede da mesma maneira e começa a fazer perguntas.

Quantos anos têm esse pai?

R: 16 anos

O que ele gosta de fazer?

R: Jogar vôlei e andar de moto.

O que ele está fazendo no desenho?

R: Correndo.

Ele tem filhos?

R: Só tem uma filha.

Com quem ele mora?

R: Com a mãe e com a filha.

Então ele mora com a mãe e com a filha?

R: Não, mora sozinho.

Ele trabalha?

R: Trabalha.

O que ele faz?

R: Arruma bicicleta.

Ele fala sempre com a filha?

R: Fala.

Título: Tiago.

### **SÍNTESE DA ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHO-ESTÓRIA COM TEMA:**

A análise da representação gráfica integrada às estórias relatadas pela participante aponta características representativas de imaturidade e primitivismo, sinalizando perda de controle e regressão que foram observadas por meio da incompatibilidade entre o desenho, a temática da estória e o título. Assim, observa-se em Angélica passividade, uma atitude de expectativa diante da vida, manifestada através de um comportamento emocionalmente dependente e ansioso, possível de ser identificado até mesmo no contato inicial com a psicóloga. Identifica-se, ainda, medo de iniciativa, levando-a a permanecer absorta em fantasias e com poucos recursos para expressar verbalmente seus sentimentos e pensamentos.

A relação com a mãe, embora esta seja citada na fase da elaboração das estórias não oferece informações suficientes para uma análise mais precisa, apenas destaca-se na criança o certo grau de identificação entre mãe e filha à medida que ambas estão sozinhas, sem a presença do pai.

No que diz respeito à relação estabelecida com a figura paterna, verifica-se uma ausência e omissão do pai, representado como uma figura feminina, levando a crer que há certa indiferenciação no reconhecimento das características sexuais, comprometendo inclusive a representação da sua imagem corporal. Ainda sobre o distanciamento da figura paterna, os resultados apontam para uma sensação de desamparo, insegurança no “caminhar” e “estar no mundo”, com tendências depressivas.

A realização infantil de Angélica denota uma relação paterna marcada por sentimentos ambivalentes derivados de conflitos entre instintos de vida e morte. Esses sentimentos são

marcados pela necessidade de suprir as faltas básicas, como o desejo de proteção, abrigo e de manter as coisas da infância. Fica declarada a necessidade de ser contida, cuidada e compreendida, sinais que caracterizam ansiedades depressivas para as quais responde fazendo uso de mecanismos de defesa como a projeção, negação, idealização e, especialmente, o isolamento e a regressão a estágios primitivos do desenvolvimento.

### **AVALIAÇÃO DO NÍVEL INTELECTUAL A PARTIR DO TESTE DAS MATRIZES COLORIDAS DE RAVEN- ESCALA ESPECIAL:**

Em decorrência de nossa observação sobre o comportamento da criança, bem como do primitivismo gráfico expressado por Angélica, observamos a necessidade de avaliação de seu nível intelectual. Ao aplicarmos a Escala Colorida do Teste de Raven, deparamo-nos com um total de 11 acertos com percentil equivalente a 10 conforme Normas Para Escolas Públicas apresentadas no Manual Tabela XXV (p. 133, 1999), tendo sido classificado como definitivamente abaixo da média na capacidade intelectual (IV).

A consistência da pontuação foi verificada na Tabela XXIII, conforme Angelini, Alves, Custódio, Duarte e Duarte (1999, p.131) e nenhuma diferença significativa foi constatada, ou seja, a soma algébrica das diferenças obtidas foi igual a zero ( $A= 1; Ab=0; B= -1$ ) indicando a validade do resultado obtido pela criança.

### **SÍNTESE DO CASO ANGÉLICA:**

Durante a gravidez a mãe apresentou o conflito de desejar e rejeitar a criança, conflito esse denominado ambivalência e considerado comum pela literatura nesse período. A situação de ter um filho é algo muito intenso para provocar apenas um tipo de sentimento, surgindo, então, diferentes sensações, o que indica a normalidade nessa fase (SOIFER, 1977; MALDONADO *et.al.* 1979). No entanto, verificamos que nessa fase e mesmo desde o início de seu casamento, a Sra. R. pareceu perceber que o marido não a amparava, uma vez que o Sr.C. evitou envolver-se com a gravidez da mulher, colocando-se à margem de todo o processo de gestação e inclusive depois que o bebê nasceu. Os dados indicam que o Sr.C. comportou-se como se a gestação, o parto e os cuidados com o bebê fossem coisas exclusivamente femininas às quais ele não pode ou não deve ter acesso, como afirmou Maldonado *et al* (1979).

Parece, então, que o comportamento do Sr.C. vem ao encontro das observações clínicas de Soifer (1977), quando explica que a gravidez da companheira reativa no homem a problemática inconsciente relacionada à figura feminina e, nos casos em que o conflito não foi

adequadamente resolvido, ele pode reatualizar velhas situações infantis e de adolescência. Somando-se ainda que essa falta de envolvimento paterno do Sr. C. pode estar relacionada com a sua própria história pessoal, ou seja, com a condição psíquica da relação que ele tem com seu próprio pai enquanto objeto interno, conforme Noto (2001), quando se tem um pai bom ou mal. Desse modo, ainda que não seja objeto de estudo do presente trabalho, podemos hipotetizar que o Sr.C. também leve consigo um pai interno como um objeto mal, o que dificulta a relação com sua paternidade, mantendo-se afastado afetivamente da sua mulher e da criança o que pode ser prejudicial, pois, quando a participação do homem é efetiva na gravidez e após o parto, criam-se situações do bem-estar para todos os envolvidos no processo, de modo a estabelecerem relações mais igualitárias, como foi verificado por Freitas, Coelho e Silva (2007).

Apesar de sentir-se desamparada pelo marido, a mãe sente uma grande dificuldade de desvincular-se dele visto que ainda sustenta um relacionamento amoroso com o mesmo após a separação. Vale ressaltar que a separação ocorreu quando a menina tinha apenas quatro meses, período de pós-nascimento que é fundamental para compreender aspectos da vida da criança, pois, segundo Aberastury (1978), entre os seis e os doze meses de vida, com a iniciação do triângulo edípico, o pai adquire um destaque crucial, em que sua atuação real é decisiva para que a criança possa resolver seus conflitos e, para Klein (1967), apesar de a importância ser similar do casal, a parte desempenhada pelo pai é distinta da mãe. Fica claro que Angélica não teve essa participação do pai nesse momento tão importante da sua formação psíquica.

Como o pai tem importância na fonte de identificação, em um momento inicial do desenvolvimento do indivíduo, é possível compreender que um pai ausente e psicologicamente fraco ou incapaz de assumir a paternidade provoque na criança um sério déficit em sua identidade genital, como afirmou Aberastury (1978). De modo que meninas que não tiveram esse tipo de pai próximo podem apresentar distúrbios na identidade sexual, como foi examinado no estudo de Hetherington (1972) e no presente caso, pois Angélica apresenta dificuldades como na formação da identidade sexual, não reconhecendo de forma diferenciada as características sexuais o que compromete inclusive a representação da sua imagem corporal. Volpe e Alvim (1986) ainda afirmam que a menina em relação com o pai frágil redundava em geral na internalização de uma figura frágil e incapaz, levando-a a acreditar mais na força da mulher. Notamos esse aspecto no caso, visto que a figura do pai é representada pela criança como feminina.

Sendo assim, as conseqüências da ausência paterna na estrutura familiar e no psiquismo de cada um de seus elementos, segundo Gomes (2001), são as mais diversas e vão desde sintomas mais leves até conseqüências dramáticas, como depressão infantil. Observamos esses aspectos sobre esse distanciamento do pai, pois os resultados apontam em Angélica para uma sensação de desamparo, insegurança no “caminhar” e “estar no mundo”, com tendências depressivas.

Vale, ainda, ressaltar que apesar da mãe não apresentar dados sobre dificuldade de aprendizagem, a criança apresentou um déficit cognitivo sendo classificada como definitivamente abaixo da média na capacidade intelectual. Essa incapacidade intelectual pode também estar relacionada com a ausência do pai, na medida em que pesquisas apontam que crianças com os dois pais presentes tiveram melhor desempenho que em crianças com apenas a mãe, em relação às habilidades cognitivas e sociais, problemas de comportamento, como verificou Stewart, McCartney, Vandell, Owen, Booth (2000). Eagle e Breux (1998) ainda afirmam que o envolvimento do pai contribui para melhor desenvolvimento intelectual do filho e, por conseqüência, para melhor adaptação e desempenho deste na escola.

A partir dos resultados evidenciamos que o Sr.C. não teve nenhum tipo de envolvimento real e afetivo com a criança desde a gestação até o momento atual. Dessa maneira, compreendemos os resultados indicando que a relação de Angélica com seu pai é marcada por sentimentos ambivalentes derivados de conflitos entre instintos de vida e morte. Esses sentimentos são marcados pela necessidade de suprir as faltas básicas, como o desejo de proteção, o abrigo e o de manter as coisas da infância. É manifestada também na criança uma necessidade de ser contida, cuidada e compreendida, que caracterizam ansiedades depressivas para as quais responde fazendo uso de mecanismos de defesa como a projeção, negação, idealização e, especialmente, o isolamento e a regressão a estágios primitivos do desenvolvimento.

Dessa maneira podemos dizer que o pai do presente caso não cumpre com a sua função, o que pode estar gerando graves sintomas psicoafetivos, cognitivos e de comportamento em Angélica na medida em que o pai contemporâneo se faz presente em contexto familiar estável sob o ponto de vista da estrutura e da dinâmica do grupo familiar e não restringe seu envolvimento ao sustento financeiro (GOMES; RESENDE, 2004; SILVA; PICCININI, 2007).

## IV. 2. CASO 2: NATAN\*

Idade: 7 anos

Filho de Sra. C. e Sr. F. – pais casados.

### **Dados gerais:**

Natan é uma criança com facilidade de expressão verbal e trato social, o que facilitou o contato com a pesquisadora. No entanto, apresentava problemas escolares, decorrentes da dificuldade de concentração. Natan, durante muitos anos, dormia no quarto dos pais porque chorava muito ao dormir em seu próprio quarto na companhia dos irmãos (ressalta-se que Natan tem um irmão gêmeo idêntico e uma irmã de 9 anos).

### **DADOS DA ENTREVISTA COM A MÃE:**

A seguir são apresentados os dados de uma única entrevista com a mãe que teve uma duração aproximada de 2 horas. Durante esse procedimento, a Sra C. estabeleceu um bom contato com a pesquisadora, mostrando-se bastante solícita, fornecendo informações de forma clara a respeito do desenvolvimento da criança, bem como sua relação com os familiares.

- **Atitudes em relação à gravidez e parto:**

Esta categoria compreendeu basicamente os sentimentos e comportamentos da mãe em relação à gravidez – aceitação/rejeição, medos, percepção e reação.

Percebemos que a mãe sofreu um impacto ao descobrir que estava grávida, pois não havia sido planejada. Sendo assim, apresentou uma reação ambígua entre o desejo de ter ou não o filho, denominada ambivalência por Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979). Essa reação é considerada normal nesse período de acordo com Soifer (1977), e para a autora, toda gravidez produz uma situação de maior ou menor conflito entre uma tendência maternal e outra de rejeição (desejo e contra desejo). Sobre essa questão a mãe relata:

*“Ah, foi tudo bem quando eu soube que tava grávida, no começo foi difícil aceitar, porque eu não queria” (sic).*

Verificamos a rejeição no seguinte fragmento da entrevista:

*“Cheguei até falar pra minha irmã, que quando nascesse eu ia dá um pra ela cuidar e eu ficava com o outro, porque os dois ao mesmo tempo eu não ia conseguir” (sic).*

A rejeição, de acordo com Soifer (1977), baseia-se em evidências persecutórias que se devem à elaboração do conflito edipiano. Para a autora, o mecanismo de defesa mais útil para resolver o conflito é a negação e, portanto, normal na gravidez. Observamos que a mãe no início nega a existência da gravidez, mesmo com o resultado do exame positivo:



*“E eu tava tomando remédio na época então eu demorei pra acreditar que eu tava grávida. Mesmo indo no médico ele mandou eu fazer exame de urina e deu positivo, eu continuava não acreditando porque eu tava tomando remédio, aí depois mandou fazer o exame de sangue e deu positivo, aí não teve como né”( sic).*

A mãe apresenta temor na incapacidade de dar à luz e nutrir uma criança, medo ao saber que estava grávida, isso acontece, segundo Soifer (1977), pois outro fator que gera ansiedade é o temor derivado da situação econômica, quando esta é realmente precária, como é o caso da Sra.C. Sobre essa questão ela expressa:

*“O médico fez a ultrassom e aí veio o segundo susto, eram gêmeos. Aí eu fiquei desesperada, como que eu ia da conta de dois? E ainda tinha a menina pra cuidar. A gente tinha aluguel pra pagar. Aí eu demorei pra aceitar, fiquei mais ou menos 1 mês em depressão pensando que eu não ia da conta, eu e meu marido estávamos começando a vida também, tudo era difícil ” (sic).*

No entanto, a mãe expressa também o desejo de ter o filho:

*“Eles nasceram de parto normal, eu quis que fosse assim, e de 9 meses, o médico achava que eles iam nascer antes, de uns 7 meses, mas eu fiquei segurando, não queria cesárea porque pensava que ia ficar com a barriga costurada, e não ia poder fazer nada, e tinha que dar conta de 3 filhos, então queria parto normal. Então eu segurei e tive eles de parto normal com 9 meses. Aí foi tudo bem... mas eu não pude amamentar eles muito tempo”(sic).*

Segundo Soifer (1977), a gravidez envolve um processo psicológico de regressão. Notamos esses aspectos na entrevista quando a mãe ao falar sobre a sua gravidez, recorda de informações da sua infância, de seus pais:

*“Porque eu fui criada pela minha irmã mais velha, hoje ela tem 48 anos. Minha mãe faleceu e meu pai eu não conheci também, então quem me criou foi minha irmã e meu cunhado, então ela que me ajudava muito, meus filhos chamam ela de avó e meu cunhado de avô”(sic).*

Essa irmã mais velha que a criou teve bastante influência em sua aceitação da gravidez, oferecendo o amparo materno que ela necessitava:

*“Ela que meu deu uma força falando que onde comia 3 comia 4, que ia dá tudo certo e tal, mas no começo foi difícil aceitar”(sic).*

- **Relacionamento do Casal (Vida sexual e afetiva):**

Esta categoria corresponde às mudanças e estabilidade neste relacionamento, reação e sentimentos do pai pela gravidez e parto.

Os pais de Natan já moravam juntos e mantinham um relacionamento estável quando a Sra. C engravidou, indicando que existia uma harmonia do casal na época da gravidez e que o Sr. F. cumpria com sua responsabilidade de pai, pois assumiu a primeira filha do casal quando eles eram ainda adolescentes, como foi relatado a seguir:

*“O relacionamento na época da minha gravidez estava tudo bem, a gente já tinha a E. Eu tive ela com 17 anos e ele tinha 15 anos, e aí logo que eu fiquei grávida nós fomos morar juntos”(sic).*

Enfatizamos o desejo paterno em relação ao filho, pois em nenhum momento o marido falou para a Sra.C. interromper a gravidez, mesmo já tendo uma filha e enfrentando dificuldades financeiras. Sobre essa questão a mãe afirma:

*“Mas eu nunca pensei em tirar e meu marido também nunca falou nada”*

Notamos que a Sra. C sentiu-se acolhida pelo marido, que, ao saber da gravidez, foi procurar mais um emprego. Observa-se esse aspecto no seguinte fragmento:

*“O pai ao saber da gravidez dos gêmeos quase desmaiou no hospital. Também foi um choque pra ele, mas a solução dele foi arrumar outro emprego (risos) Ele é mais prático, não se desespera que nem eu” (sic).*

Evidenciamos que a gestação e o nascimento constituem para o casal uma fase de transformações e dúvidas que acompanham a aquisição de novos papéis e responsabilidades antes inexistentes, como afirma Freitas, Coelho e Silva (2007). Podemos analisar ainda esse comportamento do pai de Natan, como uma crença ocidental em relação à função paterna, como se fosse apenas de provedor financeiro, sendo assim a solução encontrada pelo marido foi a de aumentar a renda familiar. Apesar de estar ocorrendo uma mudança nessa crença, o envolvimento paterno vem aumentando gradualmente nas últimas décadas, segundo Amato e Gilbreth (1999) existem muitos homens, que ainda compartilham dessa opinião, vinculando a paternidade mais como provisão material da família do que espaço de envolvimento afetivo com os filhos (FREITAS; SILVA; COELHO; GUEDES; LUCENA; COSTA, 2009).

- **Atitudes em relação ao período pós-nascimento:**

São incluídos nesta categoria dados referentes às atitudes dos pais em relação à criança, como e quanto os acontecimentos neste período puderam influir no desenvolvimento da criança.

Em relação à mãe, observamos novamente uma atitude inconsciente de rejeição, após o nascimento do filho, quando afirma que não pode amamentar. Sobre isso a mãe expressa:

*“Porque logo depois do parto eu emagreci demais, porque a gravidez toda eu tive anemia, e depois que eles nasceram se eu dava de mamar, eu passava mal e desmaiava estava ficando muito fraca, aí o médico falou que era pra eu parar de amamentar” (sic).*

A situação de ter um filho é algo complexo para provocar um tipo apenas de sentimento, sendo assim, faz surgir diferentes sensações, incluindo a de não querer a criança (MALDONADO *et.al* 1979). No entanto o contradesejo de ter o filho, que no caso pôde ser manifestado na incapacidade da mãe amamentar, é considerado por Soifer (1977) como normal nesse período.

Em relação ao pai observamos que se apegou muito aos gêmeos, pois se identificou com eles, em uma relação narcisista, como se os gêmeos fossem ele mesmo, como pode ser observado a seguir:

*“Ah... ele ficava babando né... ainda mais dois meninos. Chegava do trabalho e ia direto no berço ver os meninos. Até deixou um pouco E. de lado” (sic).*

Notamos que, a partir desse fragmento do discurso, a existência de uma gratificação do homem em dar um bebê à mulher, na medida em que isso significa para Klein (1967) compensar os seus desejos sádicos para com a mãe, pois quando criança ele tinha desejos intensos de gerar filhos da mesma maneira que sua mãe. Como homem, é capaz de dar filhos à esposa, pode vê-la feliz em companhia deles e, assim, sem sentimento de culpa, promove a reparação do seu desejo sádico infantil (KLEIN, 1967). Ainda podemos analisar esse comportamento como uma satisfação do pai sentindo-se viril, pois, em nossa cultura a fertilidade masculina representa emocionalmente virilidade e potência (MALDONADO *et.al* 1979). Esse sentimento pode ter sido acentuado pelo Sr.F, visto que sua mulher engravidou de gêmeos, ambos do sexo masculino.

- **Atitudes e expectativas da mãe para com a criança:**

Nesta categoria, os dados foram levantados a fim de verificar como a criança está para a mãe, ou seja, como se encontra esta relação afetiva.

Verificamos que a mãe apresenta um vínculo simbiótico com o filho e que, apesar da mesma afirmar que pode estar prejudicando Natan, o desejo inconsciente é de conservar o menino com ela. Essa relação pode levar o menino a permanecer vinculado à mãe, permanecendo com características de uma ligação infantil, às vezes simbólica, fixadas em fases iniciais do desenvolvimento, como afirmou Volpe e Alvim (1986). Quando a mãe se coloca nesta posição ela não permite que a figura paterna realize a interdição, portanto a criança fica aprisionada aos desejos da mãe, fazendo com que perpetue sua infantilização

(NASCIMENTO; MONTEIRO, 2007). Percebemos com clareza essa relação simbiótica com a mãe e como Natan está infantil através da seguinte fala:

*“O meu marido fica muito bravo comigo, porque ele diz que eu estou estragando e que se ele não sabe nem fazer um leite como vai enfrentar a vida. E teve uma vez que meu marido mexeu o leite e falou que tinha sido eu, na dúvida ele não tomou, não adianta. A roupa dele eu também que visto ele, o P. não, se arruma sozinho faz tudo sozinho, agora o Natan eu que tenho que fazer. Só que eu vejo que isso tá prejudicando eles agora, porque eu to tendo problema na escola com eles”*(sic).

Dessa maneira a mãe não permite a entrada do pai na relação, como se a mulher-mãe funcionasse como abelha rainha, que uma vez fecundada mata o zangão que a fecundou, como afirma Noto (2001). Percebemos essa relação quando a mãe afirma:

*“Antes eu não gostava que eles ficassem longe de mim”* (sic).

Verificamos ainda através do discurso que a mãe elege afetivamente Natan, demonstrando uma preferência por ele, em relação aos outros filhos:

*“Eu mimo mesmo o Natan (risos) eu sei que é horrível eu estar falando isso, mas hoje em dia eu reconheço as coisas que eu fiz. Eu mimo muito ele, porque ele é o que mais precisa de mim, eu acho”* (sic).

Essa preferência por Natan estreita ainda mais o vínculo entre mãe e filho, tornando-o mais dependente e impedindo a entrada do pai na relação. O que pode ser prejudicial para a criança, pois de acordo com Volpe e Alvim (1986), nesses casos, tanto a relação com o pai quanto com a mãe são marcadas por sentimentos ambivalentes: por um lado aparece o desejo de ter o pai e poder amá-lo e, por outro, a raiva e as frustrações do não acesso ao mesmo. Com referência à mãe, os meninos também passam a experimentar sentimentos ambivalentes. De um lado se fixam nelas de uma forma dependente confundindo isso com amor; em outros, revelam sentimentos de ódio pela mesma, isso porque, frequentemente, percebem que ela está fazendo parte de um jogo, pois a fragilidade do pai é oportuna para o aparecimento da sua “força”. Outra questão importante é que a mãe, com sua história pessoal, intervém facilitando ou dificultando ou até mesmo impedindo o exercício da função paterna, como afirma Noto (2001). Para a autora, a mãe que tem o pai como algo bom dentro de si pode ver o seu parceiro como um outro que a complementa e que também é complementado por ela, podendo assim possibilitar uma presença clara e forte do pai na relação ao filho desde os primórdios da gestação. No entanto, a Sra C. parece apresentar conflitos em relação a seus próprios pais, pois fora criada pela sua irmã mais velha, como já foi mencionado:

*“Minha mãe faleceu e meu pai eu não conheci também, então quem me criou foi minha irmã e meu cunhado” (sic).*

Dessa maneira, a mãe de Natan não conheceu seu próprio pai, o que pode estar relacionado com o fato dela impedir o exercício da paternidade de seu marido, pois não tem o pai como algo bom dentro de si.

Outra característica que também está relacionada com os objetos internos da Sra.C. é o temor de perder o filho:

*“Morro de medo de acontecer alguma coisa com eles (começa a chorar) desculpa... morro de medo de perder meus filhos” (sic).*

Outra particularidade da mãe, em relação ao Natan é a ambigüidade como é confirmado pelo discurso a seguir:

*“To firme por enquanto (risos), porque antigamente eu dava o castigo e tirava, e eles sabem disso, mas agora eu tenho que ser firme porque se não, não vai ter jeito” (sic).*

- **Atitudes Pai/Criança:**

Incluíram dados a respeito da relação pai/filho.

Notamos um desejo do pai paternar, que é explicado por Klein (1967) como a satisfação real de gerar um bebê e realizar os desejos da esposa. Fonte adicional de prazer é representada pela gratificação de seus desejos femininos ao compartilhar o prazer maternal da esposa:

*“E ele sempre reclamava disso, falava que se sentia desvalorizado, um lixo, que a opinião dele não servia de nada, que ele só servia pra pagar comida e aluguel” (sic).*

No entanto, observamos claramente que a mãe não permite a entrada do pai na relação e não dá uma devida importância à função paterna, considerando o marido apenas como provedor, tendo como ponto central ela mesma, crença essa bastante frequente no ocidente, como assegura Parseval (1986):

*“Confesso que no começo eu não achava que era importante, achava que a mãe é que era mais importante e que o pai não tinha que opinar muito. E falava isso pra ele, que eu não me importava, que se eu tivesse meus filhos pra mim tava tudo certo” (sic).*

Todavia, essa crença em relação ao pai no qual a Sra. C acredita são simplistas (PARSEVAL,1986), o pai da atualidade não se identifica como apenas reprodutor, distante física e afetivamente (GOMES; RESENDE, 2004) e não reduz o seu envolvimento ao sustento financeiro, podendo ter uma ampla participação na vida dos seus filhos (SILVA; PICCININI,2007). A Sra. C. manipula ainda algumas situações em que o marido toma a

frente para resolver, mas acaba diminuindo sua autoridade e deixando-o culpado, o que enfraquece ainda mais sua função:

*“Só que teve uma vez que a E. tinha feito malcriação e eu contei pra ele, ele chegou em casa e foi bater nela, eu me meti na frente, falei que ele não tinha coração, que ele não gostava dos filhos pra estar fazendo uma coisa dessas” (sic).*

Notamos a fraqueza do papel e função paterna, quando a mãe afirma uma situação em que o corte, a imposição de limites não foi realizada pelo pai, e sim, por terceiros:

*“Eles tomavam mamadeira toda a noite, durante a madrugada, tomaram até uns 4 anos, e tomavam umas 4 por noite, e eu tinha que levantar pra fazer. Aí a dentista falou uma vez pra eles que eles não podiam mais tomar mamadeira por causa de cárie por causa do açúcar, e eles nunca mais pediram, jogaram fora, e ela teve que falar só uma vez” (sic).*

Essa postura omissa do pai pode ser prejudicial para Natan, pois de acordo com Aberastury (1978), a falta de limites, característica da conduta do pai “laissez- faire”, não gera uma imagem boa do pai, mas pelo contrário, uma imagem de abandono e solidão que traz como consequência uma experiência interna paralisante e atormentadora.

Percebemos, então, que a dificuldade de exercer a paternidade vem de um impedimento interno materno e não do pai. O Sr. F. demonstra-se ser um marido e pai muito bom, como se observou através da fala da Sra C.

*“Sou uma mãe problemática (risos), mas já estou bem melhor e meu marido fala que a gente ainda tem tempo de arrumar porque eles são pequenos ainda, então agora eu estou começando a fazer as coisas diferentes” (sic).*

Ainda sobre o envolvimento do pai com os filhos a mãe relatou:

*“Durante a semana não muito porque ele chega tarde, ele toma café com a gente, e vai trabalhar aí ele volta umas 18h pra tomar um café, ou às vezes não volta, e depois ele tem que ir pra um curso que ele tá fazendo a noite de metalurgia, e ainda de sábado de manhã ele tá fazendo inglês. Mas de final de semana, ele fica bastante com as crianças ajuda a fazer lição, conversa, sai pra passear” (sic).*

A partir do exposto, pode-se dizer que o Sr.F. identifica-se com o pai na atualidade que se preocupa tanto ao relacionamento pai-filho, quanto sobre a educação dos filhos (SCHNEIDER; TRINDADE; MELLO; BARRETO, 1997) e tem o desejo de ser um pai presente, caracterizado por sentidos concretos e psíquicos (BUSTAMANTE, 2005) podendo ter uma ampla participação na vida dos seus filhos, não restringindo seu envolvimento só ao sustento financeiro (SILVA; PICCINNI, 2007). No entanto, apesar de existir um pai fisicamente presente e do mesmo ter um desejo de paternar, a mãe impede que ele entre na

relação com o filho, o que pode estar prejudicando o desenvolvimento da criança, pois a criança que cresce junto a um pai psicologicamente ausente ou muito fraco, pode apresentar transtornos psíquicos ou orgânicos, como já havia afirmado Aberastury (1978).

- **Atitudes de outros membros da família/criança:**

Esta categoria refere-se à possibilidade de outros membros da família exercerem influência sobre a criança.

Observamos uma rivalidade entre os irmãos, principalmente em relação à irmã mais velha com os gêmeos, como pode ser percebido através do discurso:

*“A E. até hoje implica muito com os meninos, e bate neles também. Só que hoje em dia eles se juntam pra bater nela, porque um defende o outro. E ela não olha eles pra mim, só se for uma coisa rápida, ou se ela tiver de bom humor, agora ela já fala, se aprontar já sabe, né, falando que vai bater neles. Entre eles, eles brigam bastante também de se bater” (sic).*

- **Estado atual da criança:**

Incluiu dados a respeito de como a criança sente e reage frente à situação parental, e como está frente ao mundo externo.

Atualmente a criança apresenta problemas escolares, como foi afirmado pela mãe:

*“Agora eu estou tendo problemas na escola. O Natan é muito distraído, ele não consegue se concentrar muito qualquer coisa ele se distrai. E as professoras reclamam que ele fala demais na classe também” (sic).*

A problemática do não aprender pode envolver múltiplos fatores, sendo assim é necessário, como recomenda Souza (1995), analisar o desenvolvimento infantil desde o nascimento até o presente momento. No caso de Natan, a partir do relato da mãe sobre o desenvolvimento da criança bem como a relação estabelecida com a mesma e seus familiares, observou-se que a mãe mantém um vínculo simbiótico com o filho, não permitindo a entrada do pai na relação. Essa dinâmica familiar pode estar relacionada aos problemas escolares que Natan está apresentando atualmente, pois a aprendizagem, para a psicanálise, implica o desejo de saber, que por sua vez está diretamente ligado à falta e esta, ao desejo. Como a mãe não está interdita para a criança, não há falta, portanto, não há como advir o desejo, como afirma Nascimento e Monteiro (2007). Os autores ainda asseguraram que essa interdição para que a criança adentre ao simbólico e tenha o desejo de aprender se dá pela função paterna. No caso de Natan, notamos que o pai não consegue realizar essa interdição, fazendo com que a criança não sinta a falta, portanto, não tendo desejo de aprender. Nesse caso pode estar ocorrendo a denominada inibição intelectual que de acordo com Fernández (1990) existem possibilidades para aprendizagem, porém, perdeu-se o desejo de aprender.

- **Transtornos orgânicos :**

Compreenderam dados a respeito de possíveis transtornos orgânicos que a criança apresenta ou apresentou como e quando.

De acordo com o discurso da Sra.C. a criança tem problemas alérgicos desde bebê:

*“Ele tem problema na respiração né, tem rinite, tem alergia então eu sempre tive o cuidado pra não juntar pó” (sic).*

Há de considerarmos na dinâmica psicológica uma junção de fatores que polarizam os aspectos afetivo-relacionais tais como os aspectos sociais, de produtividade e os orgânicos (SIMON, 1998). De modo que não podemos nos abster de considerar que tais transtornos apresentados no caso de Natan são importantes de serem vistos - as alergias. Porém, cremos que necessitaríamos de mais dados para atribuí-las a qualquer tipo de etiopatologia.

Todavia, a mãe afirma que durante muitos anos, Natan não conseguia dormir em seu quarto e ia dormir no quarto dos pais:

*“Ih... eles foram dormir na cama deles sozinhos faz pouco tempo... eles dormiam comigo e com o meu marido. Na verdade o Natan né, porque o P. vinha só porque ele vinha ele vinha toda noite de madrugada, vinha chorando falava que tinha pesadelo. Isso foi sempre, desde pequenos” (sic).*

E após anos, o Sr. F. resolveu fazer o corte e impedir que os meninos continuassem a dormir no mesmo quarto dos pais: o que indica que se fosse pela mãe, provavelmente, eles continuariam a dormir com ela:

*“Aí meu marido se irritou e falou que ou eles saíam ou quem não ia dormir mais na cama era ele” (sic).*

Dessa maneira, o impedimento teve que vir do pai, o que indica que, se fosse pela Sra. C., a criança provavelmente continuaria a dormir no quarto, expressando uma resolução do fato, mas não do desejo como pode ser observado:

*“Hoje em dia que está tudo bem, mas posso dizer que só consegui dormir uma noite inteira direto de sono faz pouco tempo. Mas vou te dizer que eu estava ate acostumada e que no começo eu sentia falta deles lá” (sic).*

- **Ambiente familiar:**

Esta categoria incluiu dados sobre o próprio ambiente físico- organização, higiene.

O ambiente físico parece ser adequado para o desenvolvimento da criança, sendo que possui quartos separados para os pais e para os filhos, como foi verificado:



*“Eles dormem os 3 no mesmo quarto, e eu e meu marido no outro. Moramos só nós 5. A E. dorme em cama separada, e os gêmeos dormem juntos em uma cama de solteiro, porque eles preferem dormir juntos” (sic).*

Em relação a hábitos e higiene nota-se que a mãe faz tudo por Natan, impedindo sua autonomia, diferente de seu irmão gêmeo que faz tudo sozinho:

*“Agora o Natan é totalmente dependente de mim, e eu sei que eu também atrapalho. Por exemplo, nós tomamos café da manhã todo dia todos juntos. Eu que tenho que mexer o leite com café pra ele, e se ele desconfiar que não fui eu que não mexi ele não toma. A roupa dele eu também que visto ele” (sic).*

### **ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS COM TEMA:**

A seguir são apresentados os dados de um único encontro com a criança num período aproximado de 50 minutos. Visando facilitar a compreensão do leitor é apresentada uma síntese da análise das produções gráficas e estória propostas por Trinca (1997) e Tardivo (1997). Durante esse procedimento, Natan demonstrou-se um pouco tímido no início, mas depois se sentiu mais à vontade com a pesquisadora, estabelecendo um bom contato com a mesma.

#### **Dados do Rapport:**

Natan fala que tem seis anos, depois corrige falando que já tem 7 anos, pois fez aniversário no dia anterior. Fala que teve festa e quem esteve na festa foi o seu padrinho e o padrinho do seu irmão, mas o padrinho do seu irmão chegou atrasado e quase não tinha mais bolo. A mãe, o pai, e a irmã também estavam na festa. Disse que ganhou muitos presentes e roupas. E que gostou muito da festa. Conta que mora com os irmãos e com a mãe e que a irmã tem 9 anos. Disse que gosta de ir à escola e à instituição. Fala também que gosta de pintar qualquer coisa e de brincar de pega-pega e esconde-esconde.

### Primeira Unidade de Produção (Criança com 7 anos)

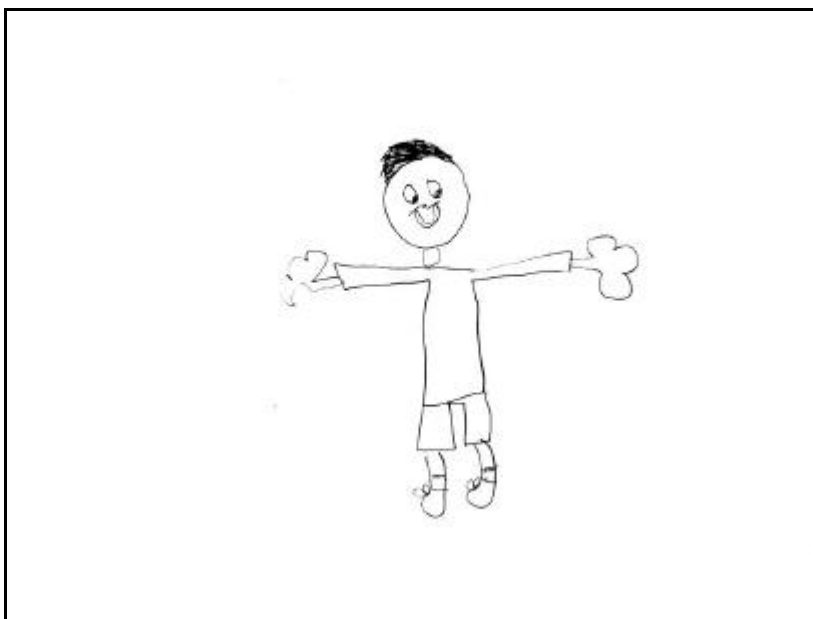


Fig. 3- Primeira unidade de produção gráfica – Natan.

Estória da primeira unidade de produção:

*“Era uma vez um menino que fez aniversário de 7 anos. Ele ganhou muitos presentes, e aí veio todos os padrinhos dele, no aniversário dele, e ele ficou feliz. E acabou”(sic).*

Título: Natan.

Inquérito:

Onde esse menino está?

R: Na festa de aniversário dele.

Quem foi à festa dele?

R: Só os padrinhos e a avó. E a mãe, o pai e o filho.

## Segunda Unidade de Produção (Pai da criança de 7 anos)

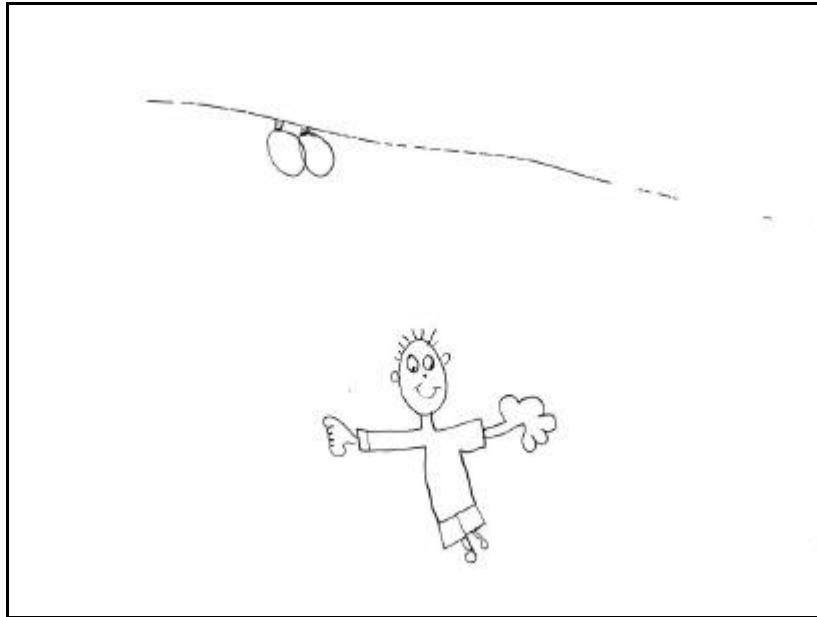


Fig. 4 Segunda unidade de produção gráfica - Natan

Estória da segunda produção gráfica:

*“Esse pai foi na festa do filho dele. Ele tava com fome na festa, e ele foi e comeu todo o bolo, não sobrou nada. Ele foi fazer outro bolo e o filho pegou ele no flagra, o pai tava todo sujo porque tinha comido o bolo todo. Ele fez um bolo de chocolate e a mãe fez um bolo de sorvete, ele não gostava do bolo de sorvete e o filho comeu o todo o bolo. Aí tinha bolo de maracujá, mas a mãe não gostava, então ela abriu a geladeira e tinha bolo de morango aí ela falou: “ humm que gostoso” e comeu o bolo todo. Aí a avó ficou com raiva porque a mãe tinha comido todo o bolo. Aí a avó foi pra cozinha e fez um bolo de chocolate sozinha, um bolo de coração. Aí os netos pediram pra ela fazer um bolo de superhomem, aí ela fez pra comemorar, e aí ficaram felizes para sempre”*

Título: Patrick

Inquérito:

- Quem comeu o bolo?

R: Todo mundo da festa. O filho comeu 6 pedaços do bolo. O pai comeu 3 pedaços, a mãe 1 pedaço, a avó 4 pedaços. A irmã fez brigadeiro de chocolate.

- Quantos anos têm esse pai?

R: Os anos não sei... só sei o nome.

- Qual é o nome dele?

R: Fagner

- Ele trabalha?

R: Trabalha

- O que ele faz?

R: É atleta

- É casado?

R: É.

- Tem filhos?

R: Tem uma menina e 2 meninos.

- Ele gosta de ficar com os filhos?

R: Gosta.

- E o que mais ele gosta de fazer?

R: Gosta de trabalhar e de comer todo mundo junto em família.

- O que ele está fazendo?

R: Tentando pegar o balão

### **SÍNTESE DA ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHO-ESTÓRIA COM TEMA:**

A análise da representação gráfica indica diferenças na qualidade do vínculo estabelecido entre a relação do pai e da mãe para a criança. A mãe é representada como uma figura positiva e o pai como negativa. Com relação à mãe, Natan demonstra sentir-se acolhido, contido e se constituindo em uma relação edipiana ainda não resolvida com traços simbióticos. Ainda essa relação desencadeia na criança sinais de infantilidade, imaturidade, de regressão e primitivismo, representados por uma produção gráfica na qual o caráter expressivo, ou seja, “como foi desenhado” indica sentimentos de inadequação e de deficiências. Observa-se, ainda, sentimentos de insegurança de estar no mundo, dependência, falta de controle e de inibição dificultando a busca pela autonomia.

Com relação à figura paterna, a criança representa como uma figura depreciada e indiferente, que não merece confiança, desenvolve sentimentos derivados do instinto de morte, como ciúme persecutório e voracidade. Esse vínculo com o pai, gera ansiedades paranóides que se manifestam de forma precariamente aliviadas a partir de mecanismos de defesa como cisão e a regressão a estágios primitivos do desenvolvimento.

Natan denota necessidades de suprir faltas básicas, especialmente voltadas às necessidades orais, que podem ter sido geradas da relação simbiótica com a mãe e pela imaturidade na questão edipiana.

O percurso para o desenvolvimento psicológico sadio de Natan pode estar relacionado aos sentimentos de expansão, capacidade de socialização, relação positiva com o futuro e energia.

### **AVALIAÇÃO DO NÍVEL INTELECTUAL A PARTIR DO TESTE DAS MATRIZES COLORIDAS DE RAVEN- ESCALA ESPECIAL:**

Segundo a mãe da Natan, a criança estava tendo problemas na escola, apresentava dificuldade de concentração, sendo assim, apontou-se para a necessidade de avaliação de seu nível intelectual. No entanto, ao aplicarmos a Escala Colorida do Teste de Raven nos deparamos com um total de 23 acertos com percentil equivalente a 90 conforme Normas Para Escolas Públicas apresentadas no Manual Tabela XXV (p. 133, 1999), tendo sido classificado como definitivamente acima da média na capacidade intelectual (II+).

A consistência da pontuação foi verificada na Tabela XXIII conforme Angelini, Alves, Custódio, Duarte e Duarte (1999, p.131) e nenhuma diferença significativa foi constatada, ou seja, a soma algébrica das diferenças obtidas foi igual à zero ( $A = -1$ ;  $Ab = 1$ ;  $B = 0$ ) indicando a validade do resultado obtido pela criança.

### **SÍNTESE DO CASO NATAN:**

A mãe, no período da gravidez, apresentou a denominada ambivalência por Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979), no sentido de desejar e rejeitar o filho, bem como passou a negar a existência da gravidez. Ainda mostrou-se bastante regredida no período de gestação por temer a capacidade de dar à luz e nutrir a criança, acentuado em função da sua situação sócio-econômica precária. No entanto, todas essas características são consideradas adequadas e, portanto, normais no período da gravidez, de acordo com a literatura especializada (SOIFER, 1982; MALDONADO, *et. al* 1979), o que indica que a mãe vivenciou esse momento de uma maneira saudável.

Ainda nessa fase a Sra. C. sentiu-se bastante amparada por sua irmã (a quem considera como mãe) e pelo marido que ao saber da gravidez dos gêmeos se preocupou em aumentar a renda familiar, indicando que a gestação e o nascimento da criança constituem não apenas para mulher, mas também para o homem uma fase de mudanças, com incertezas que acompanham aquisição de novos papéis e responsabilidades, como afirmam Freitas, Coelho e

Silva (2007). Após o nascimento foi observado que o pai se apegou muito aos filhos, isso porque, de acordo com Klein (1967), existe no homem uma gratificação pelo fato de dar um bebê à mulher e uma identificação que, ao ajudá-los em suas dificuldades e promovendo o seu desenvolvimento, está reeditando a própria infância de maneira mais satisfatória. E também podemos relacionar esse aspecto com a virilidade do Sr.F., pois, em nossa cultura, a fertilidade masculina representa emocionalmente potência (MALDONADO, *et. al* 1979), o que seria acentuada no caso, pois foram gêmeos e ambos do sexo masculino.

No entanto, apesar desse apego do Sr. F. e de existir por parte do mesmo um desejo de paternar, foi observado que a mãe não permite a entrada do pai na relação triangular, considerando sua função apenas como provedor, apresentando um vínculo simbiótico com o menino, ou seja, deseja conservar a criança com ela. Nestas situações em que o filho está aprisionado aos desejos da mãe, não é possível a ele desejar, fazendo com que perpetue sua infantilização (NASCIMENTO; MONTEIRO, 2007), como foi observado no caso de Natan, pois essa relação com a mãe desencadeia na criança sinais de imaturidade, regressão e primitivismo gerando sentimentos de insegurança de estar no mundo, dependência, falta de controle e de inibição, dificultando a busca pela sua autonomia.

Outro aspecto que pode estar relacionado com a relação estreita da mãe com a criança, é a dificuldade de concentração que Natan apresenta, segundo os dados da entrevista. A partir dos resultados da avaliação intelectual a criança possui um nível intelectual acima da média para a sua idade, indicando que possui plena capacidade para aprender, pois não apresenta problemas cognitivos. Assim, podemos relacionar sua falta de concentração com aspectos emocionais, porém, mais especificamente com a relação edipiana ainda não resolvida com traços simbióticos. O desejo de saber, para a psicanálise, está diretamente ligado à falta e esta ao desejo. Para que ocorra a falta é necessária uma interdição que se dá pela função paterna (NASCIMENTO; MONTEIRO, 2007). Como a mãe não permite a entrada do pai, ela não está interdita para a criança, não há falta. Portanto, não há como advir o desejo. Dessa maneira, podemos dizer que Natan apresenta a denominada inibição intelectual, pois existem possibilidades para aprendizagem, porém, perdeu-se o desejo de aprender (FERNÁNDEZ, 1990). Essa inibição ainda deriva, para Klein (1970), o temor inconsciente de que suas curiosidades e indagações possam encontrar coisas proibidas e pecaminosas.

A partir dos resultados, evidenciamos que existe uma diferença na qualidade do vínculo estabelecido entre a relação do pai e da mãe para com a criança. A mãe é representada como uma figura positiva e o pai como negativa. Com relação à mãe, Natan demonstra sentir-se acolhido, contido. Em relação à figura paterna, a criança representa como uma figura

depreciada e indiferente, que não merece confiança, desenvolvendo sentimentos derivados do instinto de morte, como ciúme persecutório e voracidade. Dessa maneira, apesar de existir a presença física do pai no lar, podemos dizer que o Sr. F. é um pai ausente no sentido de que a criança o percebe assim. Essa ausência paterna pode estar relacionada com aspectos psíquicos (ABERASTURY, 1978), verificados na criança como a sua dificuldade para autonomia (HETHERINGTON, 1966) e sentimentos de insegurança (VOLPE; ALVIM, 1984).

Apesar de haver diferença na qualidade do vínculo estabelecido entre pai e mãe, observamos que existe uma harmonia das relações familiares e que Natan tem potencial para um desenvolvimento psicológico sadio, demonstrado na sua capacidade de socialização, relação com o futuro e energia, afinal cresceu num ambiente familiar que proporcionou essas características.

#### **IV. 3. CASO 3: BERNARDO\***

Idade: 10 anos

Filho de Sra. L. e Sr. I.

##### **Dados gerais:**

Bernardo é uma criança tímida, mas com facilidade de expressão verbal e no trato social, o que facilitou o contato com a pesquisadora. Sofreu separação do pai biológico (Sr. I.), quando a mãe estava grávida dele de dois meses e não teve mais contato com o mesmo. Foi criado por um padrasto, Sr.C., a partir de um ano de idade, no entanto, o substituto faleceu há sete meses. Têm dois irmãos mais velhos e um da mesma idade (gêmeo idêntico), todos os filhos dos mesmos pais biológicos. Atualmente apresenta problemas escolares.

##### **DADOS DA ENTREVISTA COM A MÃE:**

A seguir são apresentados os dados de uma única entrevista com a mãe num período de 2 horas aproximadamente. Durante esse procedimento, a Sra.L. estabeleceu um bom contato com a pesquisadora, fornecendo informações a respeito do desenvolvimento da criança, bem como sua relação com os familiares. Ressalta-se que a Sra.L. durante a entrevista se emocionou principalmente ao falar sobre o falecimento de seu companheiro.

- **Atitudes em relação à gravidez e parto:**

Esta categoria compreendeu basicamente os sentimentos e comportamentos da mãe com relação à gravidez – aceitação/rejeição, medos, percepção e reação.

Observamos que no período da gravidez a mãe vivenciou o que foi denominado por Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979), como ambivalência, caracterizada pela aceitação e não aceitação de ter o filho. Verificamos a rejeição do seguinte fragmento da entrevista:

*“Sinceramente eu não queria ter, quis tirar, tomei remédio para tirar mais não adiantou. Não queria porque já tava separada do meu marido, e já tinha dois filhos com ele” (sic).*

Notamos ainda que a Sra.L. enfatiza durante a entrevista o contradesejo de ter o filho, relatando sobre a possibilidade de não ficar com a criança após o nascimento como foi observado através da seguinte fala:

*“Eu tinha combinado com a pediatra que quando nascesse eu ia dar meu filho pra ela” (sic).*

Outra manifestação que pode estar associada com a não aceitação do filho foram os enjoos vivenciados no período de gravidez, relatado pela mãe no seguinte fragmento da entrevista:

*“E vomitava tudo, ficava enjoada, até hoje tenho enjoô daquela pasta branca” (sic).*

Isso porque, de acordo com Maldonado *et al.* (1979), as náuseas e os vômitos, quando muito intensos, podem significar uma expressão ambivalência, a manifestação da parte que não quer o filho. No entanto, os enjoos podem estar relacionados também com o temor de dar à luz e nutrir uma criança, acentuado quando derivado de uma real situação econômica precária (SOIFER, 1977) como é o caso da Sra.L., pois pertence a uma classe socioeconômica baixa.

Apesar de não querer o filho em um primeiro momento, notamos após o desejo de aceitar o filho no seguinte discurso:

*“E depois eu não quis dar nenhum e fiquei com os dois” (sic).*

Dessa maneira, fica claro que a mãe apresentou a denominada ambivalência no período da gravidez, o que é considerado normal pela literatura especializada, pois, ter um filho é algo intenso e faz surgir sensações das mais variadas em diferentes intensidades (MALDONADO *et al.* 1979). Por tratar-se de um fenômeno complexo, ressaltamos que os familiares e meio social fazem parte desse processo (SOIFER, 1977) e podem auxiliar a mãe nesse período. Percebemos que a mãe, nessa fase, teve amparo dos filhos mais velhos, o que foi importante para intensificar o desejo de criar os filhos após o nascimento, como foi verificado a seguir:

*“(...) Só que aí depois meus filhos mais velhos ficavam falando que se eu desse meu filho que um dia isso um dia ia voltar me cobrar de algum jeito, e que a criança ia saber que*



*tinha uma mãe que não queria ficar com ela, e que eles sempre iam saber que tinham um irmão que a mãe deu. E que aonde come 3 come 4 que eu tinha que ficar com a criança” (sic).*

- **Relacionamento do Casal (Vida sexual e afetiva):**

Esta categoria corresponde às mudanças e estabilidade neste relacionamento, reação e sentimentos do pai pela gravidez e parto.

Observamos que a Sra.L. e o Sr.I. mantinham um relacionamento complexo desde o início de seu casamento até a separação ( período que a mãe estava grávida de Bernardo). Notamos uma relação marcada por agressões físicas. Sobre essa questão a mãe afirma:

*“Começou a me bater depois de 6 meses de casada, e nunca mais parou. Fiquei casada 20 anos com ele” (sic).*

Além de agredir a mulher, o Sr.I. também maltratava os filhos mais velhos de uma forma bruta como pôde ser verificado através do seguinte fragmento:

*“(…) O pai deles, que uma vez quebrou a perna do mais velho” (sic).*

Em relação à gravidez de Bernardo, percebemos que o pai não se envolveu de nenhuma maneira com mãe nem com a criança nessa fase. De acordo com Maldonado *et al.* (1979) há homem que evita se envolver com a gravidez, como se o processo fosse somente feminino. No entanto, parece que no caso do Sr.I., além do mesmo não ter se envolvido nesse nessa fase, as relações familiares já eram disfuncionais desde o início do casamento. Sobre o envolvimento do pai na gravidez a mãe relata:

*“O pai saiu de casa quando eu tava com 2 meses de gravidez. Depois quando os gêmeos tavam sentando ele tentou voltar de novo, e eu não quis” (sic).*

Sendo assim, Bernardo passou seu primeiro ano de vida sem o pai ou um substituto. O que pode ter sido prejudicial para o seu desenvolvimento, visto que para Aberastury (1978) há dois momentos em que o papel do pai adquire um destaque crucial e um desses momentos é entre os seis e os doze meses de vida, com a iniciação do triangulo edípico.

Apesar do casamento conturbado vivenciado por anos, a mãe quando estava grávida dos gêmeos, conseguiu expulsar seu marido de casa, demonstrando ser uma boa mãe, pois fez um corte para proteger seus filhos. Sobre essa questão a Sra.L. expressa:

*“Mande ele embora de casa porque ele me batia muito e nos meus filhos, não queria mais ele perto da gente” (sic).*

Todavia, observamos que a Sra.L. teve dificuldade de conseguir fazer com que o marido não voltasse para o lar e recebeu amparo externo:

*“O meu patrão da casa que eu trabalho me deu uma vez 4.000 reais pra eu dar pra ele pelo barraco que a gente morava que ele falou que ia parar de me perseguir, mas eu dei o dinheiro e não adiantou... ele continuava atrás de mim” (sic).*

Sendo assim, a mãe só conseguiu que o Sr. I. parasse definitivamente de ameaçá-la e persegui-la, quando teve ajuda da vizinhança onde mora:

*“Ele me batia muito, e um dia eu mostrei para a vizinha e ela falou que eu tinha que denunciar ele, só que onde eu moro se eu chamasse a policia ia dar problema pra mim, então um dia eu falei com uns conhecidos meu no meu bairro e contei o que estava acontecendo, então eles falaram que iam falar com ele para ele parar, e que se ele não parasse se eu aparecesse mais uma vez machucada, que eles iam matar ele, ai ele foi embora de volta pro norte e nunca mais apareceu” (sic).*

- **Atitudes em relação ao período pós-nascimento:**

São incluídos nessa categoria dados referentes às atitudes dos pais em relação à criança, como e quanto os acontecimentos neste período puderam influir no desenvolvimento da criança.

No que se refere à mãe, observamos novamente uma atitude de rejeição após o nascimento, quando afirma que ficou triste e que tinha raiva dos filhos como pode ser verificado no fragmento a seguir:

*“Quando os gêmeos nasceram, eu fiquei muito triste. Porque eram meninos e porque eu não queria ter né. Eu tinha muita raiva deles” (sic).*

Percebemos ainda esse mesmo sentimento quando a mãe fala que não tinha vontade de amamentar seus filhos. Sobre essa questão a Sra.L. expressa:

*“Eu não queria dar de mamar para eles, e não era por falta de leite, porque eu tinha tanto leite que escorria, eles tinham que beber leite de outras pessoas, porque eu não tinha vontade de dar de mamar” (sic).*

Dessa maneira, a mãe expressa com muita clareza o sentimento de rejeição, o que é difícil para a maioria das pessoas, pois vivenciam o lado de não querer como algo errado e inaceitável (MALDONADO *et. al.* 1979). No entanto, essa atitude de contradesejo é baseada em evidências persecutórias que se devem à elaboração do conflito edipiano, consideradas normais por Soifer (1977).

Verificamos que Sra.L. precisou novamente de um amparo externo para que ela conseguisse amamentar os filhos. Nesse momento, logo após o nascimento, quem a amparou foram profissionais da saúde como foi observado através do seguinte fragmento do discurso:

*“Fiquei assim 5 dias, a enfermeira conversava bastante comigo, e me explicava pra eu tentar, pegar eles e tal, mas eu não queria, só depois de 5 dias, e depois que chamaram a psicóloga para conversar comigo é que eu quis e ai dei de mamar para eles, e deixaram que ir embora para casa” (sic).*

Ressaltamos que, após um ano de nascimento dos filhos, no qual a mãe permaneceu sem nenhum companheiro, um senhor chamado Sr.C. foi morar com ela e a amparou, ajudando a criar Bernardo. Sobre essa questão:

*“Depois de que os gêmeos tinham 1 ano, um senhor mais velho veio morar comigo, mas não fui casada no papel, só moramos juntos, durante 8 anos, ele era separado e já tinha 2 filhos, mas eram grandes e era separado, ele era aposentado” (sic)*

- **Atitudes e expectativas da mãe para a criança:**

Nesta categoria, os dados foram levantados a fim de verificar como a criança está para a mãe, ou seja, como se encontra essa relação afetiva.

A Sra. L. pareceu ser uma mãe que ampara seus filhos como verificamos através do seguinte fragmento do discurso:

*“(…) E eu falei pra ela que tudo o que tiver no meu alcance pra fazer eu vou fazer” (sic).*

Observamos esse sentimento também quando a Sr.L. expressa sobre as expectativas em relação ao futuro de Bernardo:

*“O Bernardo fala que quer ser bombeiro, eu falo que ele tem que estudar muito e que se ele estudar bastante ele vai conseguir” (sic).*

Notamos que a Sra.L. cumpre com a função materna, visto que, quando os gêmeos repetiram a 2ª série, a mãe tomou uma iniciativa a fim de proteger os filhos, exigindo que fossem reprovados por acreditar que seria importante, pois, visando ao futuro dos filhos, estava oferecendo o melhor:

*“O único problema que eles tiveram na escola é que eles repetiram a 2 série, quando eles tinham 6 anos o irmão gêmeo de Bernardo caiu na escada da escola, e quebrou a bacia, ficou internado no hospital 3 meses. E eu trabalhava, então o C. revezava comigo mas ai não tinha quem levar e pegar o Bernardo na escola, então eles perderam 3 meses de aula. No final do ano, a escola queria passar eles de ano, mas eu não quis, eles não sabiam nada, tinham perdido 3 meses, tive que ir ate a Seduc e eles também la não queriam reprovar eles, mas eu exigi que eles fossem reprovados, e ai eles foram” (sic).*

Ainda parece proteger também os filhos através do controle, não deixando que eles fiquem na rua. Sobre essa questão a Sra.L. afirma:

*“Eu não gosto que eles fiquem na rua, na rua não aprende nada de bom, ainda mais na favela, eles vem pra cá, depois pra escola e depois pra casa. Eu não gosto de ir na casa de ninguém e nem gosto de receber ninguém, as vezes as pessoas nem sabem quantos filhos eu tenho porque eles não ficam na rua” (sic).*

Essa questão de não deixar os filhos na rua, também pode estar relacionada particularmente à sua própria história, pois a Sra. L. já foi moradora de rua, como foi relatado pela mesma, conforme declaração abaixo:

*“Eu morava em recife antes, eu fiquei morando 7 meses em baixo do viaduto porque eu não tinha aonde morar, e eu ia na casa de uma senhora pra ela me dar comida, e uma vez ela falou pra mim que se eu não queria morar la com ela e em troca eu ajudava a criar o filho dela, e eu fui” (sic).*

Através desse relato da mãe, pode-se dizer que a ela não quer que os filhos fiquem na rua desamparados como ela já ficou. Verificamos ainda esse sentimento de desamparo quando a Sra. L. fala sobre a morte do seu companheiro e sua preocupação em relação ao filhos:

*“Não é fácil... porque antes eu tinha o C. e agora eu to sozinha, e eu não posso deixar meus filhos por aí sabe? Eles são pequenos não vou deixar eles (chora). Tem dias que eu choro muito, mas com fé em deus vai tudo melhorar” (sic).*

Observamos que a relação do Sr. C. com os gêmeos desencadeiam na mãe um apego maior com as crianças, como se fossem a representação do companheiro, diferente dos filhos mais velhos, os quais são a representação do primeiro marido, como foi verificado a seguir:

*“No começo eu não queria ter eles, mas agora se bobiar eu tenho mais amor pelos gêmeos do que pelos outros dois” (sic).*

- **Atitudes Pai/Criança:**

Incluíram dados a respeito da relação pai/filho.

Apesar de o pai biológico ter saído de casa quando a mãe ainda estava grávida de Bernardo, parece que o substituto que criou os meninos desde um ano de idade exerceu a função de pai, pois compôs a dupla mãe-filho como uma presença real e afetiva e não apenas como interditor (NOTO, 2001). Sendo assim, o substituto foi um pai presente e identificado com as exigências contemporâneas da família, mostrando afetividade de modo oposto à concepção tradicional que exigia distanciamento físico e afetivo (GOMES; RESENDE, 2004) e não reduzindo seu envolvimento apenas ao sustento econômico (SILVA; PICCININI, 2007). Notamos com clareza esse aspecto a partir da fala a seguir:

*“Ele que me ajudou a criar os gêmeos, ele tinha um amor muito grande por eles” (sic).*

Verificamos que, além da afetividade, o envolvimento do Sr. C. em relação à divisão de tarefas das crianças, mostrando que esse universo não se restringe só a mãe e que o pai também pode ter um relacionamento com os filhos marcado por alegria, prazer e também dividir com sua esposa as responsabilidades pelas crianças, como verificou Silva e Piccinini (2007). Dessa maneira o casal pode compartilhar do cuidado com os filhos (SCHNEIDER; TRINDADE; MELLO; BARRETO, 1997; WAGNER; PREDEBON; MOSMANN; VERZA, 2005), como foi o caso do Sr.C. e da Sra.L., observado através da seguinte fala:

*“Ele me ajudava muito com os gêmeos, pegava e levava na escola, ajudava com o dever de casa, ele que ensinava as coisas pra eles” (sic).*

Além da demonstração de afeto e divisão de tarefas que indicam que o substituto cumpriu com sua função, verificamos que os filhos o identificaram como pai. Sobre essa questão a Sr.L. afirmou:

*“Eles chamavam ele de pai C., mas eles sempre souberam que ele não era o pai verdadeiro. E quando os meus filhos mais velhos falavam que ele não era o pai verdadeiro os gêmeos respondiam: e daí? Ele é quem cuida da gente e ta sempre aqui”(sic).*

Dessa maneira, os filhos identificavam-no como pai e que o Sr.C. ocupa de fato um lugar na estruturação psíquica do filho, cumprindo efetivamente com a função paterna, segundo Noto (2001). Notamos ainda uma grande admiração de Bernardo pelo Sr.C., questão essa fundamental, pois o pai deve ser visto, apesar da fantasia, como um ser forte, maduro, capaz de suportar e resolver as dificuldades com vigor, alegria, jovialidade e intrepidez (MANHÃES, 1981). Sendo assim, apesar de não ser o pai biológico das crianças, Bernardo o identifica como figura paterna presente real e afetivamente, indicando que, sentir-se pai não está determinado pelo laço biológico (BUSTAMANTE, 2005) e que a presença de um substituto pode compensar a perda de um pai ausente no lar, restaurando o arranjo familiar, como afirmou Hetherington, Bridges e Insabella (1998).

Essa relação entre o Sr. C. e os gêmeos pareceu despertar inveja dos irmãos mais velhos do pai dos irmãos mais novos, como pode ser verificado a seguir:

*“Os meus filhos mais velhos não chamavam ele de pai, e uma vez falaram para os gêmeos que eles não deviam chamar ele de pai porque ele não era o pai deles” (sic).*

Ressaltamos a morte do substituto em um período recente e que Bernardo estava junto ao Sr.C. quando ocorreu esse fato, presenciando a morte do “pai”, como foi verificado através do fragmento do discurso a seguir:

*“Mas ele morreu faz 7 meses, de um ataque fulminante no coração com 62 anos, ele tava andando com o Bernardo na rua, e falou para ele se afastar, e caiu no chão, quando a ambulância chegou ele já tava morto” (sic).*

Sendo assim, Bernardo vivencia processo de luto e a partir da relação que tinha sido estabelecida entre o Sr. C. desde um ano de idade, essa relação está marcada de sentimentos e atitudes de pai para filho, compreendemos, portanto, como está sendo difícil para a criança aceitar a morte de Sr. C., muitas vezes negando o fato e afirmando que ele não morreu e que está apenas viajando. Sobre essa questão a mãe afirma:

*“Até hoje eles falam do pai C., o Bernardo sonha quase toda noite com ele, e fala dormindo eu escuto. E eu já escutei o Bernardo falando dormindo: “Pai C. sai daí” e de manhã ele vem me falar que sonhou com ele, e que parecia que ele não tinha morrido que ele tava lá ainda, e que parece que ele só tá viajando, mas que ele vai voltar” (sic).*

De acordo com Tomas (1956), a morte do pai provoca na criança conflitos intensos, entre os quais aparecem sentimentos de culpa, temor, dor e saudade. Notamos com clareza que Bernardo sente muita falta do Sr. C. através da seguinte fala da mãe:

*“O C. era o único que torcia pro São Paulo e quando tem jogo eles penduram a camisa do São Paulo que eles não me deixaram dar, e ficam falando: onde você estiver você tá torcendo né, olha o seu time aí. Eu acho que eles sentem muita falta dele” (sic).*

A elaboração do luto é um processo por si só difícil e doloroso de realizar, segundo Tomas (1956). No entanto, para o autor, o equilíbrio mental prévio às circunstâncias da morte, a atitude dos familiares com relação ao fato e à forma como é comunicado são fatores que podem dificultar ou facilitar o processo. Parece que a Sra.L. contribuiu nesse sentido, pois explica para Bernardo que o Sr.C. não vai voltar, trazendo dados da realidade como pode ser verificado a seguir:

*“Eu falo pra ele que ele viu a ambulância levando ele e tal, e que ele não vai voltar, mas ele fala que ele tá viajando” (sic).*

Assim, a morte de Sr.C. pode promover diversos sentimentos em Bernardo, afinal, ele perdeu sua figura paterna e um pai que exercia sua função de uma maneira adequada e sadia, o que é fundamental para o desenvolvimento da criança. Notamos com esse fato que Bernardo talvez irá entrar na adolescência sem uma figura paterna, período esse que, de acordo com Aberastury (1978), essa figura é essencial, pois é quando a maturação genital obriga a criança a definir seu papel na procriação, no caso dos meninos com o aparecimento da semenarca. Enfatizamos essa questão, pois Bernardo vivencia a ausência real de sua figura paterna e sabe-se que, apesar da importância ser semelhante de pai e mãe, a parte desempenhada pelo pai é

diferente da mãe, como assegurou Klein (1967). De modo que, com a morte do Sr.C., a criança pode estar vivenciando uma considerada situação de risco por conviver com apenas um dos pais (HETHERINGTON, 1979) e desencadear sentimentos em relação a esse conflito que dificultem a sua adaptação.

- **Atitudes de outros membros da família/criança:**

Essa categoria refere-se à possibilidade de outros membros da família exercerem influência sobre a criança.

Observamos que a mãe elegeu o filho mais velho como quem dita as regras, como quem impõe e que ainda protege os irmãos mais novos:

*“Então eu agora prefiro ficar sozinha, e meu filho mais velho já me falou que agora ele é grande, e que ainda tem os gêmeos que são pequenos, e que se alguém fizer mal pra eles, que ele não vai perdoar e que vai acabar em coisa pior, então é melhor ficar sozinha mesmo” (sic).*

Além de proteger os gêmeos, verificamos que existe uma rivalidade dos irmãos mais velhos com os mais novos. Os irmãos mais velhos têm inveja do pai ( Sr. C) que os gêmeos tiveram e eles não, pois foram criados apenas pela mãe. Sobre esse sentimento a Sra.L. expressa:

*“Os filhos mais velhs têm um pouco de raiva e falou que porque eu tive 2 filhos e ainda depois mais 2 filhos, com o pai, falou que não queria ter o nome do pai registrado, que querem tirar. Os gêmeos também foram registrados por ele” (sic).*

- **Estado atual da criança:**

Inclui dados a respeito de como a criança sente e reage frente à situação parental e como está frente ao mundo externo.

Bernardo não apresenta problemas graves de comportamento conforme o relato da mãe a seguir:

*“Eles gostam muito de vir pra cá e pra escola, e todo mundo fala de como eles são educados, nunca tive problema de comportamento com eles” (sic).*

No entanto, a Sra. L. conta que a criança está apresentando problemas na fala:

*“Eu vim hoje falar com a fono também porque ela acha que ele é gago” (sic).*

Além de problema da fala, a mãe relatou também que Bernardo está começando a apresentar dificuldade de aprendizagem:

*“Eles não vão mal na escola, o Bernardo que agora ta tendo uns problemas, de confundir as letras” (sic).*

Visto que Bernardo começou apresentar dificuldade de aprendizagem recentemente, esse problema pode estar relacionado com uma questão afetiva (e não cognitiva) mais especificadamente com morte da figura paterna. Isso porque pesquisas observam que o envolvimento do pai afeta a dedicação dos filhos aos estudos, com impactos no seu desenvolvimento acadêmico (VIZZOTTO, 1988; CIA; D' AFFONSECA; BARHAM, 2004). O pai que desperta a criança para o desejo de aprender, parece que o Sr.C. exercia sua função de pai com um grande envolvimento com o filho, inclusive nas atividades acadêmicas, o que facilitava o sucesso escolar. Sobre essa questão a Sr.L. afirma:

*“(...) Quem ajudava bastante eles com a lição de casa era o C., ele tinha uma paciência com eles” (sic).*

Assim, a ausência do padrasto pode estar desencadeando sentimentos de desamparo, de inferioridade e de abandono, o que pode prejudicar o desempenho escolar da criança, como já havia afirmado Aberastury (1978).

- **Transtornos orgânicos:**

Compreenderam dados a respeito de possíveis transtornos orgânicos que a criança apresenta ou apresentou como e quando

A Sra. C. afirma que os gêmeos tinham bronquite desde bebê, no entanto, atualmente não apresentam mais o problema, como foi verificado a seguir:

*“Eles tinham bronquite desde bebê, mas desde um ano pra cá, o C. colocou eles na piscina e nunca mais eles tiveram” (sic).*

Devemos considerar na dinâmica psicológica uma junção de fatores que polarizam os aspectos afetivo-relacionais tais como os aspectos sociais, de produtividade e os orgânicos (SIMON, 1998). De modo que não podemos nos abster de considerar que o transtorno apresentado no caso de Bernardo é importante de ser visto - a bronquite. Porém, cremos que necessitaríamos de mais dados para atribuí-las a qualquer tipo de etiopatologia. Para a observação clínica específica mais aprofundada, caberiam novos trabalhos.

- **Ambiente familiar:**

Incluíram dados sobre o próprio ambiente físico - organização, higiene.

O ambiente físico parece ser adequado para o desenvolvimento da criança, sendo que moram a Sr.L. e seus filhos, como foi verificado a seguir:

*“Mora na minha casa eu e os meus filhos só, agora que o C. morreu, o meu filho mais velho mora com uma moça e esta trabalhando, então ele vem pouco em casa, mas os outros moram comigo” (sic).*



Em relação a hábitos e higiene, observou-se que Bernardo está adequado a sua idade e possui autonomia, como a mãe afirmou;

*“Banho eles tomam sozinhos” (sic).*

### **ANÁLISE DO PRODECIMENTO DE DESENHO-ESTÓRIAS COM TEMA:**

A seguir são apresentados os dados de um único encontro com a criança que teve uma duração aproximada de 50 minutos. Visando facilitar a compreensão do leitor é apresentada uma síntese da análise das produções gráficas e estória propostas por Trinca (1997) e Tardivo (1997).

#### **Dados do Rapport:**

Bernardo afirma que tem nove anos, mora com a mãe, o pai e mais três irmãos. Sobre os irmãos relata que um é da mesma idade (gêmeo) outro é mais velho e outro mais novo. Fala que gosta de ir à natação e nadar de costas, de prender a respiração em baixo da água e que consegue ficar bastante tempo. Diz que gosta de jogar bola e que jogam bola na natação também. Gosta de ir à escola e de freqüentar a instituição e fazer lição da instituição. E que gosta de desenhar.

#### **Primeira Unidade de Produção (Criança com 10 anos)**

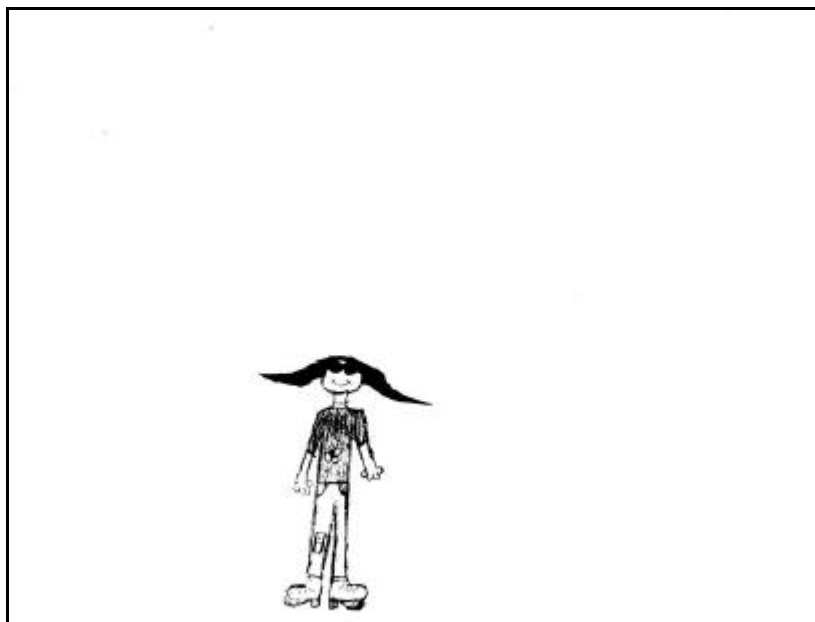


Fig. 5- Primeira unidade de produção gráfica - Bernardo

Estória da primeira unidade de produção:

*“Era uma vez uma menina de 8 anos e tinha um dia que ela fez aniversário e ficou feliz. Ela ficava com o olho se mexendo e mãe um dia perguntou o que ela tinha, e levou ela em um homem, pra fazer exames e o homem disse que ela ia precisar óculos, e ela ficou triste porque achava que ia ficar feia. O homem falou que ela ia ter que usar um óculos com uma lente boa não forte, quer dizer uma lente que ela ia ter que usar todo dia. Aí um dia a mãe chamou a filha pra ir no mercado, a menina falou que não queria ir porque as pessoas iam chamar ela de quatro olhos. A mãe falou que ninguém ia chamar ela assim, que era para ela ir mesmo assim, a menina falou que não queria ir. A mãe falou: Vamos logo, já estou perdendo muito tempo. Aí a menina foi, e queria uma camiseta para cobrir os óculos. E perguntou pra mãe: Por que eu nasci assim? A mãe respondeu: Se você não usar o óculos vai ficar assim pra sempre. Aí a menina perguntou pra mãe: Se alguém me chamar de quatro olhos o que eu faço? A mãe falou que era pra ela chamar a diretora da escola.*

*“... Aí um dia os moleques ficaram chamando ela de quatro olhos: quatro olhos, quatro olhos! Aí a menina ficou chorando, chorando. E a professora perguntou o que tinha acontecido com ela, ela disse que tinha ficado cega, e quando usava óculos ficava muito feia. Aí um dia a diretora da escola falou que se alguém chamasse ela de quatro olhos de novo, que ia ficar 30 anos, quer dizer um mês, 30 anos de castigo. Aí ninguém nunca mais chamou ela de quatro olhos e a menina ficou feliz”(sic).*

Título: A menina que não queria usar óculos

Inquérito:

Com quem essa menina mora?

R: Com a mãe, pai e um irmão.

Moram todos juntos?

R: Sim. E quando a menina chegava da escola chorando porque chamavam ela de quatro olhos, o pai conversava com ela, falava que ela não tinha que ligar pra o que os outros falam, e acalmava ela. Aí ela ficou feliz porque ninguém chamou mais ela de quatro olhos.

### Segunda Unidade de Produção (Pai da criança de 10 anos)

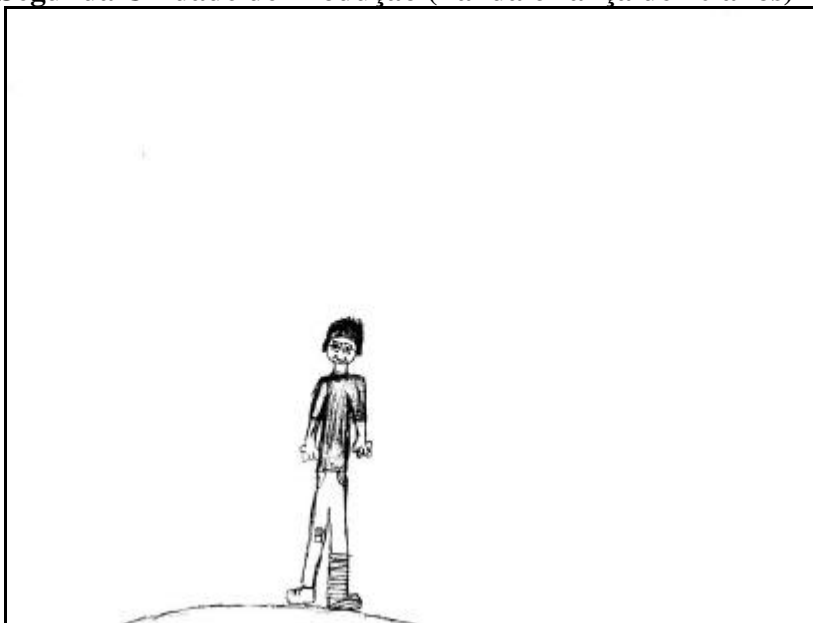


Fig. 6- Segunda unidade de produção gráfica – Bernardo

Estória da segunda unidade de produção:

*“Era uma vez um pai que trabalhava muito. A mãe ficava muito orgulhosa, sempre tinha comida na geladeira. Ele era pintor, fazia casa, computação, arte e era doutor, médico. Ele fazia 5 coisas. Aí ele fazia tudo de carro, ele ia e voltava, ia e voltava, não parava. Aí teve um dia que ele tava atrasado, de repente bate o carro, e as pessoas tiveram que tirar ele do carro. Aí ele quebrou o pé, aí ele foi pro hospital e fez raio x, enrolaram a perna esquerda dele com gesso. Não, não com gesso, só enrolaram. Aí ele voltou pra casa puxando uma perna, aí a mulher perguntou pra ele o que tinha acontecido ele falou que tinha sofrido um grave acidente. E que ele tinha uma reunião no trabalho importante que ele não podia perder. Mas a mulher falou que era pra ele ir descansar na cama que ele não ia sair, então ele falou que ia avisar que não podia ir na reunião. Aí um dia a perna dele tava com sangue, e ele foi no hospital, aí tiraram e colocaram de novo o gesso. Mas ele já estava cansado de perder tantos dias, aí foi no médico e perguntou: quanto tempo falta pra eu sarar? O médico falou: 2 dias. Aí ele voltou lá depois de 2 dias e perguntou: Já passou 2 dias e agora? O médico falou: “ vamos fazer exames, mas você vai poder voltar ao trabalho”. Aí tiraram o gesso e estava tudo arrumado, tudo certinho, aí ele voltou a trabalhar. E acabou. A mãe ficou feliz e os filhos também. Aí ele vendeu o carro, porque era muito perigoso, e comprou uma moto” (sic).*

Título: O homem que queria trabalhar muito.

Inquérito:

Quantos anos têm o pai que você desenhou?

R: 20 anos

Ele é casado?

R: É.

Tem filhos?

R: Tem. Uma filha de 5 anos e um filho de 6 anos. Eles já sabem falar e vão pra creche, ele dormem e comem na creche. O pai que levava os filhos pra creche de moto.

Você quer contar mais alguma coisa?

R: Quero. Teve um dia que o pai deu uma receita pra mãe fazer, e ficou muito boa a comida, todo mundo gostou. E a mãe queria fazer um programa de TV de fazer receitas, mas era muito caro. O pai perguntou: quanto é? A mãe respondeu: R\$ 1000,00. Aí o pai deu o dinheiro pra mãe, e ela ficou fazendo o programa de TV e ficou feliz.

O que é isso que você desenhou?

R: É uma pedra.

E onde está essa pedra?

R: É uma cachoeira.

E ele esta sozinho?

R: Não. Ele foi com os filhos dele. Ele levou os filhos pra lá com o gesso, e ta olhando os filhos nadarem.

### **SÍNTESE DA ANÁLISE DO PROCEDIMENTO DE DESENHO- ESTÓRIA COM TEMA:**

Ao relacionarmos os resultados obtidos na produção dos desenhos conforme as instruções, observamos o estabelecimento de uma relação com a figura paterna compreendida como positiva e gratificante. Há presença de sentimentos amorosos e qualidades favoráveis na interação com o padrasto.

A análise da verbalização associada ao grafismo indica um pai visto como provedor, presente afetivamente e continente, sendo tais características reconhecidas e enaltecidas pelos demais integrantes da família, em especial, pelo próprio participante.

O confronto com aspectos da realidade ligados à morte súbita do padrasto diante da criança, nos permite identificar também sentimentos ambivalentes ligados à culpa, ao medo da perda e abandono, à tristeza e à desproteção, necessitando suprir faltas básicas que o levam a dependência materna.

A perna quebrada na representação gráfica na figura paterna nos parece indicar a falta de funcionalidade na locomoção impedindo sua presença. Tais sentimentos desencadeiam desejos de abrigo, compreensão, de ser contido e manter as coisas da infância, representados por imagens de situações de convivência já vividas compartilhadas com o padrasto. Diante desses sentimentos, observa-se a presença de mecanismos de defesa ligados à projeção, ao deslocamento e à negação.

A representação gráfica aponta ainda para falta de confiança em si, timidez e sentimento de castração, com esforço consciente para demonstrar virilidade e adequação masculina. Evidencia-se a expressão de ansiedade de natureza paranóide elevada, direcionada para o ego especialmente aos próprios sentimentos e fantasias.

### **AValiação DO NÍVEL INTELCTUAL A PARTIR DO TESTE DAS MATRIZES COLORIDAS DE RAVEN- ESCALA ESPECIAL:**

De acordo com dados da entrevista realizada com a mãe, Bernardo está apresentando problemas na escola, trocando as letras. Observou-se, então, a necessidade de avaliação de seu nível intelectual. Assim sendo, ao aplicarmos a Escala Colorida do Teste de Raven nos deparamos com um total de 24 acertos com percentil equivalente a 60 conforme Normas Para Escolas Públicas apresentadas no Manual Tabela XXV (p. 133, 1999), tendo sido classificado como intelectualmente médio (III +).

A consistência da pontuação foi verificada na Tabela XXIII, conforme Angelini, Alves, Custódio, Duarte e Duarte (1999, p.131) e nenhuma diferença significativa foi constatada, ou seja, a soma algébrica das diferenças obtidas foi igual à zero ( $A=0$ ;  $Ab= -1$ ;  $B= 1$ ), indicando a validade do resultado obtido pela criança.

### **SÍNTESE DO CASO BERNARDO:**

Verificamos que no período da gravidez a mãe vivenciou o que foi denominado por Maldonado, Nahoum e Dickstein (1979) como ambivalência, caracterizada pela aceitação e não aceitação de ter o filho. A rejeição foi observada no relato sobre a possibilidade de não ficar com a criança após o nascimento bem como os enjôos vivenciados no período de gravidez (SOIFER, 1977). No entanto, a Sr.L. também expressou o desejo de ter o filho e teve amparo dos filhos mais velhos, intensificando o desejo de criar os filhos após o nascimento.

Esses sentimentos de querer e não querer são considerados normais pela literatura especializada (SOIFER, 1977; MALDONADO *et.al.* 1979), pois de acordo com os autores ter um filho é algo intenso e faz surgir sensações das mais variadas em diferentes intensidades.

Em relação ao seu casamento foi observado que a Sra.L. e o Sr.I. mantinham um relacionamento complexo desde o início de seu casamento até a separação. Uma relação marcada por agressões físicas contra ela e seus filhos. Apesar de um casamento conturbado vivenciado por anos, a mãe quando estava grávida dos gêmeos, conseguiu expulsar seu marido de casa, demonstrando ser uma boa mãe, pois fez um corte para proteger seus filhos. Notamos ainda em outras situações que Sra. L. cumpre com a função materna de uma maneira adequada amparando e protegendo seus filhos.

Apesar de o pai biológico ter saído de casa quando a mãe ainda estava grávida e de Bernardo ter vivenciado o seu primeiro ano de vida sem uma figura paterna, observamos o estabelecimento de uma relação com o padrasto compreendida como positiva e gratificante. A criança o identifica como pai indicando que o mesmo ocupa um lugar na estruturação psíquica da mesma, cumprindo efetivamente com a função paterna (NOTO, 2001). O padrasto para Bernardo é visto como provedor, presente afetivamente e continente, apontando para um pai que foi identificado com as exigências contemporâneas da família, mostrando afetividade (GOMES; RESENDE, 2004), compartilhando com a mulher o cuidado com os filhos (SCHNEIDER *et. al.* 1997; WAGNER *et. al.* 2005), não reduzindo seu envolvimento ao sustento econômico, demonstrando que esse universo não se restringe à mãe e que o pai também pode ter um relacionamento com os filhos marcado por alegria e prazer (SILVA; PICCININI, 2007). Sugerindo que, sentir-se pai não está determinado pelo laço biológico com a criança, como afirma Bustamante (2005), indicando que a presença de um substituto pode compensar a perda de um pai ausente no lar, como foi verificado por Hetherington, Bridges e Insabella (1998).

A partir dessa relação estabelecida do padrasto com a criança, podemos compreender como a morte do padrasto está provocando na criança conflitos intensos (TOMAS,1956). Foram identificados sentimentos ambivalentes ligados à culpa, ao medo da perda e ao abandono, à tristeza e à desproteção, necessitando suprir faltas básicas que o levam à dependência materna.

Estudos apontam que meninos filhos de pai ausente mostram-se mais dependentes e possuem o nível de autoestima afetado (HETHERINGTON, 1966; SANTROCK, 1970; MILLER, 1984). No caso de Bernardo foram identificados esses sentimentos de dependência, falta de confiança em si e timidez. O pai ausente também pode provocar um sério déficit

sexual na identidade sexual da criança, como já havia afirmado Aberastury (1978). Estudos constataram que meninos com o pai ausente eram significativamente mais femininos, menos agressivos com um pobre senso de masculinidade comparados com crianças com o pai presente (SANTROCK, 1970; BEATY, 1995). No presente estudo foi verificado essa dificuldade na identidade sexual na medida em que a criança apresentou sentimento de castração, com esforço consciente para demonstrar virilidade e adequação masculina.

Outra questão que pode estar relacionado com a privação paterna é a dificuldade de aprendizagem que Bernardo está apresentando, de acordo com os dados obtidos. Em relação a sua habilidade cognitiva, foi verificado que a criança possui capacidade para aprender, pois na avaliação intelectual foi classificado como intelectualmente médio. Sendo assim, essa dificuldade deve estar relacionada com aspectos emocionais, porém, mais especificadamente com a morte do padrasto, pois pesquisas observam que o envolvimento do pai afeta a dedicação dos filhos aos estudos, com impactos no seu desenvolvimento acadêmico (VIZZOTTO 1988; CIA; D' AFFONSECA; BARHAM, 2004). Observamos que a ausência da figura paterna pode estar desencadeando sentimentos de desamparo, inferioridade e abandono, pois o pai que desperta na criança o desejo de aprender, o que pode estar prejudicando o desempenho escolar de Bernardo como já havia afirmado Aberastury (1978).

Ressaltamos que no presente caso, a criança vivenciou seu primeiro ano de vida sem o pai e provavelmente irá entrar na adolescência também sem a figura paterna. Períodos que o pai, de acordo com Aberastury (1978), adquire um destaque decisivo, pois em cuja atuação real é decisiva para que a criança possa resolver os seus conflitos.

## V. CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA.

Considerando-se o interesse de investigar clinicamente as repercussões da ausência paterna sobre o desenvolvimento da criança bem como de descrever o conteúdo intrapsíquico de crianças com pais presentes e de crianças com pais ausentes no lar, foi possível percebermos que, a partir dos três casos estudados, Angélica, Natan e Bernardo, a ausência paterna pode gerar conflitos no desenvolvimento das relações psicoafetivas bem como cognitivo da criança.

No primeiro caso foi avaliado que Angélica apresentou indicativos de distúrbios na identidade sexual, sensação de desamparo, insegurança e tendências depressivas. Verificamos ainda um déficit cognitivo, sendo essa classificada como definitivamente abaixo da média na capacidade intelectual. Nesse caso, a hipótese clínica levantada, relaciona-se com uma inibição intelectual, dadas as condições de imaturidade psíquica e de relações psicoafetivas empobrecidas, dificultando assim a relação da criança com o mundo externo – que também é representado pela aprendizagem de novos conhecimentos. Associadas a essas hipóteses diagnósticas, observamos a privação paterna uma vez que tanto do ponto de vista factual, real, quanto ao interno, psíquico, Angélica demonstrou a percepção de um pai ausente. Do ponto de vista real, corroboram-se os fatos de negligência e distanciamento no que diz respeito à gravidez, parto e puerpério bem como posteriores cuidados com a criança. Do ponto de vista afetivo-relacional essa ausência foi amplamente observada em todas as projeções da criança. Esse aspecto da associação entre aprendizagem e ausência da figura paterna tem sido discutido e investigado por pesquisadores, desde a década de setenta, tal como mostramos na discussão do presente texto.

Outro fator essencial considerado nos casos estudados foi o fato de que, nas situações de ausência da figura do pai no desenvolvimento da criança, a função materna deve ser também minuciosamente observada clinicamente. A análise dos recursos emocionais e o tipo de relacionamento existente entre a mãe e o filho devem ser investigados, pois a mãe pode auxiliar, dificultar ou até impedir que o pai cumpra com a sua função. Notamos claramente essa dinâmica no caso de Natan, em que o pai era presente fisicamente, apresentava desejo de paternar, no entanto, a mãe não lhe permitia o estabelecimento de uma saudável relação triangular. Neste caso hipotetizamos o desencadeamento da atual inibição intelectual da criança, sinais de imaturidade, regressão, dependência, falta de controle, dificultando a busca pela autonomia, com a própria omissão paterna.



Observamos ainda que o exercício da função da paternidade não está necessariamente ligado a laços biológicos, como o apresentado no caso de Bernardo. Nesse caso, o substituto parece ter cumprido sua função de pai, constituindo um lugar na estrutura psíquica da criança, auxiliando-o em seu crescimento e desenvolvimento psicológico. A presença desse homem na vida dessa criança fora tão intensa e importante como fonte de identificação e afeto, que por ocasião de seu recente falecimento o menino apresentou sentimentos ambivalentes ligados à culpa, ao medo da perda e ao abandono, à tristeza e à (*des*) proteção, necessitando suprir faltas básicas que acabam por levá-lo a uma visível dependência materna. Também verificamos falta de confiança em si, timidez, dificuldade em relação à identidade sexual e inibição intelectual.

Percebemos nesses casos do presente estudo que a ausência paterna é aquela sentida pela criança e não necessariamente a falta da pessoa do pai propriamente dita, tal como mostraram outros trabalhos de sustentação psicanalítica. E que ainda sentir-se pai não está determinado pelo laço biológico com a criança, indicando que um substituto pode compensar a perda de um pai ausente no lar, cumprindo com essa função adequadamente e facilitando o desenvolvimento da criança.

Todavia, verificamos que uma criança sem a figura do pai, tendo um pai psicologicamente ausente ou muito fraco, pode apresentar falta de confiança em si, timidez, distúrbios na identidade sexual, insegurança, dependência, imaturidade, depressão e dificuldade de aprendizagem. Sendo assim, as modificações na estrutura da família contemporânea como a ausência do pai e as repercussões decorrentes dessa carência podem produzir diferentes expressões de conflitos nos filhos sem essa figura de pai.

Vale ressaltarmos que a intenção desse trabalho não foi a de generalizar os resultados deste estudo para outras crianças, ou mesmo, levar às descrições típicas de crianças com pais presentes e ausentes. Ao contrário, o objetivo foi explorar e descrever a experiência de crianças, contribuindo para uma construção teórica que possa servir de base para novas investigações.

Evidenciamos que o desenvolvimento pleno e saudável da criança poderá ser facilitado pela efetiva participação tanto da mãe como do pai em sua vida. Sendo assim, investigações e estudos dedicados ao tema da paternidade são tão importantes de serem explorados na atualidade quanto àqueles destinados à maternidade ao longo da história da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise.

Diante de tais conclusões, cabe-nos fazer algumas considerações no que tange ao método e às contribuições de estudos como esse para o desenvolvimento da ciência psicológica.

Em tal consideração, expressamos nosso anseio de que, mesmo ante ao fato de o método clínico psicanalítico, o qual se prima pela observação e se ancora no levantamento de hipóteses como conclusão final, seja alvo de críticas por sua falta de objetividade e que o presente estudo seja aceito pela comunidade científica, caso essa possa vir a considerar que a própria subjetividade implícita nos casos estudados seja parte de nosso instrumental clínico. É nessa mesma via de raciocínio que comungamos com as idéias de clássicos estudiosos da psicanálise de que é só com a complexidade do método que há possibilidade de observar e intervir na conduta dos seres humanos.

E nessa mesma perspectiva também esperamos que o presente estudo clínico de recorte diagnóstico, mesmo tendo utilizado uma pequena amostra e tentado se aprofundar nela, venha contribuir com a prática clínica e levantar, pelo menos, novas indagações acerca do fenômeno da paternidade e sua importância no desenvolvimento infantil.

Temos ainda expectativas quanto à realização de outros estudos epidemiológicos, com amostras maiores, estratificadas, de coorte transversal e mesmo longitudinais que tratem dessa temática tão complexa e tão preocupante em psicologia da saúde. Cabe-nos lembrar que, em se tratando de ausência paterna, os pesquisadores devem se atentar para o fato de que a ausência deve ser vista não como presença/ausência física do pai no lar, mas como presença/ausência psicológica ou de que consideramos “figura paterna”.

## VI. REFERÊNCIAS:

ABERASTURY, A. A paternidade. In: ABERASTURY, A.; SALAS, E.J. *A paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. p.41-87 (original de 1978).

\_\_\_\_\_. A entrevista inicial com os pais. In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. p. 81-97 (original de 1979).

AIELLO- VAISBERG, T.M.J. Investigação de representações sociais. In: TRINCA, W. (org). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos de famílias com estórias*. São Paulo: Vetor, 1997.p.255-287.

AMATO, P.R. The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and the family*, v. 62, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 jul. 2009.

AMATO, P.R.; GILBRETH, J.G. Nonresident Fathers and child well-being: a meta-analysis. *Journal of Marriage and the family*, v.61, 1999. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 jul. 2009.

ANGELINI, A.L.*et. al.* *Manual Matrizes Progressivas Coloridas de Raven: escala especial*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia, 1999.

ÂNGULO, M. *Estudo descritivo de sentimentos e reações emocionais de pais de adolescentes*. 2002. 143 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, 2002.

BAHM, R.M.; BILLER, H.B. Father absence, perceived maternal behavior, and masculinity of self-concept among junior high school boys. *Developmental Psychology*, v. 4, n.2, 1971. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 abr. 2008.

BEATY, L.A. Effects of paternal absence on male adolescents' peer relations and self-image. *Adolescence*, v. 30, 1995. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 abr. 2008.

BLEGER, J. A entrevista psicológica. In: \_\_\_\_\_. *Temas de Psicologia: Entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (original de 1980).

\_\_\_\_\_. O problema metodológico em psicologia. In: \_\_\_\_\_. *Psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989 (original de 1984).

BORNOLDT, E.A.; WAGNER, A.; STAUDT, A.C.P. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 01 jul. 2009.

BOWBLY, J. Algumas causas da doença mental. In: \_\_\_\_\_. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. cap 1.( original de 1976).

BRASIL – Ministério da Saúde, Conselho de Saúde. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196.doc>

BRAVER, S, H. *et al.* A longitudinal Study of Noncustodial Parents: parents without children. *Journal of Family Psychology*, v.7, n.1, 1993. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em: 03 jul. 2009.

BUSTAMANTE, V. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.10, n.3, set-dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 03 mar. 2008.

CABRERA, N, J *et.al.* Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, v. 71, n.1, 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em: 05 jul. 2009.

CIA, F.; D´AFFONSECA, S. M. ; BARHAM, J. E. A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v.14 n.29, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 08 jul. 2009.

COLEY, R.L. Children’s socialization experiences and functioning in single-mother households: the importance of fathers and other men. *Child Development*, v.69. n.1, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em: 12 set. 2009.

CRP - CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA Resolução 016/2000. Disponível em: [http://www.crp.org.br/a\\_orien/legislacao/resolucoes\\_cfp/fr\\_cfp\\_016-00.htm](http://www.crp.org.br/a_orien/legislacao/resolucoes_cfp/fr_cfp_016-00.htm). Acesso em: 19 set.2008.

EDWARDS, G.; DARE, C. col. Forças e Vulnerabilidade Pessoais no Contexto familiar e Social.In: BARNES, G.G *.Psicoterapia e Tratamento de adições.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. cap.3

EIZIRIK, M.; BERGMANN, D.S. Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do sul*, Porto Alegre, v.26, n.3, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 03 mar. 2008.

ENGLE, P.L.; BREAUX, C. Father’s involvement with children: perspectives from developing countries. *Society for research in child development*, v. 12, n.1, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em: 12 set. 2009.

FEIJÓ, M. C.; ASSIS, S. G. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n.1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 03 mar. 2008.

FERNÁNDEZ, A. O fracasso na aprendizagem. In: \_\_\_\_\_. *A inteligência aprisionada.* Porto Alegre: Artmed, 1991. p. 81-90.

FREITAS, D.S. *Adolescência e transtorno da conduta: caracterização de uma amostra de adolescentes infratores em cumprimento de medidas sócio-educativas e associação entre conduta e introjeção da figura paterna*. 2006. 99f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

FREITAS, W.M.F.; COELHO, E.A.C.; SILVA, A.T.M.C. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.23, n.1, Jan. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 03 mar. 2008.

FREITAS, W.M.F. *et al.* Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.43, n.1, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 01 jul. 2009.

FREUD, S. Sexualidade Feminina. Trad. J.Salomão. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.v.20, p.259-279 (original de 1931).

GOETZ, E. R.; VIEIRA, M.L. Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 195-203, abr.-jun. 2009.

GOMES, A.J.S.; RESENDE, V.R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 20, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 02 jul. 2009.

GOMES, M.C.A.P. O renascimento de Édipo ou a importância da função paterna na configuração das famílias atuais. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 843-871, 2001.

GUIDUBALDI, J.; CLEMINSHAW, H. Divorce, family health, and child adjustment. *Family Relations*, v. 34, 1985. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 abr. 2008.

HEIMANN, P. Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: KLEIN, M. HEIMANN, P. ISAACS, S. (Orgs) *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.p.136-184. (original de 1952).

HETHERINGTON, E.M. Effects of paternal absence on sex-typed behaviors in negro and white preadolescent males. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 4, n. 1, 1966. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 08 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. Effects of father absence on personality development in adolescent daughters. *Developmental Psychology*, v. 7, n.3, 1972. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. Divorce: a child's perspective. *American Psychologist*, v.34, n.10, 1979. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 abr. 2008.

HETHERINGTON, E.M.; BRIDGES, M.; INSABELLA, G.M. What Matters? What does not? Five perspectives on the association between marital transitions and children's adjustment. *American Psychologist*, v. 53, n.2, 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 abr. 2008.

HETHERINGTON, E.M.; STANLEY-HAGAN, M. The adjustment of children with divorced parents: a risk and resiliency perspective. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 40, n. 1, 1999. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 abr. 2008.

HULLEY, S.B. *et al. Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 mar.2008.

KLEIN, M. Uma contribuição à teoria da inibição intelectual. In: \_\_\_\_\_. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1981 p. 319-333 (original de 1931).

\_\_\_\_\_. *Psicanálise da Criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1981 (original de 1932).

\_\_\_\_\_. Paternidade: Ser pai. In: KLEIN, M. RIVIERE, J. *Amor, ódio e reparação*. São Paulo: Imago, 1975 p.113-115 (original de 1967).

MACCOBY, E.E. *et al.* Postdivorce Roles of Mothers and Fathers in the Lives of Their Children. *Journal of Family Psychology*, v.49, 1993. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 01 jul. 2009.

MALDONADO, M.T.;NAHOUM,J.C.DICKSTEIN,J. *Nós estamos grávidos*. Rio de Janeiro: Block Editores, 1979.

MANHÃES, M.P. Paternidade. *Revista brasileira de psicanálise*, São Paulo, v.15, n.4, p. 285- 296, 1981.

MILLER, T. Paternal absence and its effects on adolescent selfesteem. *International Journal of Social Psychiatry*, v.30, 1984. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 01 fev. 2009.

MONTEIRO, A.M. Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira. *Psicologia ciência e profissão*, Brasília, v.21, n.3, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 03 mar. 2008.

NASCIMENTO, L.C.R.; MONTEIRO, F.P.T. O feminino materno e o masculino filial: as dificuldades de aprendizagem como sintoma na criança. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v.8, Jun. 2007. Disponível em: < <http://www.fae.unicamp.br>> . Acesso em: 26 mai. 2009.

NOTO, I.S.B.S. Mater certa,Pater incertus.Sobre a possibilidade de exercer a função paterna. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 35, n.2, p.317-333, 2001.

OCAMPO *et.al* . A entrevista inicial. In: \_\_\_\_\_. *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p.21-25.

PARENTE, K.; LEÔNCIO, W.; TARDIVO, L.S.C. – A criança em situação de abrigo: intervenção junto à mãe social. In: TARDIVO, L.S.C; GIL, C.A. (Orgs) *APOIAR: novas propostas em psicologia clínica*. São Paulo: Savier, 2008, 483-502p.

PARSEVAL, G.D. *A parte do pai*. Porto Alegre: L&M, 1986.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A.M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2007. Disponível em: <[http:// www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>. Acesso em: 03 mar. 2008.

PIFFNER, L.J.; MCBURNETT, K.; RATHOUZ, P.J. Father absence and familial antisocial characteristics. *Journal of Abnormal Child Psychology*, v.29.n.5, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 01 fev. 2009.

PICCININI, C. A. *et al*. O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 17, n.3, 2004. Disponível em: <[http:// www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>. Acesso em: 03 mar. 2008.

SANTROCK, J.W. Paternal absence, sex typing, and identification. *Developmental Psychology*, v. 2, n. 2, 1970. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 05 abr. 2008.

SCHNEIDER, J.F. *et. al*. A paternidade na perspectiva de um grupo de pais. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v.18, n.2, p. 113-122, 1997.

SILVA, M.R. *Sentimentos sobre a paternidade e envolvimento de pais que residem e pais que não-residem com seus filhos*, 2003.182f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br>>. Acesso em: 09 mai 2009.

SILVA, M.R.; PICCININI, C.A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.24, n.4, 2007. Disponível em: <[http:// www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>. Acesso em: 03 mar. 2008.

SIMON, R. *Psicologia clínica preventiva : novos fundamentos*. São Paulo: Vetor, 1998.

SOIFER, R. *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980. (original de 1977).

SOUZA, A.S.L. *Pensando a inibição intelectual: perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

SOUZA, R.M. Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n.3, 2000. Disponível em: <[http:// www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>. Acesso em: 01 jul. 2009.

STEWART, K.A.C. *et al.* Effects of parental separation and divorce on very young children. *Journal of family psychology*, v.14,n.2, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 01 fev. 2009

TARDIVO, L.S.C. Análise e interpretação. In: TRINCA, W. (org.). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos de famílias com estórias*. São Paulo: Vetor, 1997.p.115-156.

TARNOWSKI, K.S. PRÓSPERO, E.N.S.; ELSEEN, I. A. A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada. *Texto Contexto em Enfermagem*, Florianópolis, v.14, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 02 jul. 2009.

TAVARES, M. A entrevista clínica. In: CUNHA, J. A. *Psicodiagnóstico – V. 5 ed.* Porto Alegre: Artmed, 2000.

TOMAS, P, I. Conflitos na elaboração do luto. In: ABERASTURY, A. *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. p. 180-188. (original de 1956).

TRINCA, W. *Investigação clínica da personalidade : o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. São Paulo: EPU, 1987.

\_\_\_\_\_. Apresentação e aplicação. In: TRINCA, W. (org.). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos de famílias com estórias*. São Paulo: Vetor, 1997.p.11-34.

TRINCA, A.M.T. Ampliação e Expansão. In: TRINCA, W. (org.). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos de famílias com estórias*. São Paulo: Vetor, 1997.p.35-65.

TRIVIÑOS, A.N.S. Pesquisa Qualitativa. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987. cap 5.

VAN KOLCK, O.L. *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: EPU, 2004 (original de 1984).

VIZZOTTO, M.M. *Ausência paterna e suas associações a psicodinâmica e ao aproveitamento escolar da criança*. 1988. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1988.

VIZZOTTO, M.M. *Psicodinâmica da paternidade: um estudo sobre homens que esperam o nascimento de seu filho*. 1994. 187 f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br>> Acesso em: 9 mai 2009.

VOLPE, M.R.H.B.; ALVIM, R.C.A. O papel de Pai. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA – Caldas Novas, 1986.



WAGNER, *et al.* Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 21, n.2, 2005. Disponível em: <[http:// www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>. Acesso em: 03 mar. 2008.

ZILL, N.; MORRISON, D.R.; COIRO, M.J. Long-term effects of paternal divorce on parent-child relationships, adjustment, and achievement in young adulthood. *Journal of Family Psychology*, v.7, n.1, 1993. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

# ANEXOS

## ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS MÃES

### I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Nome da criança:

Idade:      anos                      meses                      Data de nascimento:

2. Nome do Pai:

Profissão:    Salário

Escolaridade:    Idade:                      anos

AUSENTE (   )

PRESENTE (   )

Nome da mãe:

Profissão:    Salário:

Escolaridade:    Idade:                      anos

Horário de trabalho:    às

Recebe ajuda financeira de outras fontes:

Estado civil:

Data de Casamento:

3. Ordem de Nascimento:

Total de filhos:    Vivos:    Abortos

### 2. ATITUDES EM RELAÇÃO À GRAVIDEZ E PARTO

4. Criança Desejada/Planejada

5. Sentimentos da mãe com relação à gravidez

6. Reação do pai ao saber da gravidez

7. Relacionamento do casal na época da gravidez

8. Houve mudança no relacionamento do casal após gravidez/parto

9. Tiveram alguma doença nesta ocasião ( pai ou mãe)

10. Alguma ocorrência especial nesta ocasião
11. Quanto tempo de casados tinham quando nasceu a criança ( caso a mãe seja solteira, quanto tempo de relacionamento com o pai)

### 3. ATITUDES EM RELAÇÃO AO PERÍODO PÓS-NASCIMENTO

12. Mãe teve algum transtorno emocional após o nascimento da criança
13. Receptividade do pai em relação à criança após o nascimento
14. Quanto tempo após o nascimento houve separação do casal
15. Como a criança reagiu
16. Razões da separação
17. Evolução do processo de luto pela decepção das expectativas no parceiro e na vida em comum
18. Criança teve algum transtorno emocional durante os cinco primeiros anos

### 4. ATITUDES E EXPECTATIVAS DA MÃE PARA A CRIANÇA

19. Mãe frente ao aproveitamento escolar da criança
20. Mãe frente atividades sociais e cuidados pessoais da criança
  - escolha de amigos
  - participação em recreação
  - cuidados diários (banhos, organização do material escolar, tarefas escolares)
21. Expectativas
  - o que espera do filho futuramente
  - se fosse de outro sexo ( acredita que seria melhor ou pior)

### 5. ATITUDES PAI/CRIANÇA

22. Visitas do pai (caso separado)
23. Participação do pai em atividades socializadoras da criança
24. Pai frente ao aproveitamento escolar da criança
25. Relação pai-filho em geral

### 6. ATITUDES DE OUTROS MEMBROS DA FAMÍLIA/CRIANÇA

## 7. ESTADO ATUAL DA CRIANÇA

- 26. Onde dorme
- 27. Como dorme (pesadelos, terror noturno)
- 28. Como reage frente a situação parental
- 29. Acredita que gosta ou não da escola. Por quê?
- 30. transtornos orgânicos

## 8. AMBIENTE FAMILIAR

- 31. Ambiente físico, descrição
- 32. Quantos e quem vivem na mesma casa
  - presença de um modelo masculino
  - onde dormem as pessoas da casa

## 9. OUTROS DADOS

**Primeira unidade de produção gráfica - Caso 1: Angélica**

<b>Item</b>	<b>Característica</b>	<b>Interpretação baseada em Trinca (1987) e Tardivo (1997)</b>
<b>Tema do desenho</b>	Incompatibilidade com a idade	Imaturidade
<b>Tema da Estória</b>	Incompatibilidade com a idade	Imaturidade
<b>Título</b>	Inadequação do desenho/ inadequação à estória	Imaturidade

**Análise dos aspectos gerais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Posição da folha</b>	Horizontal	Nada a observar
<b>Localização da página</b>	4 quadrante	Passividade, atitude de expectativa diante da vida, inibição, reserva, nostalgia; desejo de retornar ao passado e/ou permanecer absorto em fantasia.
<b>Tamanho em relação à folha</b>	Pequeno	Inferioridade, inibição, constrição e depressão, comportamento emocionalmente dependente e ansioso.
<b>Qualidades do grafismo</b>	Linha média/traço contínuo	Nada a interpretar/ Decisão, rapidez, energia, esforço dirigido, auto-afirmação, mas também falta de sensibilidade e de vida, medo de iniciativas.
<b>Resistências</b>	Omissão do pescoço	Libertação ou perda de controle, desamparo perante os impulsos que assaltam o sujeito, imaturidade ou regressão, porque é uma realização infantil do desenho.

**Análise dos aspectos formais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Transparências</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Sombreamento</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Perspectiva ou movimento</b>	Estática	Nada a interpretar
<b>Tratamento diferencial das duas figuras</b>	Pequena diferenciação entre as figuras masculina e feminina	Fracasso em reconhecer o sexo oposto como diferente do seu próprio; desinteresse pelas características sexuais; desencorajamento à respeito ou medo na aceitação dos aspectos maduros do corpo.

**Análise dos aspectos de conteúdo baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Pés</b>	Encurtados ou distorcidos	Insegurança no caminhar e no estar no mundo; constrição, dependência.
<b>Mãos</b>	Em pétala	Pouca habilidade manual e infantilidade

**Primeira unidade de produção gráfica - Caso 1: Angélica**

<b>Grupo</b>	<b>Características</b>	<b>Interpretação baseada em Trinca (1987) e Tardivo (1997)</b>
<b>I - Atitudes básicas</b>	Insegurança	Necessidade de proteção, abrigo e ajuda; atitudes de submissão, inibição isolamento e bloqueio; percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter os impulsos; dificuldades em relação ao crescimento.
<b>II - Figuras significativas</b>	Figura materna positiva	Mãe sentida como presente, gratificante boa, afetiva, protetora, facilitadora, objeto bom e sentimentos positivos em relação à mãe
<b>III - Sentimentos expressos</b>	Sentimentos derivados do conflito	Incluem-se os sentimentos ambivalentes, que surgem entre os instintos de vida e de morte; ou seja, são próprios da fase da elaboração da posição esquizo-paranóide e da vivência da posição depressiva. Aparecem, nesses momentos, sentimentos de culpa, medos de perda e abandono, solidão, tristeza, deproteção, ciúme depressivo e outros.
<b>IV - Tendências e desejos</b>	Necessidades de suprir faltas básicas	Incluem-se as mais regredidas, como desejo de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente, de afeição primitiva, necessidades orais etc;
<b>V - Impulsos</b>	Destrutivos	Decorrentes do instinto de morte
<b>VI - Ansiedades</b>	Depressivas	Ansiedade encarada como ameaça dirigida ao objeto.
<b>VII - Mecanismos de defesa</b>	Projeção/ Isolamento/ Regressão a estágios primitivos.	

**Segunda unidade de produção gráfica - Caso 1: Angélica**

<b>Item</b>	<b>Característica</b>	<b>Interpretação baseada em Trinca (1987) e Tardivo (1997)</b>
<b>Tema do desenho</b>	Incompatibilidade com a idade	Imaturidade
<b>Tema da Estória</b>	Incompatibilidade com a idade	Imaturidade
<b>Título</b>	Inadequação do desenho/ inadequação à estória	Imaturidade

**Análise dos aspectos gerais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Posição da folha</b>	Horizontal	Nada a observar
<b>Localização da página</b>	Metade superior	Espiritualidade, misticismo, energia, objetivos muito altos, possivelmente inatingíveis, satisfação na fantasia, "estar no ar".
<b>Tamanho em relação à folha</b>	Pequeno	Inferioridade, inibição, constrição e depressão, comportamento emocionalmente dependente e ansioso.
<b>Qualidades do grafismo</b>	Linha média/traço contínuo	Nada a interpretar/ Decisão, rapidez, energia, esforço dirigido, auto-afirmação, mas também falta de sensibilidade e de vida, medo de iniciativas.
<b>Resistências</b>	Omissão do pescoço/ omissão do nariz/omissão da boca	Imaturidade ou regressão/ timidez, passividade, afastamento, sensação de desamparo ou sentimento de castração/ culpabilidade em relação à agressão oral, com tendências sádicas; encontradas em indivíduos patologicamente deprimidos e também em asmáticos.

**Análise dos aspectos formais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Transparências</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Sombreamento</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Perspectiva ou movimento</b>	Estática	Nada a interpretar
<b>Tratamento diferencial das duas figuras</b>	Pequena diferenciação entre as figuras masculina e feminina	Fracasso em reconhecer o sexo oposto como diferente do seu próprio; desinteresse pelas características sexuais; desencorajamento à respeito ou medo na aceitação dos aspectos maduros do corpo.

**Análise dos aspectos de conteúdo baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Pés</b>	Encurtados ou distorcidos	Insegurança no caminhar e no estar no mundo; constrição, dependência.
<b>Mãos</b>	Em pétala	Pouca habilidade manual e infantilidade



## Segunda unidade de produção gráfica - Caso 1: Angélica

Grupo	Características	Interpretação baseada em Trinca (1987) e Tardivo (1997)
<b>I - Atitudes básicas</b>	Insegurança	Necessidade de proteção, abrigo e ajuda; atitudes de submissão, inibição isolamento e bloqueio; percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter os impulsos; dificuldades em relação ao crescimento.
<b>II - Figuras significativas</b>	Figura paterna negativa	Pai ausente, omissor ameaçador, autoritário, além de outros sentimentos negativos em relação ao pai
<b>III - Sentimentos expressos</b>	Sentimentos derivados do conflito	Incluem-se os sentimentos ambivalentes, que surgem entre os instintos de vida e de morte; ou seja, são próprios da fase da elaboração da posição esquizo-paranóide e da vivência da posição depressiva. Aparecem, nesses momentos, sentimentos de culpa, medos de perda e abandono, solidão, tristeza, deproteção, ciúme depressivo e outros.
<b>IV - Tendências e desejos</b>	Necessidades de suprir faltas básicas	Incluem-se as mais regredidas, como desejo de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente, de afeição primitiva, necessidades orais etc.
<b>V - Impulsos</b>	Destrutivos	Decorrentes do instinto de morte
<b>VI - Ansiedades</b>	Depressivas	Ansiedade encarada como ameaça dirigida ao objeto.
<b>VII - Mecanismos de defesa</b>	Projeção/ Negação/ Idealização/ Isolamento	

**Primeira unidade de produção gráfica - Caso 2: Natan**

<b>Item</b>	<b>Característica</b>	<b>Interpretação baseada em Trinca (1987) e Tardivo (1997)</b>
<b>Tema do desenho</b>	Compatibilidade com a idade	Adequado para a idade
<b>Tema da Estória</b>	Compatibilidade com a idade	Adequado para a idade
<b>Título</b>	Adequação do desenho/ adequação à estória	Adequado para a idade
<b>Análise dos aspectos gerais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)</b>		
<b>Posição da folha</b>	Horizontal	Nada a observar
<b>Localização da página</b>	Metade direita	Extraversão, altruísmo, atividade, socialização, relação com o futuro, progresso.
<b>Tamanho em relação à folha</b>	Grande	Sentido de expansão e agressão; falta de controle e de inibição; narcisismo e idéias de grandeza que podem encobrir sentimentos de inadequação.
<b>Qualidades do grafismo</b>	Linha média/ traço contínuo	Nada a interpretar/ Decisão, rapidez, energia, esforço dirigido, auto-afirmação, mas também falta de sensibilidade e de vida, medo de iniciativas.
<b>Resistências</b>	Omissão da orelha	Sinal de indiferença em relação ao sexo masculino
<b>Análise dos aspectos formais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)</b>		
<b>Transparências</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Sombreamento</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Perspectiva ou movimento</b>	Estática	Nada a interpretar
<b>Análise dos aspectos de conteúdo baseada na interpretação de Van Kolck (1984)</b>		
<b>Pescoço</b>	Linha cortando-o	Acentua separação entre o controle e os instintos

## Primeira unidade de produção gráfica - Caso 2: Natan

Grupo	Características	Interpretação Trinca (1987) e Tardivo (1997)
<b>I - Atitudes básicas</b>	Identificação positiva	Sentimento de valorização, auto-imagem e autoconceito reais e positivos, busca da identidade e identificação do próprio sexo
<b>II - Figuras significativas</b>	Figura materna positiva/figura paterna positiva/figura fraterna (ou outras) positiva	Mãe sentida como presente, gratificante boa, afetiva, protetora, facilitadora, objeto bom e sentimentos positivos em relação à mãe/pai sentido como próximo presente, gratificante, afetivo, protetor, além de outros sentimentos amorosos e atitudes favoráveis em relação ao pai/ aspectos sobre o relacionamento com os irmãos e com outros iguais, ou seja, cooperação, colaboração, igualdade etc.
<b>III - Sentimentos expressos</b>	Sentimentos derivados do instinto de vida	São os mais construtivos, como alegria, amor, energia, instinto sexual, conquista, sentimento de mudança construtiva etc.
<b>IV - Tendências e desejos</b>	Tendências construtivas	São aquelas mais evoluídas, como necessidades de cura, de aquisição, de realização e autonomia, mas também de liberdade, de crescimento, de construtividade; desejos de canalizar energia sexual e agressiva, de recuperar partes sadias, de desligar-se de coisas infantis, de evitar danos físicos e/ou psicológicos
<b>V - Impulsos</b>	Amorosos	Decorrentes do instinto de vida
<b>VI - Ansiedades</b>	Depressivas	Ansiedade encarada como ameaça dirigida ao objeto.
<b>VII - Mecanismos de defesa</b>	Projeção	

**Segunda unidade de produção gráfica - Caso 2: Natan**

<b>Item</b>	<b>Característica</b>	<b>Interpretação baseada em Trinca (1987) e Tardivo (1997)</b>
<b>Tema do desenho</b>	Compatibilidade com a idade	Adequado para a idade
<b>Tema da Estória</b>	Compatibilidade com a idade	Adequado para a idade
<b>Título</b>	Adequação à estória	Adequado para a idade
<b>Análise dos aspectos gerais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)</b>		
<b>Posição da folha</b>	Horizontal	Nada a observar
<b>Localização da página</b>	Metade direita	Extraversão, altruísmo, atividade, socialização, relação com o futuro, progresso.
<b>Tamanho em relação à folha</b>	Médio	Nada a interpretar
<b>Qualidades do grafismo</b>	Linha média/ traço contínuo	Nada a interpretar/ Decisão, rapidez, energia, esforço dirigido, auto-afirmação, mas também falta de sensibilidade e de vida, medo de iniciativas.
<b>Resistências</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Análise dos aspectos formais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)</b>		
<b>Transparências</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Sombreamento</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Perspectiva ou movimento</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Análise dos aspectos de conteúdo baseada na interpretação de Van Kolck (1984)</b>		
<b>Pés</b>	Encurtados ou distorcidos	Insegurança no caminhar e no estar no mundo; constrição dependência
<b>Pernas</b>	Pequenas e frágeis ou curtas e finas/ disparidade no tamanho das pernas	Sentimento de deficiências ou declínio, de indivíduos com transtornos no desenvolvimento/ ambivalência no referencial ao impulso para autonomia.

## Segunda unidade de produção gráfica - Caso 2: Natan

Grupo	Características	Interpretação Trinca (1987) e Tardivo (1997)
<b>I - Atitudes básicas</b>	Oposição	Atitudes de oposição, desprezo, hostilidade, competição, negativismo, não-colaboração, desconsideração e rejeição aos outros.
<b>II - Figuras significativas</b>	Figura paterna negativa	Pai ausente, omissivo ameaçador, autoritário, além de outros sentimentos negativos em relação ao pai
<b>III - Sentimentos expressos</b>	Sentimentos derivados do instinto de morte	São os mais destrutivos, como ódio, inveja, ciúme persecutório, voracidade, desprezo etc.
<b>IV - Tendências e desejos</b>	Necessidades de suprir faltas básicas	Incluem-se as mais regredidas, como desejo de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente, de afeição primitiva, necessidades orais etc.
<b>V - Impulsos</b>	Destrutivos	Decorrentes do instinto de morte
<b>VI - Ansiedades</b>	Paranóides	Ansiedade encarada como ameaça dirigida ao ego.
<b>VII - Mecanismos de defesa</b>	Cisão/ Projeção/ Deslocamento/ Regressão a estágios primitivos	

**Primeira unidade de produção gráfica - Caso 3: Bernardo**

<b>Item</b>	<b>Característica</b>	<b>Interpretação baseada em Trinca (1987) e Tard (1997)</b>
<b>Tema do desenho</b>	Compatibilidade com a idade	Adequado para a idade
<b>Tema da Estória</b>	Compatibilidade com a idade/ compatibilidade com o desenho	Adequado para a idade
<b>Título</b>	Adequação do desenho/ adequação à estória	Adequado para a idade

**Análise dos aspectos gerais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Posição da folha</b>	Horizontal	Nada a observar
<b>Localização da página</b>	3 quadrante	Conflitos, egoísmo, regressão, fixação em estágio pri
<b>Tamanho em relação à folha</b>	Pequeno	Inferioridade, inibição, constrição e depressão, comportamento emocionalmente dependente e ansi
<b>Qualidades do grafismo</b>	Linha média/traço contínuo	Nada a interpretar/ Decisão, rapidez, energia, esfoi dirigido, auto-afirmação, mas também falta de sensibilidade e de vida, medo de iniciativas.
<b>Resistências</b>	Omissão do nariz	Timidez, passividade, afastamento, sensação de dese ou sensação de castração

**Análise dos aspectos formais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Transparências</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Sombreamento</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Perspectiva ou movimento</b>	Estática	Nada a interpretar

**Análise dos aspectos de conteúdo baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Cabelos</b>	Sombreamento forte/ muita atenção ao cabelo	Conflito de virilidade/ insegurança de adequação mas e esforço consciente pra demonstrar virilidade
<b>Bolsos</b>	Presença	Também dependência materna.
<b>Sapato</b>	Simbolo sexual	

**Primeira unidade de produção gráfica - Caso 3: Bernardo**

<b>Grupo</b>	<b>Características</b>	<b>Interpretação Trinca (1987)e Tardivo (1997)</b>
<b>I - Atitudes básicas</b>	Insegurança/ Identificação negativa	Necessidade de proteção, abrigo e ajuda; atitudes de submissão, inibição isolamento e bloqueio; percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter os impulsos; dificuldades em relação ao crescimento/ referem-se a sentimentos de menos valia, incapacidade, desimportância, identificação com o outro sexo, auto-imagem idealizada ou negativa e problemas ligados a imagem corporal.
<b>II - Figuras significativas</b>	Figura materna positiva/ Figura paterna positiva	Mãe sentida como presente, gratificante boa, afetiva, protetora, facilitadora, objeto bom e sentimentos positivos em relação à mãe/pai sentido como próximo, presente, gratificante, afetivo, protetor, além de outros sentimentos amorosos e atitudes favoráveis em relação ao pai;
<b>III - Sentimentos expressos</b>	Sentimentos derivados do conflito	Incluem-se os sentimentos ambivalentes, que surgem entre os instintos de vida e de morte; ou seja, são próprios da fase da elaboração da posição esquizo-paranóide e da vivência da posição depressiva. Aparecem, nesses momentos, sentimentos de culpa, medos de perda e abandono, solidão, tristeza, deproteção, ciúme depressivo e outros.
<b>IV - Tendências e desejos</b>	Necessidades de suprir faltas básicas	Incluem-se as mais regredidas, como desejo de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente, de afeição primitiva, necessidades orais etc;
<b>V - Impulsos</b>	Amorosos	Decorrentes do instinto de vida
<b>VI - Ansiedades</b>	paranoides	Ansiedade encarada como ameaça dirigida ao ego
<b>VII - Mecanismos de defesa</b>	projeção/deslocamento	

**Segunda unidade de produção gráfica - Caso 3: Bernardo**

<b>Item</b>	<b>Característica</b>	<b>Interpretação baseada em Trinca (1987) e Tardivo (1997)</b>
<b>Tema do desenho</b>	Compatibilidade com a idade	Adequado para a idade
<b>Tema da Estória</b>	Compatibilidade com a idade/ compatibilidade com o desenho	Adequado para a idade
<b>Título</b>	Adequação do desenho/ adequação à estória	Adequado para a idade

**Análise dos aspectos gerais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Posição da folha</b>	Horizontal	Nada a observar
<b>Localização da página</b>	3 quadrante	Conflitos, egoísmo, regressão, fixação em estágio primitivo
<b>Tamanho em relação à folha</b>	Pequeno	Inferioridade, inibição, constrição e depressão, comportamento emocionalmente dependente e ansioso.
<b>Qualidades do grafismo</b>	Linha média/traço contínuo	Nada a interpretar/ Decisão, rapidez, energia, esforço dirigido, auto-afirmação, mas também falta de sensibilidade e de vida, medo de iniciativas.
<b>Resistências</b>	Omissão do nariz	Timidez, passividade, afastamento, sensação de desamparo o sensação de castração

**Análise dos aspectos formais baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Transparências</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Sombreamento</b>	Ausência	Nada a interpretar
<b>Perspectiva ou movimento</b>	Estática	Nada a interpretar

**Análise dos aspectos de conteúdo baseada na interpretação de Van Kolck (1984)**

<b>Cabelos</b>	Sombreamento forte/ muita atenção ao cabelo	Conflito de virilidade/ insegurança de adequação masculina e esforço consciente pra demonstrar virilidade
<b>Bolsos</b>	Presença	Também dependência materna.



**Segunda unidade de produção gráfica - Caso 3: Bernardo**

<b>Grupo</b>	<b>Características</b>	<b>Interpretação Trinca (1987)e Tardivo (1997)</b>
<b>I - Atitudes básicas</b>	Insegurança	Necessidade de proteção, abrigo e ajuda; atitudes de submissão, inibição isolamento e bloqueio; percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter os impulsos; dificuldades em relação ao crescimento.
<b>II - Figuras significativas</b>	Figura materna positiva/ Figura paterna positiva	Mãe sentida como presente, gratificante boa, afetiva, protetora, facilitadora, objeto bom e sentimentos positivos em relação à mãe/pai sentido como próximo, presente, gratificante, afetivo, protetor, além de outros sentimentos amorosos e atitudes favoráveis em relação ao pai;
<b>III - Sentimentos expressos</b>	Sentimentos derivados do conflito	Incluem-se os sentimentos ambivalentes, que surgem entre os instintos de vida e de morte; ou seja, são próprios da fase da elaboração da posição esquizo-paranóide e da vivência da posição depressiva. Aparecem, nesses momentos, sentimentos de culpa, medos de perda e abandono, solidão, tristeza, deproteção, ciúme depressivo e outros.
<b>IV - Tendências e desejos</b>	Necessidades de suprir faltas básicas	Incluem-se as mais regredidas, como desejo de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente, de afeição primitiva, necessidades orais etc;
<b>V - Impulsos</b>	Amorosos	Decorrentes do instinto de vida
<b>VI - Ansiedades</b>	Depressivas	Ansiedade encarada como ameaça dirigida ao objeto.
<b>VII - Mecanismos de defesa</b>	projeção/negação	

## ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

#### *TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO*

Fui informado (a) da pesquisa que tem por objetivos: **investigar as repercussões da ausência paterna sobre o desenvolvimento da criança; descrever o conteúdo intrapsíquico de crianças com pais presentes e de crianças com pais ausentes no lar e investigar as repercussões da ausência paterna nas relações interpessoais e no âmbito acadêmico dessas crianças.** Para coleta desses dados de pesquisa, ou seja, para compreender melhor os aspectos psicológicos da criança em idade escolar serão realizados entrevistas e procedimentos psicológicos projetivos (desenhos) com a criança e também entrevista com a mãe, pois nos interessa as informações que a mãe venha nos oferecer a respeito do desenvolvimento do filho e das relações familiares.

O estudo coordenado pela docente: **Dra. Marília Martins Vizzotto** e pela pós-graduanda, psicóloga, **Mariana Tavares de Campos** da Universidade Metodista de São Paulo.

Declaro, ainda, ter compreendido as explicações feitas pela psicóloga e que eu e meu filho (a) não sofreremos nenhum tipo de prejuízo de ordem psicológica ou física e que nossa privacidade será preservada, pois entendi que essas informações são sigilosas.

Desse modo, concordo que os dados sejam publicados para fins acadêmicos ou científicos, desde que seja mantido o sigilo sobre a nossa participação e que nossas identidades não sejam reveladas.

Estou também ciente de que poderei, a qualquer momento, comunicar a minha desistência ou meu filho (a) em participar do estudo.

Portanto, eu, \_\_\_\_\_, consinto em participar e também que meu filho (a) participe desta pesquisa acadêmica

Santos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_\_.

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

**Documento de Identificação (R.G.):** \_\_\_\_\_

Contatos:

pospsicologia@metodista.br;

Marilia.vizzotto@metodista.br;

mari\_tcampos@hotmail.com

Universidade Metodista / Mestrado em Psicologia:

Tel -4366-5351

Assinatura do coordenador da pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura da Psicóloga Responsável: \_\_\_\_\_

## AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA CIENTÍFICA

**Instituição:** ARS- Ação de Recuperação Social

Vice-presidente: Sr<sup>a</sup> Myrian de Domenico Rodrigues

Endereço: Rua Manoel Barbosa da Silveira nº 239, Bairro Saboó

Santos - São Paulo

Fone: (13) 3296-2073

**Instituição parceira:** Programa de Mestrado em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo

Rua Dom Jaime de Barros Câmara nº 1000, Bairro Planalto

CEP 09895-400 - São Bernardo do Campo

Fone: (11) 4366-5351

Eu, Miriam vice-presidente da ARS- Ação de Recuperação Social , autorizo que seja realizada a pesquisa intitulada **“AUSÊNCIA PATERNA E SUAS REPERCUSSÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL”** que visa levantar dados sobre aspectos psicológicos de crianças em idade escolar que não dispõem da presença do pai no lar. Para tal pesquisa serão feitos contatos com as crianças em entrevistas dinâmicas e serão utilizados desenhos livres e desenhos-estórias. Também serão entrevistadas as mães dessas crianças.

A Pesquisadora, Mariana Tavares de Campos, mestranda em Psicologia da Saúde responsabiliza-se, segundo os parâmetros éticos que as informações serão sigilosas (aquelas que respeitam e preservam a identidade do participante). Entretanto, caso sejam detectados problemas de natureza psicológica nesses sujeitos, caberá encaminhar e tomar as providências necessárias para que a criança ou seu familiar receba cuidados necessários.

Santos, 09 de março de 2009.

---

Myrian de Domenico Rodrigues

RG:

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)